



UNITAU
Universidade de Taubaté

RCH

REVISTA

CIÊNCIAS HUMANAS

ISSN 2179-1120

VOLUME 15 • NÚMERO 2 (2022)

DOSSIÊ: Monteiro Lobato

**Vozes lobatianas em diálogo: possibilidades
e desafios de estudar Monteiro Lobato**



DESENVOLVIMENTO HUMANO
MESTRADO ACADÊMICO



Revista Ciências Humanas Universidade de Taubaté

Volume 15 n 2, Edição 32
2022

ISSN 2179-1120



UNITAU
Universidade de Taubaté

Revista Ciências Humanas

UNITAU - Universidade de Taubaté

Reitora: Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes
Pró-reitora de pesquisa e Pós-graduação: Profa. Dra. Monica Franchi Carniello

Equipe Editorial

Editora Chefe

Dra Alexandra Magna Rodrigues
Universidade de Taubaté, Brasil

Editoras Executivas

Ana Maria Gimenes Corrêa Calil
Universidade de Taubaté, Brasil

Angela Michele Suave
Universidade de Taubaté, Brasil

Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
Universidade de Taubaté, Brasil

Rachel Duarte Abdala
Universidade de Taubaté, Brasil

Conselho Editorial

Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Carlos Alberto Máximo Pimenta
Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Cidoval Moraes de Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Clarilza Prado de Sousa
Fundação Carlos Chagas, FCC, Brasil

Douglas da Silva Tinti
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Gladis Camarini
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil

José Rogério Lopes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Magali Aparecida Silvestre
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Maria Antonia Garcia de León Alvarez
Universidade Complutense de Madrid, Espanha

Maria Lúcia Martinelli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Mariana Aranha de Souza
Universidade de Taubaté, Brasil

Míriam Carmo Rodrigues Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Roberto Tadeu Iaochite
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Ruy Gomes Braga Neto
Universidade de São Paulo, Brasil

Suzana Ribeiro
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Secretaria dos cursos de mestrado

Tel: +55 (12) 3624-1657 - E-mail: prppg@unitau.br

ISSN: 2179-1120

Data da publicação: Julho de 2022

Classificação no Qualis da CAPES: B2

Diagramação: Agência Surta

Capa: ACOM/UNITAU

UNITAU - Universidade de Taubaté
Departamento de Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-graduação

E-mail: revista@rchunitau.com.br

Site: <https://www.rchunitau.com.br>

Telefone: +55 (12) 3624-1657

Rua Visconde do Rio Branco, 210, Centro,
12100-000, Taubaté, SP, BR.

Conselho Consultivo

Adilson Silva Mello
Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Ana Lúcia Manrique
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

André Luiz da Silva
Universidade de Taubaté, Brasil

Antônio Augusto Neto Mendes
Universidade de Aveiro, Portugal

Carlos Alberto Máximo Pimenta
Universidade Federal de Itajubá, Brasil

Cecília Pescatore Alves
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Cidoval Moraes de Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Débora Inácio Ribeiro
Universidade de Taubaté, Brasil

Elisa Maria de Andrade Brisola
Universidade de Taubaté, Brasil

Enio José da Costa Brito
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Gilmar Ribeiro dos Santos
Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil

Jacinta Sidegum Renner
Universidade Feevale, Brasil

Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Brasil

Jaqueline Sonati Girnos
Universidade de Taubaté, Brasil

José Carlos de Oliveira
Universidade Feevale, Brasil

José Geraldo da Rocha
Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Brasil

José Rogério Lopes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Leticia Maria Pinto da Costa
Universidade de Taubaté, Brasil

Lucília Regina de Souza Machado
Centro Universitário UMA, Brasil

Mabel Mascarenhas Torres
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Marcia dos Santos Macedo
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcia Maria Dias Reis Pacheco
Universidade de Taubaté, Brasil

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro
Universidade de Taubaté, Brasil

Maria Fatima Melo Toledo
Universidade de Taubaté, Brasil

Maria Regina de Ávila Moreira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Thereza Oliveira Azevedo
Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil

Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão
Universidade de Taubaté, Brasil

Patrícia Diana Edith Belfort de Souza Camargo Ortiz Monteiro
Universidade de Taubaté, Brasil

Patrícia Tovar
John Jay College Of Criminal Justice, New York, USA

Renato de Sousa Almeida
Universidade de Taubaté, Brasil

Renato Rocha
Universidade de Taubaté, Brasil

Roberto Borges
CEFET, Brasil

Roseli Albino dos Santos
Universidade de Taubaté, Brasil

Salvador Antonio Mireles Sandoval
.

Selvino Assmann
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Suelene Regina Donola Mendonça
Universidade de Taubaté, Brasil, Brasil

Vera Maria Antonieta Tordino Brandão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	5
Vanete Santana-Dezmann, John Milton	
O LUGAR SOCIAL DE FALA DE LOBATO E A CULTURA CAIPIRA.....	8
Luzimar Goulart Gouvêa	
LENDO LOBATO NA ESCOLA.....	14
Tatiane Cristina Costa, Francine Ricieri	
MONTEIRO LOBATO, A CIÊNCIA E A SUA CONTRIBUIÇÃO CONTRA A CEGUEIRA BOTÂNICA.....	25
Elisa Mitsuko Aoyama, Marcos Roberto Furlan, Andrea Dantas Souza	
MONTEIRO LOBATO E A COMIDA DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA.....	37
Aline Liz Faria, Alexandra Magna Rodrigues, Edna Maria Querido Chamon, Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão	
O JECA SEM POSSES: as condições sociais para a transformação do Jeca Tatu em Zé Brasil.....	46
André Luiz da Silva, José Wellington de Souza	
ENTRE A LITERATURA E A POLÍTICA: diálogo de mestres nas cartas de Monteiro Lobato a Cesídio Ambrogi.....	60
Pedro Henrique Rubim Alves, Rachel Duarte Abdala	
UM BAILE DE MÁSCARAS: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato.....	69
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
A FAMÍLIA MONTEIRO LOBATO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: os filhos Edgar e Guilherme.....	82
Denise Bertolucci	
RECADO À DONA CLEO (MONTEIRO LOBATO).....	93
José Carlos Sebe Bom Meihy	

DOSSIÊ MONTEIRO LOBATO

VOZES LOBATIANAS EM DIÁLOGO: possibilidades e desafios de estudar Monteiro Lobatos

Organizadores do dossiê

Prof. Dr. José Wellington de Souza
Universidade de Taubaté (UNITAU), Brasil

  Souza, JW

Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala
Universidade de Taubaté (UNITAU), Brasil

  Abdala, RD

Profa. Dra. Vanete Santana-Dezmann
Volkshochschule-Neuss, Alemanha

  Santana-Dezmann, V

Prof. Dr. John Milton
Universidade de São Paulo (USP), Brasil

  Milton, J

“Preto também é gente!” – as “calamidades” pretendidas por Monteiro Lobato

José Bento Monteiro Lobato, escritor, editor e empreendedor, nasceu em Taubaté, no interior de São Paulo, em 1882, e faleceu na capital do estado em 1948. Sua obra – de ficção e não-ficção – é marcada por uma preocupação indelével com os problemas nacionais, que demonstrava reconhecer e denunciava desde suas primeiras linhas publicadas e os quais tentou sanar ao longo de sua vida adulta. Tais problemas referiam-se, desde à falta de políticas públicas relacionadas à saúde e ao saneamento básico, até deficiências no âmbito da educação e cultura, passando pela desigualdade social e pelo subdesenvolvimento.

Na área da saúde e saneamento, Lobato uniu-se ao Instituto de Manguinhos – atualmente denominado Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – para defesa de políticas de prevenção a doenças. No âmbito industrial, defendeu a exploração de petróleo e minerais e chegou a investir nessa área, perdendo muito dinheiro e conquistando a antipatia de Getúlio Vargas. No entanto, Lobato nunca se calou diante do que considerava injusto ou incorreto. A irreverência, o sarcasmo e a ironia – principais características de sua personalidade, que se refletem diretamente em sua obra – o levariam à prisão. Mesmo preso, não se curvou diante da truculência do ditador Vargas, enviando-lhe da cela uma carta que agravou ainda mais sua situação, o que resultou no prolongamento de sua pena. Trabalhador incansável, aproveitou o cárcere para traduzir dezenas de livros, assegurando, assim, o sustento de seu lar. Sua preocupação com o próximo o levou a alfabetizar os colegas presidiários e a auxiliá-los a conseguir emprego depois de libertos – inclusive, contratou um deles como jardineiro em sua casa.

Ainda no âmbito dos empreendimentos industriais e comerciais, Lobato investiu na criação do

mercado editorial brasileiro, sendo responsável pela abertura da primeira editora nacional, incremento da produção e circulação de livros, bem como oferta de vários postos de trabalho para diversos tipos de profissionais, dentre os quais o de escritor e o de ilustrador, tornando-se responsável pela profissionalização do trabalhador intelectual no Brasil. Assim, ao mesmo tempo incrementou o público leitor. E foi nessa área que Lobato mais contribuiu, fosse como escritor, tradutor, crítico, fosse como editor e empreendedor. Ao escolher o que seria publicado e traduzido, decidia o que seria lido, quais autores seriam conhecidos e quais ideias seriam difundidas, influenciando, assim, a mentalidade de sua época – ou, ao menos, abrindo caminho para a circulação de novas ideias, diversas das que povoavam a mente da classe dominante.

Valendo-se de sua posição de escritor e editor, Lobato cria, por exemplo, um novo mundo em que a democracia e a liberdade, inclusive a liberdade de expressão, não tinham restrições: o Sítio do Picapau Amarelo, uma república comandada por uma mulher idosa com o auxílio de outra mulher, analfabeta e negra. E se nessa república a boneca de pano que ganhou vida tinha liberdade para ser rebelde – como todo pré-adolescente um dia passa a ser –, também a senhora negra, pobre e sem instrução formal, tinha liberdade para repreendê-la, para viajar à Europa com a finalidade de aconselhar os principais estadistas da época sobre como bem-governar e para afirmar, pela primeira vez na história da literatura brasileira, que “preto também é gente”.

Não é de se surpreender, portanto, que seus livros tenham sido considerados subversivos pelos detentores do poder, proibidos em algumas épocas e alimentado diversas fogueiras. Seu apelo para que se enxergasse o modo desumano com que as pessoas descendentes dos escravizados eram tratadas na sociedade brasileira no início do século XX, destinado diretamente ao coração dos leitores – pessoas pertencentes a estratos mais elevados da sociedade –, torna o conto “Negrinha” um ícone da literatura brasileira, posto a serviço da denúncia das injustiças sociais. O menos conhecido atualmente – mas não menos contundente – conto “Os negros” é outro exemplo dessa literatura. Graças ao teor desse conto, e de certas declarações suas, Lobato foi acusado de “espírita”, em uma época em que o termo espírita era xingamento. Aliás, se se quer acusar alguém injustamente, Lobato é o homem perfeito! Basta tomar a sério seus sarcasmos e ironias, ou deslocar frases e parágrafos de seus textos e do contexto e se tem uma lista de “defeitos”: além de espírita, Lobato já foi acusado de materialista, capitalista, comunista, progressista, retrógrado, reacionário, subversivo, visionário, descumpridor das leis do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA), que só seria fundado em 1989, e, por fim, racista. Esta penúltima acusação levou seu *Caçadas de Pedrinho*, livro publicado em 1933, ao banco dos réus em um longo processo que chegou ao Supremo Tribunal Federal, consumindo muitos reais do contribuinte, até o veredito final, proferido em dezembro de 2020. Graças à última acusação – que, ao que tudo indica, será substituída por outras tão logo se torne oportuno –, muitas matérias foram produzidas e críticas tecidas, até mesmo por quem afirma nunca ter lido seus livros. Mas por que Lobato incomoda tanta gente? Por causa da posição de destaque em que coloca duas mulheres em um mundo em que as mulheres de carne e osso sequer podiam votar? Por causa da importância que atribui às crianças – nas páginas de seus livros e fora delas –, ouvindo-as e respeitando sua natureza inquiridora? Por causa do reconhecimento de que somos todos iguais – apenas “vibração de éter”, conforme explica na voz do sábio Prof. Benson, em *O choque das raças ou o presidente negro*? Por causa da insistência na necessidade de se explorar o petróleo e os recursos minerais de nosso país, iniciando-se a industrialização, em uma época em que o Brasil importava de ideias a panelas? Por causa de sua crítica à exposição de Anitta Malfatti publicada em 20 de dezembro de 1917, quando ele era apenas um crítico de arte – considerado o melhor do país – do jornal *O Estado de São Paulo*? Neste caso, faz-se necessário retomar algumas informações talvez propositalmente esquecidas: a exposição, intitulada “Exposição de Pintura Moderna Anitta Malfatti”, contava com 53 obras da própria artista e outras de colegas seus norte-americanos, dentre os quais, Abraham S. Bolynson. Em seu “A propósito da Exposição Malfatti”, incluído posteriormente no livro *Ideias de Jeca Tatu* com o título “Paranoia ou Mistificação”, ao afirmar que havia dois tipos de arte, Lobato estabelece dois tipos de artistas: “[...] os

que veem normalmente as coisas e em consequência fazem arte pura” e “[...] os que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes surgidas cá e lá como furúnculos de cultura excessiva.”. Na mesma crítica, sobre o trabalho do cubista Bolynton, afirma: “Está ali entre os trabalhos da sra. Malfatti em atitude de quem prega: eu sou o ideal, sou a obra-prima” e, a Anita Malfatti atribui “talento vigoroso e fora do comum”, justificando sua avaliação: “Percebe-se, de qualquer daqueles quadrinhos, como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui umas tantas qualidades inatas, das mais fecundas na construção duma sólida individualidade artística”. Então, na opinião de Lobato, a qual categoria pertenceria Anitta – à dos adeptos do “futurismo, cubismo, impressionismo, e tutti quanti”, que ele tanto desprezava, ou à primeira? Sobre quem, de fato, recai sua cáustica crítica – sobre Anitta ou sobre Bolynton e companhia? Sobre as obras de Anitta ou sobre a porta que ela abriu para que obras genuinamente estrangeiras “contaminassem” a arte brasileira? Não é sem motivo que, na mesma crítica, Lobato pergunta “Quando nos virá a esplêndida coragem de sermos nós mesmos, como o francês tem a coragem de ser francês e o inglês de ser inglês, e o alemão de ser alemão?”. O fato de que “O Homem Amarelo”, quadro de Anita Malfatti que fez parte da exposição, ilustrou a capa da primeira edição de *Ideias de Jeca Tatu* talvez ajude a sanar eventuais titubeios de quem se proponha a responder a essa série de perguntas.

A lista das “calamidades” propagadas e protagonizadas por Lobato é extensa; quase tão extensa quando a lista de amigos e admiradores e, mais recentemente, detratores. Mas tudo isso é compreensível e de se esperar, pois uma personalidade como a de Lobato e a obra e os feitos que ele nos legou dificilmente deixariam de provocar reações. É por isso que até hoje, mais de meio século após sua morte, seu rosto e nome ainda figuram nas capas e nas páginas dos mais diversificados jornais, revistas, sites e blogs do país e do exterior, na esfera acadêmica e fora dela. É natural, portanto, que a Universidade de Taubaté, localizada na cidade que lhe serviu de berço, publique este dossiê que temos a honra de apresentar e de cuja organização participamos, juntamente com a Profa. Dra. Rachel Duarte Abdala e o Prof. Dr. José Wellington de Souza. Dentre os artigos criteriosamente selecionados, encontram-se temas diversificados sobre o autor e sua obra que certamente enriquecerão os conhecimentos do leitor e lhe fornecerão elementos para novas elucubrações.

A pluralidade das vozes que permeiam o discurso e as ações do notório e polêmico escritor brasileiro Monteiro Lobato apresentam desafios, e também múltiplas possibilidades de estudos acadêmicos. A partir dessa premissa, este dossiê apresenta um conjunto de textos, pesquisas e pesquisadores que trabalham os múltiplos aspectos e temáticas das obras e ações de Monteiro Lobato, em perspectivas contemporâneas, de caráter interdisciplinar, teórico e empírico. Os textos que compõem o dossiê assumem um olhar interdisciplinar que abrange aspectos teóricos e metodológicos sobre a obra de Lobato a partir de articulações de áreas e de aproximações entre questões que as perpassam. Esse olhar revela as nuances muitas vezes inexploradas e mesmo não percebidas da obra do escritor, e também sobre suas potencialidades de embasar observações e estudos sobre o mundo contemporâneo.

É com prazer, portanto, que convidamos quem se interessa por nossa cultura e história a experimentar o sabor de novos saberes aqui no dossiê “Monteiro Lobato” da Revista Ciências Humanas da UNITAU, que tem como tema “Vozes lobatianas em diálogo: possibilidades e desafios de estudar Monteiro Lobato”. Aproveitamos o ensejo para agradecer à Universidade de Taubaté por esta importante iniciativa e pela oportunidade de integrá-la.

Profa. Dra. Vanete Santana-Dezmann
Prof. Dr. John Milton

O LUGAR SOCIAL DE FALA DE LOBATO E A CULTURA CAIPIRA

Luzimar Goulart Gouvêa¹ 

RESUMO

O presente texto tem como **tema** o lugar social de fala de Monteiro Lobato e as relações desse lugar de fala com a cultura caipira. Como **perguntas norteadoras**, temos: Monteiro Lobato compreende o lugar de fala do caipira e reflete, no seu discurso, essa compreensão? Este trabalho se **justifica** por ajudar a construir uma reflexão acerca do discurso de Lobato que incide sobre o homem da cultura caipira. Os **objetivos** que aqui se perseguem são: a) identificar alguns discursos atinentes à cultura caipira e b) traçar um percurso do discurso de Lobato acerca dessa cultura. Como **embasamento teórico**, tem-se aquilo que nos esclarecem Candido (1978; 1987), Gomes (1980), Gouvêa (2013), entre outros. A **metodologia** empregada será a da pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Como **resultados**, tem-se que Lobato, inicialmente, não enxerga o homem caipira, estabelecendo contra ele um discurso preconceituoso, negando-lhe as formas de economia e de cultura. Paulatinamente, Lobato constrói uma visão dessa cultura de maneira mais justa, embora o imaginário dela tenha para sempre ficado marcado por seus preconceitos iniciais.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Cultura caipira. Urupês. Memória discursiva. Imaginário.

LOBATO'S SOCIAL PLACE OF SPEECH AND CAIPIRA CULTURE

ABSTRACT

The present text has as its theme the social place of speech of Monteiro Lobato and the relations of this place of speech with the caipira culture. As guiding questions, we have: Monteiro Lobato understands the place of speech of the caipira and reflects, in his speech, this understanding? This work is justified by helping to build a reflection on Lobato's discourse that focuses on the man of the caipira culture. The objectives pursued here are: a) to identify some discourses related to caipira culture and b) to trace a route of Lobato's discourse about this culture. As a theoretical basis, there is what Candido (1978; 1987), Gomes (1980), Gouvêa (2013), among others, explains. The methodology used will be bibliographic research, of a qualitative nature. As a result, Lobato, initially, does not see the redneck man, establishing a prejudiced discourse against him, denying him the forms of economy and culture. Gradually, Lobato builds a fairer view of this culture, although her imagination has forever been marked by her initial prejudices.

Keywords: Monteiro Lobato. Redneck culture. Urupês. Discursive memory. Imaginary.

¹ Universidade de Taubaté (UNITAU)

Autor Correspondente: Luzimar Goulart Gouvêa
E-mail: luzimargoulartgouvea@gmail.com

Recebido em 06 de Junho de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Monteiro Lobato é uma moeda corrente em Taubaté, cidade em que cresceu. Pouco mais de cem anos após o início da confecção de sua obra, Monteiro Lobato vem, dia a dia, perdendo seus leitores.

As duas afirmativas acima carecem de mais comentários. Sim, Monteiro Lobato é uma moeda corrente em sua cidade. Cooptado por autoridades políticas, por educadores (?), por pseudointelectuais, seu nome é emprestado para nome de ruas, praças, feiras, eventos e, como subprodutos, tem-se bibelôs, publicações superficiais, não de sua obra, mas acerca dela, a confecção de elogios e de discursos edulcorados sobre um Lobato que nunca existiu. Um Lobato com opiniões, contraditório, com equívocos, com acertos, com erros, com preconceitos nunca houve, na cabeça das elites locais. E deve ser banida para sempre essa imagem e os que a alimentam. O faturamento político com o uso da figura de Monteiro Lobato é o que interessa, como se houvesse um Lobato coeso, subserviente, localista (portanto bairrista), taubateano, terrivelmente taubateano: um Lobato de Taubaté, para Taubaté e por Taubaté.

A tecnologia alcançou Monteiro Lobato. De autor lido e vendido em profusão ao advento da televisão e, hoje, das mídias de que dispõem os mercados, Lobato, entretanto, vem perdendo seus leitores. Seus primeiros leitores, idealmente, pareciam ser muitos, fruto de um mercado editorial com poucos recursos e autores. Esses leitores mais antigos, entre crianças e adultos, certamente experimentaram e se deliciaram com a leitura de Lobato: um escritor instigante, criativo, competente e sedutor. Hoje, ao se tentar investigar acerca dos leitores de Lobato, verifica-se que poucos o leram. Todos falam de Monteiro Lobato, mas não o conhecem, mesmo os professores que o indicam. Em Taubaté, enche-se a boca para falar de Monteiro Lobato (e de Taubaté), esse atual desconhecido. Causa espanto em seus porventura novos leitores: a sedução do escritor e a tacanhez de sua visão.

Retomando Monteiro Lobato no contexto de seu aparecimento na vida cultural do país, lembrando, ardentemente, como uma consciência, que a interlocução de Monteiro Lobato era com o país inteiro e não com Taubaté, como gosta de se deliciar o taubateano pseudoilustrado, temos a questão da reprodução do discurso de si, que é, para as elites (culturais, sociais, econômicas etc.), uma questão de classe para a qual não se apresenta nenhum problema, salvo, se os houver, os de consciência social. Essas considerações iniciais são feitas a partir da experiência do pesquisador no ensino superior na cidade de Taubaté-SP.

Este texto tem por tema o lugar social de fala de Monteiro Lobato e as relações desse lugar de fala com a cultura caipira.

Como perguntas norteadoras, temos: Monteiro Lobato compreende o lugar de fala do caipira e reflete, no seu discurso, essa compreensão?

Este trabalho se justifica por ajudar a construir uma reflexão acerca do discurso de Lobato que incide sobre o homem da cultura caipira.

Os objetivos que aqui se perseguem são: a) identificar alguns discursos atinentes à cultura caipira e b) traçar um percurso do discurso de Lobato acerca dessa cultura.

Como embasamento teórico, tem-se aquilo que nos esclarecem Candido (1978; 1987), Brandão (1983), Gomes (1980), Gouvêa (2013).

A metodologia empregada será a da pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo.

2. ENTRE DISCURSOS E LUGARES DE FALA

Uma formação discursiva se tece com o tempo e a partir das condições de produção desse discurso, o que é revelador de uma formação ideológica. Para que um novo discurso se forme, esse discurso tem de se inscrever numa memória discursiva, o que arrebanha o imaginário. É certo, vive-se da realidade e do imaginário. Márcia Regina Capelari Naxara explica, a partir da citação do prefácio de *L'Imaginaire Medieval*, de Jacques Le Goff, o conceito

[...] de imaginário como parte do campo da representação que, no entanto, vai além dele: “Mais s’il qu’une fraction du territoire de la représentation, l’imaginaire le déborde. La fantaisie, au sens fort du mot entraîne l’imaginaire au-delà de l’intellectuelle représentation”. O autor procura mostrar as fronteiras, ainda que difíceis de traçar, entre o imaginário e conceitos vizinhos, como o simbólico e o ideológico” (NAXARA, 1991, p. 03).

É mister acrescentar que a construção da imagem de si, para as elites, é bem mais fácil, uma vez que ela detém os meios de produção de objetos culturais que se justificam e que têm a finalidade de reproduzir essa imagem. Os meios de comunicação de massa têm essa finalidade, entre outras. Assim, padrões culturais são disseminados, resistências são seduzidas, a preponderância das elites se justifica e subjuga outras classes, de modo a criarem-se justificativas férreas e justezas assimétricas.

Enquanto isso, as classes com menor poder aquisitivo e que não detêm os meios de produção não encontram possibilidades da construção da imagem de si mesmas.

Entra em vigência, então, a fabricação do discurso sobre o outro, por essa mesma elite, reservando-se lugares distintos para esses grupos. Assinalados positivamente, os representantes das elites repetem, mais uma vez, a lógica da colonização, em que ela se justifica em detrimento de tudo o que é humano, cultural e visceral dos grupos minoritários, lição tão bem ensinada por Albert Memmi (1977). É possível acrescentar também a noção de ocupação, desenvolvida por Paulo Emílio Salles Gomes (1980), ocupação que instituiu os lugares do ocupado e do ocupante. Conforme Paulo Emílio, o ocupado pré-existente não serve ao ocupante e o ocupante cria um ocupado a sua imagem e semelhança: o novo ocupado assume o discurso do outro, o discurso do ocupante. Nesse processo, ocorre a anulação do discurso do ocupado, ou sua negativização, e há a sobressalência do discurso do ocupante, única mão discursiva.

No caso de Monteiro Lobato, seu discurso sobre o caipira é um discurso de seu outro social. O homem da cultura caipira fez-se da cultura que se criou quando permaneceram na região daquilo que se convencionou chamar de Paulistânia, segundo Candido (1987). Lobato, já advogado, escreve, na posição de “fazendeiro”, para o jornal o *Estado de S. Paulo* um artigo/carta (o gênero discursivo é algo ambíguo) chamado “Velha praga”, em 1914, em que aparece, pela primeira vez, a figura do Jeca Tatu. A partir daí, instigado a continuar a escrever pelo referido jornal, Lobato alarga, equivocadamente, sua visão sobre o caipira, com o texto “Urupês”. Um terceiro texto de Monteiro Lobato sobre o caipira está enfeixado no livro *Problema vital*, de 1917. Trata-se de “Jeca Tatuzinho – A Ressureição”, em que ele reconhece parte de alguns problemas estruturais da sociedade brasileira, como o da saúde pública, por exemplo, e decreta que o Jeca está doente, que o Jeca não é assim (preguiçoso), que ele está assim. Já ao final de sua vida, tendo se aproximado do Partido Comunista Brasileiro, Lobato cria uma nova personagem para o Partido (literatura próxima à encomiástica) e o publica como *Zé Brasil* (1947), se redimindo da criação do Jeca e compreendendo, mais amplamente, os problemas estruturais da sociedade brasileira.

À exceção de em *Zé Brasil*, a interlocução estabelecida pelos narradores de Lobato faz-se com os de sua classe social. Em “Velha Praga” (URUPÊS, 1992), há a queixa sobre as queimadas do “mato alheio”, ou o caipira queima o mato alheio e o “fazendeirinho”, um ressentido ecológico, o denuncia. Em “Urupês” (URUPÊS, 1992), o narrador é mais convencional e cuida da caracterização (ou, poder-se-ia dizer, da desqualificação

do Jeca), deixando ao largo a questão da interlocução, mas a interlocução silenciosa é com os leitores de jornal, portanto com os de sua classe social. Em “Jeca Tatu – a Ressureição” (PROBLEMA VITAL, 1951), há uma dupla interlocução. Por questões enunciativas, ocorre a interlocução com o Jeca, para que o narrador possa se desculpar. Há uma segunda interlocução, já ao final do texto, em que ele apela: “Meninos, quando forem fazendeiros [...]. A interlocução, então, percebe-se que ocorre, mais uma vez, com os de sua classe, justificando o discurso da sanitarização. Foi trazida aqui a questão da interlocução, uma vez que os discursos fazem sentido a partir de quem os emana e de quem os recebe, num jogo de tensão social.

3. O CAIPIRA QUE LOBATO NÃO VIU

A partir da leitura de diversos autores, dentre eles Candido (1987), Brandão (1983), Gouvêa (2013), Lajolo (1983; 1985), Frederico (1981), Ribeiro (1995) etc., podemos estabelecer quem é esse homem da cultura caipira.

Antes, é de se lembrar que o caipira não se caracteriza apenas por uma identidade linguística, racial, social, regional. Antes de mais nada, o caipira é uma identidade cultural, o que possibilita que hajam caipiras em todo o mundo. Outra evidência disso podemos encontrar nos processos de aculturação no Brasil. Quão interessante e enriquecedor se faz notar a assunção de características dos modos de ser brasileiro por comunidades de origens diversas, dentre esses modos o caipira, vividos por italianos, poloneses, alemães, japoneses etc.

Todos aqueles elementos que constituem especificamente uma cultura, desde as atividades e hábitos do cotidiano até as idiosincrasias do grupo, devem ser considerados e compreendidos e, mais do que isso, aceitos internamente e externamente. Outras questões inelutáveis entram também na composição das culturas, como uma circunscrição geográfica, ou não, como uma circunscrição histórica.

A cultura caipira no Brasil é um braço da cultura ampla brasileira, aliás não há somente uma cultura brasileira, mas, sim, culturas brasileiras, além de faixas culturais. Darcy Ribeiro (1995), por exemplo, estabelece cinco brasis: o Brasil sulino/gaúcho, o Brasil caboclo, o Brasil sertanejo, o Brasil crioulo e o Brasil caipira. Ribeiro estabelece as referidas circunscrições acima, o processo histórico e econômico de formação de cada um desses brasis, hábitos, culinária, índices de sociabilidade, signos da religiosidade etc.

Já Alfredo Bosi (1992) alerta sobre a questão plural da cultura brasileira e estabelece quatro faixas de cultura: a cultura erudita/acadêmica, a cultura criadora, a cultura de massa e a cultura popular. Ele trabalha os limites de cada cultura e o jogo de interpenetrações entre elas.

Assim, podemos dizer que a cultura caipira também concentra muitos elementos, em sua gênese, da cultura popular, como, por exemplo: uma tradição oral, seus artefatos culturais não comercializáveis, um tempo cultural desacelerado etc.

A cultura caipira, mais especificamente em seu momento de formação, era uma cultura pré-capitalista. Enquanto os paulistas possuidores de capital ou de recursos que pudessem se transformar em capital rumaram para a região das Minas Gerais para a aventura da exploração do ouro, ficou na região da Paulistânia uma ralé que vivia próxima dos mínimos vitais, o que se diria hoje na expressão “abaixo da linha da miséria”. Os paulistas, que tinham, anteriormente à mineração, como atividades econômicas de vulto o apresamento indígena e o desaquilombamento de negros nas fazendas açucareiras do nordeste, cumpriram com eficiência e com extrema violência essas missões, antes de se aventurarem nas Entradas e Bandeiras, que deslocou a vida econômica de toda a colônia.

Tinha-se, então, na região de São Paulo e Minas Gerais, dois modelos econômicos em funcionamento: em São Paulo, a cultura caipira vivia próxima à anomia e, conforme já dito, próxima aos mínimos vitais, num regime pré-capitalista, produzindo apenas para subsistência; Em Minas Gerais, a empresa mineradora tinha regime capitalista com a produção e com a comercialização de excedentes, além da obrigatoriedade de servir e de entregar o lucro ou o fruto de sua riqueza, na forma de impostos à Coroa portuguesa.

São Paulo vive o isolamento e o atraso, o que foi observado pelos viajantes estrangeiros quando de suas viagens à Província de São Paulo e um certo fausto e refinamento na Província de Minas Gerais.

Quando os que foram fazer a mineração em Minas retornam a São Paulo, vieram com dinheiro e, como na origem de suas vindas ao Brasil, vieram com poder. Assim, impõem uma nova ordem social: empurram para as “franjas da civilização” (BRANDÃO, 1983) os que aqui ficaram, fazendo-os abrir novas fronteiras geográficas e, às vezes, novas fronteiras econômicas. Os exploradores de Minas, então, compram os cartórios em São Paulo, ocupam terras devolutas, se assenhoreiam dos espaços e dos lugares de poder. A questão da terra se torna um problema, que só se resolverá em 1850, por força da lei.

A chegada do café, a partir dos anos de 1830, começa a mudar a situação de São Paulo. De lugar mais atrasado da nação, de acordo com um viajante francês, passa a galgar, paulatinamente, lugar de destaque na economia do país.

A questão da mão de obra nesses diversos momentos econômicos do Brasil sempre esteve presente e se estende até o fim do século XIX. No ciclo do açúcar, temos a mão de obra escrava negra e indígena, com predominância da mão de obra escrava negra na mineração, atividade que requeria uma maior quantidade de trabalhadores, o que incrementou a vinda de novas levas de negros de África. Após a mineração, com o ciclo do couro, houve até uma certa ociosidade de mão de obra para a pecuária. Já com o ciclo do café, houve um aumento de procura de mão de obra e já começavam a aparecer alguns mecanismos liberatórios da escravidão, principalmente por pressão internacional. Uma das saídas foi a importação de trabalhadores, os imigrantes europeus, com um ganho extra: o branqueamento da raça (SKIMORE, 1974).

Entretanto, havia um grupo de trabalhadores que não foi requerido para o cultivo do café: os caipiras. Os caipiras eram homens livres na ordem escravocrata, de acordo com Franco (1969). Desde sua origem mameluca até a incorporação de negros livres, esses caipiras sofriam uma série de preconceitos.

Por traços constituintes de sua cultura, não considerados pelos fazendeiros paulistas, eram os caipiras rejeitados como trabalhadores. Esses traços de cultura e das formas de economia eram: a liberação do trabalho nos dias santos de guarda, dias de abstenção de trabalho para a realização de caçadas e de pescaria e a oferta/repartição disso com os seus pares, a realização de mutirões como forma de cooperação e de uso de menos tempo no trabalho, as festas religiosas e familiares etc. Esse o caipira que Lobato não viu.

Quando Lobato começa a escrever, no início do século XX, ele acaba por cristalizar o preconceito de uma classe sobre os outros, da classe dos proprietários em relação à classe dos trabalhadores, os caipiras.

Lobato, então, em seu lugar de fala, instaura um novo discurso, que se insere na memória discursiva, porque já tem um respaldo coletivo. Isso ganha uma força dentro do jogo das relações de poder, com suas tensões, com seus acertos, com seus enganos.

Vê-se, então, que Monteiro Lobato, respondendo as nossas perguntas de pesquisa não compreende o lugar de fala do caipira e não reflete, no seu discurso, essa compreensão?

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. "Cultura e culturas brasileiras". In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 308-345.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas cidades: 1987.
- FRANCO, Maria Sylvia de carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- FREDERICO, Enid Yatsuda. "O caipira e os outros" In: BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira – Temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GOUVÊA, LUZIMAR GOULART. *Monteiro Lobato e Mazaroppi e o imaginário caipira*. Taubaté: Casa cultura, 2013.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato – A modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. "Jeca Tatu em três tempos" in SCHWARZ, Roberto (org.) *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LOBATO, Monteiro. *Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- _____. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. *Zé Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Régia, 1947.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra – representações do trabalhador nacional – 1870 a 1920*. Dissertação de mestrado – Departamento de história, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 1991.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SKIDMORE, Thomas S. *Black into white – Race and nationality in brazilian thought* (trad. de Antonio Alves de Lima Neto). New York: Oxford University Press, 1974.

LENDO LOBATO NA ESCOLA

Tatiane Cristina Costa¹ , Francine Ricieri² 

RESUMO

Este texto pretende apresentar questões relativas à recepção do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, por uma turma de alunos do ETIM de Informática da Etec Abdias do Nascimento, em São Paulo. Para análise da recepção do conto, foram consideradas reflexões de importantes pesquisadores atuais e pioneiros sobre letramento literário e leitura, escolarizada ou não, bem como definições de leitor. Os resultados aqui relatados foram obtidos através de dois encontros presenciais com os alunos na própria Etec. No primeiro dia, os estudantes leram o conto de Lobato e apresentaram suas considerações a respeito da linguagem, enredo, personagens e interpretação do texto. No segundo dia, os alunos discutiram o contexto histórico de criação de “Negrinha” e voltaram ao conto para outras considerações. Através da análise dos posicionamentos dos estudantes, buscou-se verificar se eles percebem o texto como racista ou como denúncia da situação preconceituosa à qual o negro era submetido na sociedade. Como resultado, observamos que os alunos participantes da pesquisa acreditam que o conto denuncia a situação do negro na sociedade da época.

Palavras-chave: Negrinha, Monteiro Lobato, Preconceito, Ensino.

READING LOBATO AT SCHOOL

ABSTRACT

This text intends to present some points related to the reception of the short story “Negrinha”, by Monteiro Lobato, by the students of ETIM of Informatics in Etec Abdias do Nascimento, in São Paulo. For the analysis of the reception of the story, was consulted reflections of important researchers about literary literacy and theory about reading, and definitions of reader. The collected data described in this text were obtained during two days of classes in Etec. In the first day, the students read Lobato’s story and made considerations on the language, the plot, the characters and their understandings. In the second day, the students discussed about the story’s historical background and read it again to make more considerations. Through the analysis of student’s considerations, it was verified whether the students think that the story is racist or presents the prejudice against black in the society. We verified that the participating students of this research think the short story denounces the situation of black people in the society at that time.

Keywords: Negrinha, Monteiro Lobato, Racism, Teaching.

¹ Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP)

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Autor Correspondente: Tatiane Cristina Costa
E-mail: tatianeccosta@yahoo.com.br

Recebido em 05 de Março de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a “prática da liberdade”, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo.

Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

1.1 A POLÊMICA ACERCA DO SUPOSTO RACISMO LOBATIANO NO CONTO “NEGRINHA”

Monteiro Lobato abordou em seus textos as mazelas da sociedade brasileira, bem como a vida cotidiana do início do século XX. Alinhado às tendências do que se convencionou chamar Pré-Modernismo, Lobato fez reflexões importantes sobre os mais diversos temas sociais, políticos e econômicos do período, como a questão envolvendo a exploração do petróleo e a situação do “caipira” e do negro no Brasil. Em 2019, por ocasião dos setenta anos de sua morte, sua obra passou a ser de domínio público, voltando a ser tema de discussão entre pesquisadores, professores e intelectuais brasileiros, em especial pelo que seria o suposto racismo discernível em seus escritos.

Desde 2010, o assunto veio à tona com intensidade, após a apresentação de uma denúncia feita por Antônio Gomes da Costa Neto através da Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República - SEPPIR/PR. A denúncia foi feita para que a Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal deixasse de utilizar livros, material didático ou qualquer outra forma de expressão que contivesse palavras que evidenciassem a prática do racismo cultural, institucional ou individual na Educação Básica e Superior do Distrito Federal. O documento tinha como alvo, mais precisamente, a obra “Caçadas de Pedrinho”. O pesquisador baseia sua argumentação no fato de a personagem negra Tia Nastácia ser associada a animais como o macaco. Ele afirma que o livro faz referência ao negro com estereótipos fortemente carregados de elementos racistas. Apesar das alegações, não houve veto à obra.

Em 2012, por meio de representação endereçada ao Ministro da Controladoria Geral da União, Antonio Gomes da Costa Neto, Elzimar Maria Domingues e Humberto Adami Santos Júnior solicitaram a cessação da compra do livro de contos “Negrinha” para o programa PNBE. Sua alegação para tal é que há passagens racistas no texto, principalmente as que dizem respeito à personagem principal. A afirmação dos requerentes de que há racismo na caracterização de Negrinha se deve ao fato de o conto ter sido analisado como “documento”, não como literatura, o que levaria a uma leitura superficial da narrativa, sem consideração de aspectos como a ironia presente na obra.

Desde o início da polêmica, muitos foram os pesquisadores e especialistas em literatura que se manifestaram a favor e contra essas denúncias, o que motivou o desenvolvimento da pesquisa sobre o tema, com o objetivo de verificar qual seria a recepção do conto em uma sala de aula de ensino regular a fim de problematizar o receio de Costa Neto e outros que se manifestaram legalmente contra a adoção escolar do livro.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 AS ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA

Os dois encontros presenciais que estruturam a perspectiva analítica da pesquisa foram realizados em dois momentos diferentes. No primeiro dia, os alunos receberam “Negrinha” e foram solicitados a fazer inicialmente uma leitura silenciosa da narrativa, registrando suas observações. É importante destacar que os participantes do estudo foram instados a evitar contato prévio com o conto, para que não houvesse influências externas ou prévias que pudessem direcionar as interpretações.

Após a leitura, os estudantes foram convidados a compartilhar suas impressões, em diálogo com a pesquisadora. Foram formuladas questões relacionadas a linguagem, enredo, estrutura, personagens, autor e sentimentos despertados pelo conto. As observações dos envolvidos foram relevantes e de natureza diversa. As perguntas propostas não induziram as discussões ao tema racismo.

Os procedimentos didáticos utilizados na atividade privilegiaram a leitura individual e a livre interpretação por parte dos participantes. Essa escolha foi feita justamente pelo fato de, na demanda judicial relativa ao PNBE, os requerentes afirmarem que os alunos interpretariam a narrativa como racista e, conseqüentemente, seriam influenciados por tais preconceitos. O que podemos verificar pelos resultados desta pesquisa empírica é que esta argumentação não parece ser verdadeira. Esta conclusão não busca de forma alguma generalizar a questão, uma vez que a pesquisa analisou as interpretações de um grupo concreto de leitores que, durante as atividades, não julgou o conto racista.

O segundo dia concentrou-se na construção coletiva do contexto histórico-social da década de 1920. Foram levantadas questões relacionadas ao crescimento das cidades, a abolição da escravatura, a situação precária dos negros após a abolição e a mão-de-obra imigrante no Brasil. Depois dessa discussão, os discentes foram convidados a refletir novamente sobre o texto e tecer novos comentários a respeito.

2.2 A TEORIA QUE SERVIU COMO BASE PARA A ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para discutirmos a figura do leitor, a leitura e a importância do letramento literário a fim de analisar detidamente os resultados da atividade e o processo de letramento literário possibilitado pelo conto “Negrinha”, pesquisadores com estudos relevantes acerca desses temas foram consultados.

A definição de leitor e suas características aqui analisadas se baseiam, majoritariamente, nos estudos de Annie Rouxel (2013). Para a pesquisadora, os leitores são formados a partir das leituras que fazem, o que constituiria sua autobiografia. A identidade leitora dos indivíduos é formada pela soma das leituras experienciadas ao longo de suas vidas. Tendo em vista esta questão, podemos afirmar que não somente o que é lido por escolha é capaz de constituir a identidade literária de uma pessoa, mas também as escolhas feitas pelos seus professores no ambiente escolar. As leituras realizadas na escola, assim como as feitas por lazer, sem nenhum tipo de obrigação, criam uma relação importante entre o leitor e o texto, uma vez que o levam a entrar em contato com um novo mundo criado pelo autor.

Rouxel (2013), baseada nos estudos de Michel Picard a respeito das figuras de leitores, afirma que quatro são essas figuras: o escapista, o expectador, o boêmio e o crítico. Como a formação da identidade leitora é contínua durante toda a vida do indivíduo, observa-se que um mesmo leitor pode transitar entre uma e outra, de acordo com suas relações com os textos que lê.

De acordo com Rouxel (2013, p. 72), escapista é aquele que “vê a literatura como uma evasão de si e da realidade num tempo abolido”. Essa figura se caracteriza pela leitura rápida, centralizada na intriga e que tem como objetivo o desenlace, mantendo contato com a realidade. Já o expectador é a figura de leitor que menos se prende à trama e que se mostra mais sensível, tendo uma trajetória literária consciente. Quando o expectador finda uma leitura, não se recorda rapidamente dos detalhes da intriga ou da essência do discurso, apenas mantendo viva em sua memória a emoção experimentada.

O leitor boêmio é amador, medita, divaga e devaneia diante do texto, ele raramente se dedica a um segundo nível de leitura para aprofundar sua análise, mantendo-se na vaga impressão geral da obra lida. Ao contrário do amador, o leitor crítico é experiente, sensível aos efeitos do texto e atento à forma. Ele está ligado aos desafios oferecidos pela escrita e relaciona o que lê com outros textos já lidos. Essa leitura experiente está relacionada diretamente com as emoções do leitor, que comandam sua análise.

Para Maria Helena Martins (1982, p. 22) o conceito de leitura não se resume apenas à leitura de textos, mas estende-se a sua aprendizagem, “liga-se ao processo de formação do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural”. Para a pesquisadora, a leitura é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não apenas do texto escrito, mas de qualquer tipo de linguagem. Ela vai além do texto, uma vez que o leitor é atuante, não apenas de um receptor passivo, porque é ele quem dá sentido ao texto.

Como a leitura é individual e está diretamente ligada à bagagem cultural do indivíduo, podemos verificar que existem níveis diferentes de leitura. Martins (1982) caracteriza e divide esses níveis em sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial não é elaborada, ela é uma marcante resposta imediata relacionada com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Ela está ligada aos cinco sentidos: um livro tem forma, cor, textura e até cheiro. Ao entrar em contato com ele, o leitor sente-se atraído ou não, curioso ou não para desbravar o que aquela obra oferece. Esse primeiro contato é, então, sensorial.

Após esse contato sensorial com o livro, adentramos o próximo nível de leitura: o emocional. Esse nível lida com sentimentos, podendo implicar falta de objetividade, subjetivismo, o que poderia fazer com que ele seja encarado por muitos como inferior, assim como o sensorial, pois está baseado em uma interpretação totalmente pessoal. Apesar disso, essa leitura é a que pode oferecer mais prazer ao leitor, porque pressupõe seu envolvimento emocional com o texto. O que é importante é o que o leitor sente enquanto lê.

Já a leitura racional, que seria, em tese, menos subjetiva que as anteriores, é intelectualizada, dominante e não é comum a todos os leitores. Para Martins, ela foi concebida para ser a leitura típica dos intelectuais, dos elitistas, aqueles que ditam normas para a nossa leitura. Ela está acima dos sentimentos, tende a ser unívoca, o leitor deve ver o texto isolado de seu contexto, sem qualquer envolvimento pessoal, baseado em regras pré-estabelecidas, condicionado por ideologias. Contudo, a pesquisadora faz uma importante diferenciação entre o que seria a leitura a nível intelectual, elitista, como explicitado acima, e a nível racional, que ela considera englobar os dois primeiros níveis:

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o processo permite, alargando os horizontes de expectativas do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. (MARTINS, 1982, p. 66)

Podemos entender que a pesquisadora considera a leitura racional como algo que pode ser alcançado por qualquer leitor e não somente limitado a uma elite intelectual. Para que possamos atingir esse tipo de leitura, é inevitável passar pelo primeiro contato com o texto, o que está ligado ao sensorial. É muitas vezes através do visual que nos sentimos atraídos por um livro.

Quando iniciamos uma leitura, essa desperta diversos sentimentos, o que, como defende Martins, nos aproxima do texto, suscita o desejo de continuar ou interromper a leitura. É justamente essa emoção que causa maior envolvimento do leitor com uma obra e faz com que o aprofundamento aconteça. O sentimento não impede a leitura racional. O leitor pode se envolver e, mesmo assim, aprofundar sua leitura, relacionando-a com o contexto social que ele representa, com a sociedade na qual o leitor está inserido e até mesmo com seu universo individual.

Outra questão que contribuiu para a análise dos resultados alcançados foi o conceito de letramento literário, cuja abordagem nas escolas hoje é incipiente. Acreditamos que isso se dá na maioria das vezes por falta de uma formação docente que realmente proporcione aos professores instrumentos eficientes para que eles possam desenvolver esse tipo de letramento em sala de aula.

Rildo Cosson (2014, p. 100-101) assim define letramento literário: “trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas”. Para o autor, assim como há tipos de leitores e níveis de leitura, também há níveis de letramento, uma vez que, em uma sociedade letrada como a nossa, até mesmo um analfabeto participa de algum tipo de letramento. Não apenas na escola, mas no convívio social em geral, é possível e importante desenvolver o letramento literário, pois ele não representa apenas um tipo de uso social da escrita, mas sim uma forma de assegurar seu efetivo domínio.

Sobre a escrita, Cosson afirma que:

Essa primazia da escrita se dá porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano. (COSSON, 2014, p. 167 - 168).

Essa libertação defendida pelo autor está ligada a todo conhecimento que o texto pode nos oferecer. Em consonância com esta afirmação, Cosson (2014, p. 186) afirma que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência de outro, como também vivenciar essa experiência”. Através da leitura de diversas obras literárias, podemos observar o mundo através da visão ali expressa, principalmente quando nos apropriamos do texto e passamos a viver a experiência social ali relatada, porém, ainda sendo nós mesmos.

A escola, enquanto ambiente de leitura e interpretação, oferece ao estudante a possibilidade de uma expansão do ponto de vista que ele tem do texto, uma vez que, segundo Cosson (2014) a obra pode nos oferecer uma possibilidade de leitura, uma vez que esta é solitária, já a interpretação é um ato solidário, pois podemos dividir nossas interpretações com outras pessoas e, assim, aumentar nosso conhecimento e capacidade interpretativa à medida que entramos em contato com a visão de outras pessoas a respeito de um texto.

Esse compartilhamento não está limitado somente à troca de ideias que fazemos com nossos colegas de turma, mas também à que fazemos com o autor e com a sociedade por ele retratada, pois a visão de mundo do autor está ali expressa, assim como a da sociedade por ele representada na obra.

O autor propõe três etapas para que o professor possa efetivamente contribuir para o letramento literário dos alunos e esta pesquisa utilizou duas delas para que a verificação proposta ocorresse. A primeira etapa, não utilizada nesta pesquisa, é a chamada “antecipação”, que contém todas as formas de se introduzir a leitura de um texto. Ela pode ocorrer através de um contato prévio com as características do autor e outras informações que se julgue interessante para o leitor, como número de páginas. Como procuramos não influenciar de nenhuma forma a leitura do texto com antecipações, essa etapa não fez parte da atividade proposta.

Já a segunda etapa, a chamada “decifração”, ocorre por meio da análise de letras e palavras do texto. A depender da obra lida e do nível de leitor envolvido, ela pode demorar mais ou menos e também oferecer diferentes dificuldades. Um leitor iniciante certamente demorará mais tempo nessa etapa, por isso é importante considerar o perfil do leitor ao escolher a obra que será lida.

A terceira etapa, chamada de “interpretação”, é aquela em que as relações do leitor com o texto são centrais. Esta fase, como dito anteriormente, foi crucial para esta pesquisa, uma vez que a interpretação dos alunos diante do texto lido foi o que pretendemos buscar. Para Cosson:

A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência dá-se pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das restrições que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. (COSSON, 2014, p. 539).

O que foi escrito por Lobato encontra-se no conto, que nos apresenta um relato repleto de valores culturais da época na qual foi escrito. O leitor atual, diante de tal cenário, dialoga com ele, interpretando situações e conceitos ali apresentados, o que suscita um posicionamento crítico de sua parte diante das sensações que o conto desperta e diante das questões sociais ali retratadas, o que remete a um letramento literário eficiente. Independentemente do posicionamento que os estudantes adotem com relação ao texto, é importante ressaltar que esse conto (como outros) contribui efetivamente para o fomento da leitura literária em nossas escolas.

2.3 CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE AS ATIVIDADES

Diante das colocações realizadas durante as atividades, podemos classificar os estudantes participantes da pesquisa como leitores críticos, de acordo com a definição de Annie Rouxel mencionada anteriormente, apesar de a maioria deles ter menos de 18 anos de idade à época da pesquisa. Os alunos se mostraram sensíveis aos efeitos do conto e o relacionaram com outros textos por eles lidos. As emoções, em muitas situações comandaram a análise feita, remetendo novamente ao perfil do leitor crítico. Embora os discentes não tenham atentado tanto à forma do conto, observamos que eles apresentam uma prática literária escolar eficiente, uma vez que foram capazes de fazer associações entre “Negrinha” e outras obras lidas durante sua formação, fazendo comentários críticos e demonstrando sensibilidade para lidar com os elementos que influenciam a interpretação dos textos. Essas características, além de remeterem a um leitor crítico, são importantes para uma leitura considerada racional, definida por Maria Helena Martins como aquela que estabelece uma ponte entre o leitor e o conhecimento, suscitando reflexões acerca do que é lido, de modo a conferir sentido ao texto.

A leitura feita pelos estudantes que manifestaram seus pontos de vista durante a atividade baseou-se na interpretação crítica do conto em si, mas também identificamos que seus comentários e posicionamentos foram influenciados diretamente pelos sentimentos e emoções despertados pelo texto, o que remete também à leitura emocional. O fato de esta se mostrar majoritária na fala dos estudantes, remete à colocação de Martins sobre o fato da leitura racional não ser privilégio de uma elite intelectual, mas estar ao alcance de qualquer leitor. O comentário de um estudante que versou sobre a “montanha russa de emoções” que o texto desperta no leitor leva diretamente a essa colocação.

No primeiro dia, todos os alunos presentes se manifestaram dizendo ter gostado da narrativa. Nenhum estudante afirmou não ter gostado da obra ou criticado seu enredo por qualquer motivo. Não houve nenhuma

menção ao texto e/ou autor serem racistas por conta do enredo. Podemos verificar esse posicionamento dos estudantes nas declarações feitas a respeito do conto: “Muito profundo. O texto me tocou” e “Eu acho que esse texto é muito interessante” (COSTA, 2020, p. 107).

É imprescindível destacar que nenhum estudante se manifestou dizendo sentir raiva da representação de Negrinha e dos adjetivos utilizados para caracterizá-la. A figura da menina despertou compaixão desde o início da narrativa e fez com que os alunos se solidarizassem com seu sofrimento, não tendo ocorrido nenhuma manifestação a respeito do texto ser preconceituoso por retratar a personagem de tal maneira. Podemos depreender isso da resposta dada por um participante à questão feita sobre as razões pelas quais o texto havia sido tocante: “porque mostra como a menina era maltratada e, quando ela viu a boneca, mostra que ela sentiu, sabe, ela morreu no auge” (COSTA, 2020, p. 107).

Os estudantes se manifestaram a respeito da chegada das sobrinhas de Dona Inácia, brancas e lindas como diz o texto, dizendo que a vida de Negrinha se modificou após a brincadeira com as meninas, fazendo com que ela se sentisse feliz pela primeira vez e tomasse consciência de sua péssima condição de vida. Em nenhum momento foi feito qualquer comentário acerca da superioridade branca das meninas ou mesmo da presença de racismo delas para com Negrinha, uma vez que elas não a discriminam por sua cor e condição social.

O fato de o contexto social do conto ser relacionado com a atualidade chamou a atenção durante toda a atividade. Exemplo disso é quando um aluno aponta o papel da mulher na sociedade, tal como retratado no texto:

Eu já achei interessante no texto que um trecho aqui fala sobre a figura da mulher: ‘Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca - preparatório, e o momento dos filhos - definitivo. Depois disso, está extinta a mulher’. Era um conceito que a gente sabe que era muito visto, que a figura da mulher na época e até hoje infelizmente é assim. (COSTA, 2020, p. 107).

Observamos por essa e outras colocações que os alunos são capazes de identificar em um texto a presença de questões sociais, identificando posicionamentos que eram comuns à época e que hoje foram modificados ou ainda persistem. Essa relação mostra que os estudantes procuram entender o texto dentro de sua esfera social, não o julgando segundo parâmetros sociais da atualidade.

Dona Inácia é apontada em diversos momentos como uma personagem cruel, hipócrita e racista, não como uma figura superior e apresentada positivamente no texto. Também não observamos comentários acerca da suposta superioridade branca pregada por Lobato em relação aos negros, como defendem alguns pesquisadores. Pelo contrário, a ironia do conto é identificada pelos discentes, o que fez com que interpretassem Dona Inácia como uma personagem má, considerada até mesmo como fascista e construída de maneira pejorativa pelo narrador.

O final de Negrinha, apesar de trágico, foi interpretado como positivo, uma vez que ela se vê liberta de sua condição e livre de qualquer mágoa. Ela conseguiu ser feliz, mesmo que por pouco tempo, ficou em paz e conseguiu “existir”.

O racismo e a desigualdade social também foram mencionados como parte importante do conto, mas muito atrelados à figura de Dona Inácia, uma vez que ela é quem maltratava física e psicologicamente a menina. É importante destacar que autor e narrador não foram apontados como racistas, o texto foi identificado como instrumento para se mostrar à sociedade uma realidade indesejada: os maus tratos aos negros.

Outro fator interessante a ser mencionado é que um estudante afirmou que o tratamento dispensado à menina era cruel, porém, ele afirma que os maus tratos eram tão rotineiros em sua vida que ela se acostumou a eles, até mesmo acreditando que essa fosse a ordem natural das coisas. Em nenhum momento houve a interpretação de que isso fosse colocado para o leitor de maneira a parecer normal, como se fosse justa a crueldade de Dona Inácia para com Negrinha, o que poderia nos fazer acreditar que o narrador aprovaria essa situação.

O final do conto, no que diz respeito à morte de menina, marcou muito um estudante, porque ele evidenciou o quanto a sociedade era racista: “Nesse final, eu fiquei interessado pela parte que fala que ela foi enterrada com indiferença, uma carinha de terceira. Nesse fato da morte, eles não se compadeceram, o racismo prevaleceu, eu acho algo bem forte assim, ela foi enterrada como um animal qualquer” (COSTA, 2020, p 109). Observamos novamente a menção ao preconceito racial de todos os personagens envolvidos na narrativa, pois nenhum deles se compadeceu diante da morte da menina, o que revela que ela não era considerada por eles como um ser humano, como os alunos esclareceram. Podemos afirmar que sua colocação constituiu-se como leitura emocional, quando o estudante afirma que a morte da menina o marcou e como racional quando ele afirma que, diante do desfecho de Negrinha, o racismo prevaleceu. O perfil do leitor crítico apresentado pelos participantes novamente é evidenciado por colocações desta natureza, que demonstram habilidade de interpretar um texto levando em consideração aspectos emocionais e críticos.

Um estudante aponta o racismo como uma das grandes causas do livro:

Uma das coisas que eu percebi sobre a menina é que o texto já começa triste, ele fala muito sobre racismo porque ele fala: ‘ela era preta? Não, ela era fusca, mulatinha escura’, traduzindo, ela nem para ser negra servia. O texto fala que o cabelo dela era ruim, demonstra que provavelmente, como ela não tinha cabelos loiros, lisos, ela tinha olhos assustados, que eu acho que se deve também ao fato de qualquer coisa ela apanhar, então acho que o racismo é uma das grandes causas do livro. (COSTA, 2020, p. 110)

Observamos aqui que o aluno afirma que o conto trata o preconceito racial, não que o texto, o autor ou o narrador são racistas.

No segundo dia de atividades, as discussões tiveram como objetivo esclarecer o contexto histórico e social da década de 1920, período no qual o conto foi escrito. Foi traçado um perfil da abolição da escravatura no Brasil e do período pós-abolição. Os alunos demonstraram ter conhecimentos consistentes a respeito da história do país, apontando os negros como discriminados a ponto de serem vistos apenas como ferramentas de trabalho que poderiam ser compradas e, após a abolição, continuaram sendo marginalizados pela sociedade.

Eles apontaram o fato de os negros terem permanecido na situação marginal após a abolição pelo fato de não terem sido inseridos na sociedade. Sem acesso à Educação ou oportunidades de melhoria de vida, muitos continuaram nas fazendas onde antes eram escravos. Quando conseguiam alguma colocação, essa tinha um pagamento baixo por serem negros. Para os alunos, haveria até hoje resquícios dessas práticas, pois, segundo eles, o governo tenta minimizar e/ou recompensar a situação marginal a que eles foram submetidos até os dias atuais.

Voltando ao texto após esta discussão, um estudante fez uma colocação interessante a respeito do que foi retratado no conto ser considerado corriqueiro e mascarado pela sociedade à época, mas que hoje é encarado como algo reprovável, demonstrando a mudança de pensamento a que a sociedade foi submetida: “Sim, eu acho que, na verdade, eles ficavam mascarando, sabe? Eles eram ex-senhores de escravos, talvez isso não seja tão legal agora porque machucava, era tão desumano” (COSTA, 2020, p. 112). É possível depreender dessa colocação que a mudança de pensamento com relação ao que é ou não aceitável em uma sociedade mudou. Apesar desse reconhecimento, os estudantes afirmam que a discriminação racial no Brasil ainda

existe, porém, ela acontece de maneira diversa àquela retratada na narrativa. É possível observar por esse panorama que os alunos, além de apresentarem bom conhecimento da história do país, ainda o articulam a ponto de relacioná-lo com a atualidade e com o texto lido.

Uma participante afirmou, depois do primeiro encontro, ter lido que algumas pessoas afirmam que Lobato era racista e citou paródias feitas com Tia Nastácia. Ela disse que isso a deixou confusa porque, ao ler o conto “Negrinha”, ela não achou que o autor fosse racista, mas, sim, que se tratava de denúncia da situação do negro, assim como seus colegas. Ela, até aquele momento, parecia não estar decidida com relação a que posição tomar diante da questão.

Um estudante se manifestou em seguida dizendo que o conto é um documento histórico, pois nos apresenta uma realidade vivida em nosso país e faz uma crítica direta a isso. Parece possível depreender que ele acredita que a narrativa não seja racista. O aluno fez a seguinte colocação:

Esse texto, principalmente pela forma como ele está escrito, se você parar para ver, ele tem várias críticas, então ele até poderia passar por uma espécie de censura na época, porque não podia se falar de racismo, essas coisas, a situação dos escravos, pelo que ele passa, e a gente tem alguém que pode falar, porque que isso realmente aconteceu, como é que era, porque sem esse texto, pode ser que a gente tenha um documento a menos. (COSTA, 2020)

Em sua fala, ele defendeu a escrita do conto e até mesmo a coragem do autor em escrevê-lo, uma vez que se trata de um assunto muito polêmico como o racismo e que até poderia gerar uma censura por conta da crítica feita por Lobato.

Diante dessas duas colocações, os alunos foram convidados a pensar se o texto seria mesmo uma crítica social ou seria fruto do racismo do autor. Um estudante prontamente respondeu:

Eu acho que é o que ele está falando (ele concorda com a colocação do colega segundo a qual o texto é uma denúncia), porque a maneira como ele fala da Negrinha eu acho que é para gerar simpatia, vamos dizer, é o que gera na maioria das pessoas, porque as pessoas chegam a chorar mesmo, porque eu acho que isso não estaria aqui se fosse um autor que mostrasse antipatia pelos negros. (COSTA, 2020, p. 148)

Diante das afirmações feitas pelos participantes das atividades, podemos concluir que o presente estudo evidencia que o conto “Negrinha” realmente contribui com a discussão do preconceito racial nas salas de aula de brasileiras. Por esse motivo, acreditamos que seria uma lamentável perda impedir sua circulação como leitura escolarizada, uma vez que ele oferece possibilidades de um letramento literário que possa despertar o censo crítico dos estudantes seja despertado e para que o radicalismo encontrado em muitos posicionamentos, como o de Antonio Gomes da Costa Neto (2020), possa ser evitado.

Ao analisarmos a interação ocorrida nos dois dias de atividades pela ótica do letramento literário eficiente definido por Rildo Cosson (2014), podemos reforçar a defesa de que os participantes desta pesquisa são leitores críticos, praticantes de uma leitura racional. Esse posicionamento se baseia, principalmente, no fato de a experiência literária ocorrida ter permitido aos alunos entrar em contato com a sociedade brasileira do início do século XX. Através da leitura da história de vida de Negrinha, a literatura serviu para expandir o horizonte cultural dos estudantes. Isso tudo remete ao que Rildo Cosson (2014) afirma ser um letramento literário eficiente, que expande a visão de mundo do leitor e serve de ponto de partida para discussões a respeito do contexto literário de uma obra, como ocorreu durante as duas atividades aqui analisadas.

O fato de os estudantes terem percorrido rapidamente a fase nomeada por Cosson (2014) como “decifração”, tendo levantado apenas uma questão a respeito da linguagem, a palavra “cocre”, demonstra que a prática literária da turma os caracteriza como leitores críticos, realmente experientes, que, mesmo não

conhecendo algumas palavras, conseguiram, através da análise do contexto no qual elas se encontravam, alcançar seu significado, sem intervenção da pesquisadora.

A etapa do letramento literário privilegiada por esta pesquisa foi a interpretação. Para Cosson (2014), como ressaltado anteriormente, interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto. Isso foi justamente o que ocorreu. Os estudantes levantaram discussões que foram além do próprio conto, abordando questões sociais da atualidade e também da época de escritura da narrativa. Foram levadas em consideração a cultura na qual eles se inserem e também na qual o autor se inseria. Essa consideração é condição para que um objeto possa ser compreendido de forma global, contrariamente ao que ocorre com algumas leituras realizadas por pesquisadores aqui citados, que analisam a obra baseados, apenas, na cultura que permeia nossa sociedade atual.

Durante as atividades, a pesquisadora buscou mediar a discussão deixando os alunos livres para expressar seus pontos de vista, porém dirigiu a eles perguntas que os fizessem refletir sobre questões relevantes para a interpretação. Acreditamos que essa mediação que busca a reflexão seja exemplo do processo de letramento literário definido por Cosson (2014).

Para que os participantes atentassem a questões de ordem semântica para intensificar suas interpretações a respeito da construção da personagem Negrinha, foi solicitado que voltassem ao texto para que lessem os adjetivos utilizados para caracterizar a menina. Selecionar trechos da obra e convidar os alunos a voltar a eles durante a aula é outro procedimento relevante para que eles observem trechos importantes que podem levá-los a refinar suas interpretações. A pesquisadora, ao chamar a atenção dos alunos para a descrição da personagem Dona Inácia, solicita aos estudantes que retomem o trecho do conto em que essa descrição ocorre, ressaltando a palavra “frenesi”. A discussão a respeito do significado da palavra levou-os a intensificar seus pontos de vista a respeito da crueldade da personagem.

O processo de leitura que induz a uma análise detida com relação a algum elemento formal da narrativa é valorizado quando temos como referência alcançar um letramento literário eficiente. Como exemplos dessa mediação, temos o momento em que a pesquisadora chama a atenção dos alunos para o “paradoxo” e a “ironia”, ambas figuras de linguagem, encontradas entre a visão que Dona Inácia tem de si e as ações que pratica.

Acreditamos ser essa uma mediação que auxilie o estudante a utilizar recursos diferentes durante a leitura, expandindo, assim, suas interpretações. Essa função de fornecer repertório e elementos para que o aluno aprenda a lidar com a leitura de maneira mais abrangente é da escola e pode ser desenvolvida também por trabalhos como aquele conduzido a propósito do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar os resultados de uma experiência concreta conduzida em sala de aula que tornou possível analisar a recepção pelos estudantes de “Negrinha”, de Monteiro Lobato. A intenção foi observar como e a partir de quais recursos os estudantes construiriam hipóteses interpretativas sobre o texto, em especial no que diz respeito à questão racial. Tal objetivo foi alcançado, tendo sido evidenciadas questões importantes acerca do perfil do leitor participante da pesquisa, de sua leitura e do letramento literário no Brasil.

O trabalho evidenciou que o letramento literário na escola, como explicitado por Cosson, contribui de modo decisivo para a formação de uma sociedade crítica e independente, uma vez que fornece elementos para que o leitor possa intensificar a qualidade de sua interpretação, atingindo a leitura racional, apresentada por Martins, e, assim, o nível de leitor crítico, como definido por Rouxel (2013). A mediação docente, tão

ressaltada por diversos pesquisadores como essencial para a democratização do acesso à literatura nas escolas, mostrou-se realmente eficiente, uma vez que buscou apontar caminhos para a discussão de aspectos formais, sociais e críticos a partir da leitura do conto lobatiano.

A utilização de “Negrinha” na sala de aula também foi bem sucedida quanto à discussão de questões raciais, possibilitando a análise detida do contexto histórico e social da época e também da atualidade. O potencial de aspectos formais e contextuais associados à obra foi explorado, tendo sido analisados elementos como a presença da ironia, linguagem, figura do narrador, construção das personagens e posicionamento do autor. As leituras realizadas pelos estudantes também explicitaram que “Negrinha” não contribuiu, ao menos nesse caso, para a difusão do racismo. Ao contrário, foi denunciada criticamente uma triste realidade brasileira, que deve ser assumida e discutida - para que possa ser combatida.

O letramento literário, em especial aquele promovido em contexto escolar, permanece como um campo fértil para a realização de pesquisas acadêmicas, podendo contribuir com o redimensionamento até mesmo da recepção crítica de autores como Monteiro Lobato. Ouvir o leitor, mediar e problematizar os processos de leitura, incentivar a pluralidade de interpretações são intervenções que a pesquisa acadêmica está apta a realizar, oferecendo subsídios para a docência e para o projeto utópico de se tentar alcançar uma sociedade mais crítica, em que cada um dos seus sujeitos leia e interprete com independência.

Um tal projeto seria basicamente emancipatório, podendo contribuir com a possibilidade de que até mesmo um estudante de uma escola pública específica pudesse vir a construir um posicionamento crítico frente ao mundo que o circunda e no qual sua vida se desenrola. Não porque os temas problemáticos ou os livros polêmicos foram retirados de circulação - mas porque houve intervenções no sentido de oportunizar que ideias pudessem livremente transitar.

REFERÊNCIAS

- Cosson, R. (2014). *Letramento literário: teoria e prática*. Versão ebook. São Paulo: Ed. Contexto.
- Costa, T.C. da (2020). *Negrinha na sala de aula: estímulo ao preconceito ou à reflexão?* [Dissertação de Mestrado em Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos].
- Lobato, J.B.M. (2008). *Negrinha*. 2.ed. São Paulo: Editora Globo.
- Martins, M.H. (1982). *O que é leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Rouxel, A.; Rezende, N.L. de (org.). (2013). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. 1.ed. São Paulo: Editora Alameda.

MONTEIRO LOBATO, A CIÊNCIA E A SUA CONTRIBUIÇÃO CONTRA A CEGUEIRA BOTÂNICA

Elisa Mitsuko Aoyama¹ , Marcos Roberto Furlan² , Andrea Dantas Souza³ 

RESUMO

Alguns escritores, como Monteiro Lobato, com significativo conhecimento científico conseguem inserir a ciência nos seus escritos literários, tornando atraente tanto o enredo quanto o conhecimento científico. A interação entre esse tipo de literatura e as diferentes disciplinas ministradas nos ensinos fundamental e médio pode contribuir no aprendizado dos alunos. Diante do exposto, os objetivos desse artigo foram demonstrar que a literatura infantil de Lobato possui conteúdo relacionado à botânica, e exemplificar como ele pode ser usado para tornar a botânica mais atraente ao aluno. Foram analisados 21 livros infantis do escritor, além de textos que analisam como o escritor abordava a natureza e a ciência em seus textos. Após a pesquisa documental, foi possível concluir que Monteiro Lobato aborda conceitos de botânica, os quais podem ser usados como prática pedagógica para tornar essa ciência mais atrativa.

Palavras-chave: Literatura infantil. Pedagogia. Educação.

MONTEIRO LOBATO, SCIENCE AND ITS CONTRIBUTION AGAINST BOTANICAL BLINDNESS

ABSTRACT

Some writers, like Monteiro Lobato, with significant scientific knowledge manage to insert science into their literary writings, making both the plot and the scientific knowledge attractive. The interaction between this type of literature and the different subjects taught in elementary and high schools can contribute to student learning. Given the above, the objectives of this article were to demonstrate that Lobato's children's literature has content related to botany, and to exemplify how it can be used to make botany more attractive to the student. Twenty-one children's books by the writer were analyzed, as well as texts that analyze how the writer approached nature and science in his texts. After the documentary research, it was possible to conclude that Monteiro Lobato approaches concepts of botany, which can be used as a pedagogical practice to make this science more attractive.

Keywords: Children's literature. Pedagogy. Education.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo

² Universidade de Taubaté

³ Centro Universitário das Américas

Autor Correspondente: Elisa Mitsuko Aoyama
E-mail: elisaoyama@yahoo.com.br

Recebido em 06 de Março de 20212 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

MONTEIRO LOBATO, LA CIENCIA Y SU CONTRIBUCIÓN CONTRA LA CEGUERA BOTÁNICA

RESUMEN

Algunos escritores, como Monteiro Lobato, con importantes conocimientos científicos consiguen insertar la ciencia en sus escritos literarios, haciendo atractivo tanto la trama como el conocimiento científico. La interacción entre este tipo de literatura y las diferentes materias que se imparten en las escuelas primarias y secundarias puede contribuir al aprendizaje de los estudiantes. Dado lo anterior, los objetivos de este artículo fueron demostrar que la literatura infantil de Lobato tiene contenidos relacionados con la botánica, y ejemplificar cómo se puede utilizar para hacer la botánica más atractiva para el estudiante. Se analizaron veintinueve libros infantiles de la escritora, así como textos que analizan cómo la escritora abordó la naturaleza y la ciencia en sus textos. Después de la investigación documental, fue posible concluir que Monteiro Lobato aborda conceptos de la botánica, que pueden ser utilizados como práctica pedagógica para hacer más atractiva esta ciencia.

Palabras clave: : Literatura infantil. Pedagogía. Educación.

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato é considerado o pai da literatura infantil brasileira, título justificado por Cardoso (2009), ao afirmar que o escritor era revolucionário, com temperamento prático e que acompanhava as mudanças da sociedade. A autora destaca que Lobato utilizou os seus textos para as crianças para lançar “as bases para um novo país e utilizou seus textos, o que só poderia ser alcançado pela reflexão e pelo questionamento, elementos fundamentais para combater o estilo conservador que predominava no ensino e nas produções literárias para as crianças.” (Cardoso, 2009, p. 289).

Para Cielo (2006), Lobato escreveu para crianças, pois entendia que a sua literatura constituía uma forma de entender e de falar sobre o mundo, e poderia perpetuar com as crianças a sua luta de querer transformar o mundo. No livro “Serões de Dona Benta”, cuja primeira edição foi publicada em 1937, Monteiro Lobato procurou atender três objetivos: levar o conhecimento das conquistas da ciência às crianças; questionar as verdades que ainda predominavam e proporcionar um novo modelo de ambiente escolar (Cupertino, 2015).

Nas obras literárias de Monteiro Lobato, de acordo com Carola e Cabral (2014), ocorre uma diversidade de concepções de natureza e representações do mundo natural. Acrescentam que Lobato, assim como escritores e intelectuais de sua época, “não escapou da poderosa força de sedução da ideologia desenvolvimentista, e muito menos da mentalidade antropocêntrica consolidada pela sociedade moderna” (CAROLA; CABRAL, 2014, p.453).

Zanetic (2007) considera Monteiro Lobato como um escritor com “veia científica”, pois usa o conhecimento científico em suas obras, inclusive em sua literatura infantil. Essa afirmativa é comprovada principalmente em seus livros infantis, como, por exemplo, em “Aritmética da Emília”, “A chave do tamanho”, “Emília no País da Gramática”, “História das Invenções” e “Serões de Dona Benta”.

Apesar de ser indiscutível a importância das plantas para o ser humano, há pouco interesse pela disciplina ou pela ciência da botânica. Para Machado e Amaral (2015, p. 18), “as nossas vivências são entrelaçadas com a vida botânica ao nosso redor e as plantas criam em nós imagens internas, que são constantemente mobilizadas no processo educativo”.

Esse desinteresse, classificado como “cegueira botânica”, pode ser combatido com o uso dos textos do Monteiro Lobato na sala de aula, sendo esse o principal objetivo do presente artigo, isto é, fornecer exem-

plos de como os conteúdos sobre as plantas são expostos nos textos de Lobato e como podem ser trabalhados em uma aula, tanto do ensino fundamental quanto no ensino médio.

METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa de caráter documental relacionada aos textos que analisam Monteiro Lobato como escritor que utiliza o conhecimento científico, e sobre como era a sua percepção da natureza. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 183), a pesquisa documental “[...] abrange toda a bibliografia tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico ...”.

Para identificar e analisar as frases, parágrafos e trechos que abordavam conceitos relacionados à botânica, foram realizadas a leitura dos livros infantis de Monteiro Lobato. As obras de Monteiro Lobato quanto à literatura infantil analisadas para verificar a associação dos textos com a botânica, incluíram: “A Chave do Tamanho”; “A Reforma da Natureza”; “Aritmética da Emília”; “Caçadores de Pedrinho”; “Dom Quixote das Crianças”; “Emília no País da Gramática”; “Fábulas”; “Geografia de Dona Benta”; “Hans Staden”; “Histórias da Tia Nastácia”; “História das Invenções”; “História do Mundo para as Crianças”; “Memórias da Emília”; “O Minotauro”; “O Pica-Pau Amarelo”; “O Poço do Visconde”; “O Saci”; “Os Doze Trabalhos de Hércules” (dois volumes); “Os Sertões de Dona Benta”; “Peter Pan”; “Reinações de Narizinho” e “Viagem ao Céu”.

Após a leitura desses livros, foram selecionados frases e parágrafos que abordavam conteúdos relacionados à botânica, e que poderiam servir para demonstrar como poderiam ser trabalhados na sala de aula.

REVISÃO DE LITERATURA

A LITERATURA INFANTIL

Sobre literatura, Cielo (2006) observa que:

A literatura fala a linguagem comum, a linguagem falada por nós em nossas interações cotidianas. É um meio de expressão sem pudor, meio de compreensão da complexidade humana. Nesta arte, podemos entrar em contato com a subjetividade humana, com os excluídos sociais, com o estrangeiro, com o diferente, com a mulher. Enfim, com os outros. A linguagem literária torna-se um território de acontecimentos, um meio formador da mente ou da leitura de mundo, de que fala Paulo Freire. (CIELO, 2006, p.28).

Quanto à Literatura Infantil, Coelho (1987, p.10) afirma que ela é, “antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o Homem, a Vida, através da palavra”.

Em 1920, Monteiro Lobato publica o seu primeiro livro infantil, “A Menina do Narizinho Arrebitado”. Apesar de antes dessa edição já ter publicado contos infantis, a ideia de escrever com mais frequência para o público foi estimulada pela sua observação de cenas domésticas e de sua preocupação com a criança, considerado seu receptor específico (Souza, 2009).

Para Valente (2011), a preocupação humanística de Monteiro Lobato é manifestada principalmente em seus livros destinados ao público infantil, ou seja, há neles um caráter pedagógico, em sentido amplo, com o objetivo de formar as novas gerações.

Segundo Nilson e Boer (2021), Monteiro Lobato utiliza uma linguagem em seus textos que atrai o público leitor das mais variadas faixas etárias, estimulando-os a refletir sobre os conteúdos expostos pelo escritor. Portanto, ainda segundo as autoras, a literatura torna-se importante no processo de ensino e de aprendizagem, pois atua como instrumento que facilita a aprendizagem.

Monteiro Lobato procurou desenvolver nas crianças, a partir da leitura, uma consciência crítica para que elas pudessem decidir o que é certo e o que é errado, sem aceitar o pensamento já formado de outras pessoas. Esse projeto de desenvolver uma cidadania efetiva a partir da criança leitora surge em Lobato pelo desestímulo com a sua própria geração (Andrade, 2014).

A CIÊNCIA E MONTEIRO LOBATO

A aproximação entre a ciência e a literatura ocorrerá no Brasil com mais frequência a partir da década de 1930 (Carola & Cabral, 2014). Os autores observam que na literatura infantojuvenil, escritores como Lobato apropriaram-se do conhecimento científico e, com base em teorias científicas, elaboraram narrativas e criaram personagens.

O estudo da literatura de Monteiro Lobato, seja ela adulta ou infantil, evidencia a ênfase dada pelo autor às relações ser humano-ciência. Ao longo da sua obra, especificamente da obra infantil, essa relação se mostra contraditória, marcada por momentos de afastamento e de aproximação, refletindo o contexto histórico, social, político e cultural vividos por Lobato (Martins & Groto, 2012).

Nas análises dos textos infantis de Monteiro Lobato, é importante levar em conta as alterações da visão do autor perante a ciência, Camenietzki (1988) propõe três momentos na literatura infantil, com suas respectivas características. O primeiro momento, denominado por “saber inútil, inclui os primeiros textos infantis publicados em separado entre 1920 e 1931/32, como “Reinações de Narizinho” e “O Saci”. Neles, o escritor apresenta a cultura e o saber como conflitantes. Em seu interior se confrontariam o novo e o velho consubstanciados em uma ciência prática, empreendedora contraposta a um saber acumulativo, bacharelesco, retórico e inútil. O Visconde é representado como um chato, um desmancha-prazeres. Os cientistas tradicionais são postos como contemplativos e rabujentos.

O segundo momento, o do “saber útil”, é bem demonstrado nos textos publicados entre 1932/33 e 1940, aproximadamente. Nesta época, em que ele mais produziu seus textos infantis. Lobato estava discutindo a exploração do petróleo. Durante a visão científica desta fase, oposta a anterior, Lobato registra a importância da engenhosidade científica. Demonstra euforia com as realizações técnicas da civilização, e valoriza o saber.

O terceiro momento, o do “saber malversavo”, contém textos escritos por Lobato no período, posterior a sua prisão, de 1942 a 1947. Nesse momento, o escritor registra a distorção da ciência pela civilização, e se apresenta decepcionado com a humanidade. O Visconde volta a assumir algumas de suas características da primeira fase; ele volta a ser um avoadado e distraído sábio.

Quanto aos seus livros infantis e a ciência, no livro “A Chave do Tamanho”, Monteiro Lobato, de acordo com Apóstolo Neto (1996), é evidenciado muito bem a dialética da forma e do conteúdo ao transformar o externo, no caso a ciência moderna, em fator estético.

Monteiro Lobato fornece uma literatura que tem como objetivo ensinar a História Natural baseada na ciência e no conhecimento científico (Carola & Cabral, 2014). No texto “Comichões científicas”, de Serões de Dona Benta, Lobato demonstra que objetiva aplicar o conhecimento científico em sua literatura infantil. Faz um relato que se inicia no Paleolítico, era em que o ser humano era nômade, passando pelo Neolítico, era em passa a ser sedentário, até a idade dos metais:

No começo o homem era um pobre bípede que valia tanto como os quadrúpedes de hoje. Viviam como todos os animais, nu em pelo, morando só nos lugares de bom clima, onde houvesse abundância de frutas silvestres e caça. Um animal como outro qualquer. Mas a inteligência que foi nascendo nele fez que começasse a observar os fenômenos da natureza e a tirar conclusões. O homem teve a ideia de plantar, e com isso criou a agricul-

tura. Teve a ideia de inventar armas, o arco e a flecha, o machado de pedra, o tacape, e com isso aumentou a eficiência dos seus músculos. Um dia descobriu o fogo e o meio de conservá-lo sempre aceso – e disso nasceu um colosso de coisas, entre elas o preparo dos metais. Com o fogo derretia certas rochas e tirava uma coisa preciosa, diferente da pedra – o ferro, o cobre, os metais, em suma. E com esses metais obtinha machados muito melhores que os feitos de pedra. Também aprendeu a domesticar certos animais, de que se servia para a alimentação ou para ajudá-lo no trabalho. E a inteligência do homem, de tanto observar os fenômenos, foi criando a ciência, que é o modo de compreender os fenômenos, de lidar com eles e produzi-los quando se quer. E o homem tanto fez que chegou ao estado em que se acha hoje – dono da terra, dominador da natureza, rei dos animais. (LOBATO, 2019c, p. 7).

Ainda em “Serões” de Dona Benta, é possível notar o destaque para a curiosidade científica de Pedrinho:

– Sinto uma comichão no cérebro, disse Pedrinho. Quero saber coisas. Quero saber tudo quanto há no mundo...

– Muito fácil, meu filho – respondeu Dona Benta. A ciência está nos livros. Basta que os leia.

– Não é assim, vovó – protestou o menino. – Em geral os livros de ciências falam como se o leitor já soubesse a matéria de que tratam, de maneira que a gente lê e fica na mesma [...] A ciência que eu gosto é a falada, a contada pela senhora, clarinha como água do pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-e-mal (LOBATO, 2019c, p. 9).

Nos livros “A reforma da natureza” (Lobato, 1982), “Reinações de Narizinho” (Lobato, 2019b) e “A chave do tamanho” (Lobato, 1964), a ciência, sempre praticada por pessoas muito inteligentes, é citada como conhecimento a ser valorizado, detentora de um método específico e realizada, principalmente, por meio de observações e de experimentos (Groto & Martin, 2015). Segundo os autores, nessas obras, quase sempre, os experimentos são realizados pelo Visconde de Sabugosa em seu laboratório, onde aplica técnicas minuciosas e trabalha com persistência, utilizando seu material e equipamentos destinados à pesquisa científica.

Quanto ao método de aprendizagem, no livro “Emília no País da Gramática” (Lobato, 2009), Quindim, diferente de Dona Benta, não ensina, nem incentiva, ele ajuda a construir o conhecimento.

Em “História do mundo para as crianças” (Lobato, 2020b, p.149) a menção às descobertas da ciência é relatada como, por exemplo, “Mas os árabes igualmente inventaram o álcool. Viram que fermentando o caldo de certas plantas açucaradas aparecia esse líquido transparente que pega fogo e que, bebido, deixa os homens fora de si, como loucos [...]. Na mesma obra (2020b, p.11), “[...] naqueles tempos, ainda tão atrasados, não havia gelo, nem geladeiras, nem outro qualquer meio de preservar a carne e mais alimentos que se estragam depressa. Ora, os europeus haviam descoberto que essas especiarias conservavam esses alimentos”.

Lobato se mostra atento aos erros que comente nas primeiras edições de seus livros. Com isso, alterações são comuns nos livros de Lobato, inclusive com relação às características dos personagens. Bignotto (2009) exemplifica um erro de geografia de Monteiro Lobato, quando ele cita que o Rio das Graças fica em Goiás. Esse erro gerou comentários negativos de Cecília Meireles com relação ao escritor no artigo “Um descuido de Monteiro Lobato”, publicado no jornal carioca “Diário de Notícias”. Na segunda edição de o “Garimpeiro do rio das Graças”, Lobato corrige e coloca Mato Grosso.

Segundo Bastos (2009), em uma edição Lobato descreve Jeca Tatu como preguiçoso, mas depois nas edições seguintes vira Jeca Tatuzinho, e passa a ser usado para promover a venda de medicamentos Fontoura, como o Ankilostomina e o Biotônico. A versão incluída no texto Problema vital omite a referência à erva-de-santa-maria, e inclui a recomendação moralista de não ingerir bebida alcoólica, e Jeca curado e calçado passar a ser um novo homem.

Souza (2018) afirma que a partir de *Problema Vital*, *Jeca Tatu*, diferente do papel que apresentou em *Urupês* (1918), “[...] passa a ser o resultado de infindáveis doenças tropicais passíveis de serem remediadas pelas práticas de higiene” e os textos de Lobato abandonam “o caráter literário realista dos primeiros contos, e assume o cientificismo sanitarista [...]” (Souza, 2018, p. 325).

A mudança mais profunda e notável que Lobato é feita no personagem no *Saci*. Nas últimas edições escritas por Lobato, *Saci* se torna um ser articulado, inteligente e filósofo, sendo essa última uma qualidade nunca atribuída a personagens negras em livros infantis. Ao longo de todo o romance, o *saci* ensina a *Pedrinho* segredos da mata e da cultura popular, sobre os quais sempre oferece reflexões instigantes (Bignotto, 2021).

A NATUREZA E MONTEIRO LOBATO

Para Souza e Cavalari (2009), no que diz respeito à sabedoria inerente à natureza, um bom exemplo está contida na frase em que se afirma que a obra da natureza é muito sábia, retirada do livro “*A Reforma da Natureza*”. Na discussão sobre a concepção utilitarista da natureza proposta no livro “*A Reforma da Natureza*”, segundo as autoras, pode-se considerar que apesar de a proposta central parecer se fixar na interferência prejudicial do ser humano na natureza ordenada, perfeita e harmoniosa, em alguns momentos o escritor parece aceitar alguns dos benefícios das alterações.

Cielo (2006), em sua dissertação sobre como contribuir na formação de professores para a Educação ambiental, utilizou como objeto de estudo, a obra literária de Monteiro Lobato, e demonstrou que a literatura serve como modelo da representação do mundo. Mas alerta para “a necessidade de o professor de ciências estar atento aos erros conceituais presentes em obras literárias, evitando aprendizagens equivocadas e o reforço de concepções alternativas”.

Segundo Carola e Cabral (2014), Lobato insere princípios ecológicos nos seus textos aplicando método pedagógico com base em uma relação dialógica. As autoras observam que Emília não é repreendida, mas é convencida por meio de “argumentos científicos” expostos por Dona Benta, quando essa afirma, por exemplo, que as frutas existem para o bem da árvore.

No desfecho final de “*A reforma da natureza*” surge o Lobato modernista, mas apesar das contradições e das ambiguidades à parte, os seus textos captam fragmentos do pensamento ecológico presentes no cenário político e educacional das décadas de 1930 e 1940 (Carola & Cabral, 2014). Para esses autores,

No desfecho final de *A reforma da natureza* é o Lobato modernista que emerge. Dona Benta convence Emília de que sua reforma traria graves problemas para a vida no planeta, mas admite que algumas de suas reformas poderiam ser úteis. Contradições e ambiguidades à parte, há de se considerar que a literatura de Monteiro Lobato captou fragmentos do pensamento ecológico que estão presentes no cenário político e educacional das décadas de 1930 e 1940 (CAROLA, CABRAL, 2014, p.455).

No entanto, consideram como tarefa cientificamente incerta, a identificação da concepção de natureza na literatura infantil, como nas obras literárias de Monteiro Lobato, onde há diversas concepções de natureza e de representações do mundo natural (Carola & Cabral, 2014).

Carvalho (2007) sugere a aproximação entre a educação ambiental e a literatura por meio da utilização de fragmentos literários da obra “*A Reforma da Natureza*”. Segundo a autora, na literatura lobatiana, as crianças leitoras se tornam protagonistas das histórias e, portanto, a “ciência, educação e ambiente podem ser (re) significados pelos leitores/as com liberdade de transitar pela fabulação e escolher conceitos, atitudes e posicionamentos ambientais que lhes são convenientes” (Carvalho, 2007, p. 336).

A ideia de justiça, segundo Lobato (2008), é criação puramente humana. Quanto a esse tema, o escritor afirma:

Na natureza não há justiça, há lógica. A natureza não é boa nem má, justa ou injusta: é lógica. Vai ao fim cegamente colimado através de todos os óbices – e vai sempre pelo caminho mais curto. A linha curva é invenção humana. Fora do homem, há o ponto de partida, o ponto de chegada e a reta que os une. (LOBATO, 2008, p.67).

Valente (2011) destaca em “A chave do tamanho”, a conversa sobre natureza e a seleção natural:

Quem governa é uma invisível Lei Natural. E que Lei Natural é essa? Simplesmente a Lei De Quem Pode Mais. Ninguém neste mundinho procura saber se o outro tem ou não tem razão. Não existe a palavra justiça. A Natureza só quer saber duma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal Seleção Natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que sempre acerta, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando. ‘Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é?’ Diz a Seleção para um bichinho bobo. ‘Pois então leve a breca.’ E para não levar a breca, o bichinho trata de inventar toda sorte de defesa e astúcias. (LOBATO, 1964, p. 28-29).

As obras de Lobato, especificamente “A chave do tamanho”, favorecem a compreensão do que se trata a sustentabilidade, pois narra aventuras e peripécias de Emília, estabelecendo diversas relações com ambiente na qual a personagem está inserida (Nilson & Boer, 2021). Em seu artigo, as autoras identificam aspectos que podem ser utilizados na educação para o desenvolvimento sustentável.

Para Nilson, Boer e Fuzer (2016), no livro “A chave do tamanho”, escrita em 1942, período em que não constava um conceito oficial para desenvolvimento sustentável, constatou-se que, na ficção de Lobato, existe uma visão de sustentabilidade, um termo que veio a se concretizar anos mais tarde, no Relatório Bruntland, traduzido para o Brasil por Nosso futuro comum.

Durante a leitura dos textos infantis de Monteiro Lobato, verificou-se que além da contribuição para expor a importância das plantas, eles podem contribuir para a história ambiental, pois quando ele descreve como se dá a ocupação dos quintais em sua época, o escritor propicia entender como se dava as ocupações desses territórios, e como as relações com os elementos naturais faziam parte da história de cada lugar e de cada indivíduo (Matias, Carvalho & Brasileiro, 2020). Para esses autores, as relações entre o ser humano e o seu meio vão, aos poucos, alterando a paisagem, a noção de pertencimento, o esquecimento, a memória, a gratidão e os vínculos. E concluem: nem o ambiente nem o ser humano são estáticos.

A história ambiental, ou ecologia histórica, busca compreender o passado sob o ponto de vista de como o meio ambiente moldou as relações do ser humano com a natureza (Devide *et al.*, 2014).

EXEMPLO DA CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA CONTRA A CEGUEIRA BOTÂNICA

Para Salatino e Buckeridge (2016), no início do século XIX, demonstrar para a sociedade brasileira, conhecimentos sobre botânica era uma elegante demonstração de bom gosto. Segundo os autores, Dom Pedro I e seu filho Dom Pedro II, apreciavam as plantas, e tornaram-se mecenas de naturalistas europeus, como Carl Friedrich Philipp von Martius, autor da Flora Brasiliensis, uma das obras botânicas mais importantes do mundo.

Com relação à literatura para estimular o conhecimento da botânica, Salomão (2008) utilizou a peça de teatro “Lição de Botânica”, escrita em 2006, e um dos últimos textos escrito por Monteiro Lobato. Salomão (2008) utilizou essa peça em uma escola de Magé, Rio de Janeiro. Segundo o autor:

A peça conta a história de um romance proibido e é tecida em meio a assuntos da ciência, costurados com fina ironia pelo escritor. Um botânico sueco que está no Brasil quer proibir o namoro de seu sobrinho Henrique com Cecília, uma das sobrinhas de sua vizinha, Dona Leonor. Estrategicamente, Helena, irmã da jovem Cecília, utiliza seus conhecimentos e seus desconhecimentos de botânica para impressionar o excêntrico pesquisador e, graças às suas artimanhas, a história tem um final inesperado e feliz que não vamos contar aqui. Mostramos apenas alguns enunciados. (SALOMÃO, 2008, p. 1)

Salomão (2008) destaca as seguintes frases da “Lição de botânica”:

Sou o Barão de Kernoberg, seu vizinho, botânico de vocação, profissão e tradição, membro da Academia de Estocolmo, e comissionado pelo governo da Suécia para estudar a flora da América do Sul ...

Henrique está começando a estudar botânica comigo. Tem talento, há de vir a ser um luminar da ciência. Se o casamos está perdido...

As gramíneas têm ou não tem perianto? Perianto compõe-se de duas palavras gregas: peri, em volta, e anthos, flor

*Posso compará-la à violeta, **Viola odorata** de Lineu, formosa e recatada...*

Estudaremos uma por uma todas as famílias: as Orquídeas, as Jasmíneas, as Rubiáceas, as Oleáceas, as Narcisais, as Umbelíferas...

Para Salomão (2008), o trabalho com a peça promoveu um movimento de significação em torno da ciência, da linguagem científica e da botânica, e reflexão dos alunos sobre as especificidades da linguagem científica, notadamente da nomenclatura biológica e contribuiu para a apropriação por parte deles de elementos dessa linguagem. “Pôde se observar a ocorrência de processos de ampliação e de produção de significados pelos alunos, o que consideramos como evidências de aprendizagem em ciências” (Salomão, 2008, p. 7).

MONTEIRO LOBATO E SEUS TEXTOS QUE PODEM CONTRIBUIR PARA COMBATER A CEGUEIRA BOTÂNICA

Nos textos de Monteiro Lobato são vários os trechos ou frases que podem ser utilizados para inserir conceitos de botânica. No conto “A violeta orgulhosa”, contido no livro “Histórias diversas”, Souza e Cavalari (2009) tecem os seguintes comentários:

[...] primeiramente, atribui-se às zínias, um tipo particular de flor, certa racionalidade, onde qualquer imperfeição provém de um erro, já que sua constituição resulta de uma ação consciente. Narizinho, ser humano, classifica-a, então, de inferior, guiada por um senso estético que cobra regularidade, ordem e perfeição. Assim, Visconde intervém disposto a manipulá-las e torná-las satisfatórias para o julgamento humano, afirmando “discipliná-las”. Nota-se que, esta modificação, passa pela “metodologia científica”; é o conhecimento científico que permite ao homem esta intervenção para alterar a natureza a seu favor (SOUZA, 2009, p.258):

Ainda considerando o texto “A violeta orgulhosa”, se observa que Lobato segue as regras da nomenclatura científica, introduz a ideia do melhoramento genético vegetal, fornece informações sobre a morfologia das zínias e discute a pigmentação das pétalas:

O canteiro do Visconde era apenas experimental, coisa mesmo de sábio. Tempo houve em que só havia ali zínias – a *Zinnia elegans*, a menos elegante de todas as flores.

- São umas perfeitas tontas! – havia dito certa vez Narizinho. Nunca acertam a mão, nem na forma, nem na cor. A cor das zínias é sempre atrapalhada.

[...]“Botar pétalas aqui, veja que asneira! Não é lugar de pétalas, e sim dos estames e pistilos, como o Visconde já me explicou. Estas porcariazinhas de pétalas nasceram aqui por engano, por erro da flor. As zínias erram muito, tal qual meninos vadios que nunca sabem a lição. [...]

Foi por causa dessas críticas de Narizinho que o Visconde resolveu encher o seu canteiro só daquela flor, para estudá-las e aperfeiçoá-las por meio da seleção e fixação das qualidades. “Hei de disciplinar estas boêmias tontas” – dizia o sabuginho científico. (LOBATO, 2020a, p.19).

A manipulação genética de plantas, tema atual, pode ser associada ao objetivo de Emília e de sua amiga Rã, em “A reforma da natureza”. Elas querem realizar experiências com animais e plantas, como se observa nesse texto:

Esta jabuticabeira, por exemplo. Não acha que é uma vergonha deste tamanho dar frutinhas tão pequenas? E no entanto temos lá na horta um pé de abóbora que dá abóboras enormes e é um pé que nem é pé de coisa nenhuma – não passa dum talinho mole que se esborracha quando a gente pisa em cima. Vou mudar. Vou botar as jabuticabas no pé de abóbora e as abóboras na jabuticabeira (LOBATO, 1982, p. 23).

No livro “História do mundo para as crianças” (Lobato, 2020b), Monteiro Lobato repassa os significados da botânica nas civilizações, na cultura e religiões como em: “Osiris, casado coma deusa Isis, era o principal. Presidia a agricultura e julgava os mortos” (p.28); “Havia Deméter ou Ceres, deusa da agricultura” (p.28). Em outro momento descreve plantas míticas desconhecidas como “A coluna coríntia tinha o capitei cheio de coisas, tais como folhas de acanto e outras [...] uma planta da Grécia que ficou célebre nas artes – uma espécie de serralha” (p.8). Esses textos podem ser uteis como referência da origem da agricultura e mitologia.

Outra importante contribuição para aulas sobre formação dos solos e petróleo, são os textos encontrados no livro “O poço do Visconde” (Lobato, 2019a), publicado pela primeira vez em 1937, onde Monteiro Lobato descreve a geologia do solo brasileiro e a importância das plantas nesse processo, como, por exemplo: “São rochas sedimentárias constituídas pelos restos mortais dos animálculos e das plantas. Quando uma floresta é soterrada, todas as árvores nela existentes se transformam numa rocha de nome hulha, ou carvão de pedra (p. 16). “Quando, em terra, uma vegetação fica por muito tempo recoberta e, por conseqüências, livre de contato com o ar, os vegetais, em vez de apodrecerem, transforma-se em turfa, ou carvão de pedra” (p. 30). “Creio que no sítio só podemos encontrar rocha orgânica no fundo daquele brejo dos guembés, que seca nos meses de seca. Há de haver lá turfa, que é uma rocha orgânica formada pela transformação dos vegetais enterrados.” (p. 61).

Na mesma obra descreve sobre a relação das plantas com a formação geológica como por exemplo: “As vidinhas vegetais que surgiram foram se desenvolvendo, ficando cada vez mais complicadas e aperfeiçoadas, até darem os vegetais que temos hoje – as árvores, os capins, tudo. Se analisarmos a matéria que compõe um vegetal, veremos que é toda mineral.” (Lobato, 2019a, p. 18).

Também comenta sobre a evolução das plantas no planeta, como:

Em cima dos terrenos arqueanos vêm as camadas da Era Paleozoica ou Primária, onde aparecem os primeiros fósseis de algas marinhas e as primeiras conchas, isso bem embaixo, mais para cima começam a aparecer fósseis como os dos fetos, e grande abundância de cascas de moluscos. E ainda mais para cima surgem os fósseis dos primeiros sáurios e dos vegetais que formam as mais velhas hulhas (LOBATO, 2019a p. 72).

Ainda em Lobato (2019a, p. 72), “Depois temos a era mesozoica ou secundária cujos terrenos se compõem de argilas e piçaras calcários de conchas. Surgem fósseis de plantas já bastante adiantadas, como as coníferas, as cicadáceas os grandes fetos arbóreos [...].”

No livro “Memórias da Emília” (Lobato, 2020c), após ter encontrado o anjinho da asa quebrada, Emília explica o que é uma árvore:

- Árvore – dizia – é uma pessoa que não fala, que vive sempre de pé no mesmo ponto; que em vez de braços tem galhos; que em vez de unhas tem folhas; que em vez de andar falando da vida alheia e se implicando com a gente dão flores e frutas. (LOBATO, 2020c, p. 14).

Na mesma página e usando da analogia com o corpo humano, Lobato cita as partes da planta, e continua com uma pergunta do anjinho “- Mas por que essas tais árvores nunca saem do mesmo lugar? – Porque têm raízes – explicava a Emília”, que continua a explicação com uma analogia ao corpo humano “[...] são pernas tortas que elas enfiam pela terra adentro”.

Em outro trecho de “Memórias da Emília” (2020c, p. 18) Emília continua a explicação, “[...] - Frutas são bolas que as árvores penduram nos ramos, para regalo dos passarinhos e das gentes. Dentro há caldos ou massas de todos os gostos. As maçãs usam massas. As laranjas usam caldo. E as pimentas usam um ardor que queima a língua da gente.” Aqui tem até uma classificação dos frutos conforma a consistência, que pode ser utilizada em aulas de Morfologia Vegetal.

No livro “História do mundo para as crianças”, várias são as referências sobre as plantas, incluindo a sua origem, a descoberta de seu uso e a sua importância econômica. Como exemplos em Lobato (2020b), são citadas as seguintes frases; “[...] Os egípcios usavam para a escrita um papel da casquinha fina de uma tábua muito abundante por lá- o papiro [...]” (p. 25); “[...] Eles extraíam as entranhas e os miolos dos cadáveres e o embebiam de líquidos adequados; depois o enrolavam com faixas de linho [...]” (p. 28); “[...] Samuel ungiu Saul derramando-lhe sobre a cabeça um pouco de óleo de oliva [...]” (p. 37); “[...] construído com a madeira dos famosos cedros do monte Líbano [...]” (p. 47); “[...] Os vencedores não recebiam prêmios, dinheiro ou coisa que o valha, só recebiam uma coroa de louros [...]” (p. 55); “[...] Dê-lhe chá de hortelã bem forte que ele sara, Dona Benta. Isso são bichas – gritou lá do seu canto a pestinha da Emília [...]” (p. 69); “[...] Essas coitadinhas nunca deram cicuta a nenhum Sócrates de duas cabeças, nem crucificaram ninguém [...]” (p. 118); “[...] Chamavam de especiarias os certos produtos das índias, como o cravo e a canela, a pimenta, nozes de cheiro forte (temperos), em suma que tinham excelente mercado na Europa [...]” (p. 208); “[...] Iria pegar o nome de Brasil, por causa da madeira vermelha que mais tarde começou a ser levada para a Europa a fim de ser usada na tinturaria [...]” (p. 214) e “[...] foi a vinda para a Inglaterra dos primeiros fardos de fumo. Causou muita impressão o fumo, e mais tarde ter ele virado fumante de cachimbo [...]” (p. 229).

Em “História do mundo para as crianças”, também há menção de lendas:

Há várias lendas a respeito. Uma diz que os árabes notaram que quando as cabras comiam as cerejas de um certo arbusto silvestre da Arábia ficavam mais espertas. Isso os fez experimentar de vários modos o uso das tais cerejas, até descobrirem que as sementes, depois de torradas e moídas, davam uma bebida preta, de sabor e cheiro muito agradáveis. Desse modo nasceu o café, conhecido hoje no mundo inteiro e que nos aqui produzimos em grande quantidade. Até eu sou produtora de café... (LOBATO, 2020b, p. 149).

Passear pelas páginas de Lobato é fazer uma viagem pela gastronomia na época de seus escritos, principalmente quando entram em ação as personagens Tia Nastácia e Dona Benta. Como exemplos da gastronomia “Lobatiana”, são citados os pratos: carne-seca desfiada com angu de farinha de milho, cuscuz, lombo com farofa, mandioquinha frita, suã de porco com torresmo, e a cambuquira, feita dos brotos e das flores da abóbora. Doces apreciados na época, como, por exemplo, banana frita, biscoito de polvilho, bolo de fubá, curau, goiabada cascão, paçoca, rapadura, sagu e sequilhos. Algumas frutíferas nativas são citadas como a grumixama, a pitanga e o ingá, todas nativas da Mata Atlântica.

CONCLUSÃO

Os conceitos e os conteúdos relacionados à botânica na literatura infantil de Monteiro Lobato podem ser abordados na sala de aula, pois seus textos contemplam diferentes concepções da natureza; inserem princípios ecológicos; fornecem aspectos históricos de produtos gerados a partir das plantas, como o álcool e as especiarias; destaca a sustentabilidade; usa adequadamente a nomenclatura científica; introduz temas como manipulação e melhoramento genético vegetal; morfologia vegetal; pigmentação nos vegetais; relação dos vegetais com a formação dos solos e evolução das plantas..

Espera-se que o conteúdo deste artigo possa servir de subsídios para os professores reduzir a cegueira botânica, pois um dos intuítos foi demonstrar as inúmeras aplicações da flora na época em que os livros foram escritos, e a inserção de conceitos botânicos.

REFERÊNCIAS

- Andrade, J. M. (2014). O Poço do Visconde: conceitos de geologia, política e proatividade para crianças. **INTERSEMIOSE, III(6)**, 66-79.
- Apóstolo Netto, J. (1996). O discurso cientificista no livro A Chave do Tamanho de Monteiro Lobato. **Pós-História, 4**, 45-66.
- Bastos, Glauca Soares. (2009). Jeca Tatuzinho: patriotismo e propaganda. In Marisa Lajolo (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (p. 139-147). São Paulo: Editora Unesp.
- Bignotto, Cilza. (2009). João Nariz, o garimpeiro que virou raridade. In Marisa Lajolo (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (p. 123-135). São Paulo: Editora Unesp.
- Bignotto, Cilza. (2021). Reescrevendo a narrativa: racismo em livros infantis da época de Monteiro Lobato. **Revista Brasileira de Literatura Comparada, 23(43)**, 56-79.
- Camenietzki, C. Z. (1988). **O saber impotente: estudo da noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato**. Dissertação de mestrado, FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Carola, C. R. & Cabral, G. S. (2017). Natureza, sensibilidade ambiental e tendências antropocêntricas na literatura infantojuvenil brasileira (1934-1971). **Diálogos, 18(1)**, 435-472.
- Cardoso, Rosimeiri Darc. (2009). Geografia de Dona Benta: o mundo pelos olhos da imaginação. In Marisa Lajolo (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (p. 403). São Paulo: Editora Unesp.
- Cielo, A. V. (2006). **Educação ambiental, representações sociais e formação de professores (as): de volta à escola com Monteiro Lobato**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
- Carvalho, F. A. de. (2007). Fragmentos literários para a educação ambiental. **Remea - Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental, 18**, 336-348.
- Devide A. C. P., Castro C. M., Ribeiro R. L. D., Abboud A. C. S., Pereira M. G., Rumjanek N. G. (2014). História Ambiental do Vale do Paraíba Paulista, Brasil. **Revista Biociências, Taubaté, 20(1)**, 12-29.
- Groto, S. R. (2012). **Literatura de Monteiro Lobato no Ensino de Ciências**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Groto, S. R. & Martins, A. F. P. (2015). A Literatura de Monteiro Lobato na discussão de questões acerca da Natureza da Ciência no Ensino Fundamental. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, 17(2)**, 390-413.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2010). Fundamentos da metodologia científica. São Paulo: Atlas.
- Lobato, Monteiro. (1969). *Geografia de Dona Benta* (17a ed.). São Paulo: Brasilienses.

- Lobato, Monteiro. (2020a). *Histórias diversas*. Jandira: Ciranda Cultural.
- Lobato, Monteiro. (2020b). *História do mundo para as crianças*. Jandira: Ciranda Cultural.
- Lobato, Monteiro. (2020c). *Memórias de Emília*. Jandira: Ciranda Cultural.
- Lobato, Monteiro. (2009). *Emília no País da Gramática*. (2a. ed.) São Paulo: Globo.
- Lobato, Monteiro. (2008). *Mundo da Lua*. São Paulo: Editora Globo.
- Lobato, Monteiro. (2019a). *O poço do visconde*. Jandira: Ciranda Cultural
- Lobato, Monteiro. (2019b). *Reinações de Narizinho*. Jandira: Ciranda Cultural.
- Lobato, Monteiro. (2019c). *Serões de Dona Benta*. Jandira: Ciranda Cultural.
- Machado, C. & Amaral, M. (2015). Memórias ilustradas: aproximações entre formação docente, imagens e personagens botânicos. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, 8(2), 7-20.
- Martins, A. F. P. & Groto, S. R. (2012). Discutindo ciência com Monteiro Lobato. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação**, Campinas, SP, Brasil, 8.
- Matias, E. M.; Carvalho, A. V. & Brasileiro, L. G. (2020). Quem semeia vento colhe tempestade? Microrrealidades socioambientais transformadas pelo turismo em São Miguel do Gostoso – RN. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, 14(1), 112-125.
- Nilson, L. L.; Boer, N.; Fuzer, (2016). C. Aspectos que facilitam a sensibilização acerca da sustentabilidade na obra “A chave do tamanho”, de Monteiro Lobato. **Indagatio Didactica**, 8 (1), 2008-2020.
- Nilson, L. L.; Boer, N. (2021, maio). Sustentabilidade presentes na obra A chave do tamanho, de Monteiro Lobato. **Anais do VI Congresso Internacional de Educação**, Santa Maria, RS, Brasil, 6.
- Oliveira, C. M. de & Batista, M. C. (2021). A relação da Literatura com a Astronomia a partir da análise de uma imagem do conto “O nosso sistema solar” de Monteiro Lobato. **Research, Society and Development**, 10(16), 1-8.
- Salatino, A. & Buckeridge, M. (2016). “Mas de que te serve saber botânica?”. **Estudos Avançados**, 30(87), 177-196.
- Souza, H. A. L. de; Cavalari, R. M. F. (2009). As concepções de natureza e de relação sociedade-natureza no pensamento de Monteiro Lobato. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, 3, 251-270.
- Souza, Loide Nascimento de. (2009). Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. In Marisa Lajolo (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (p. 103-119). São Paulo: Editora Unesp.
- Souza, J. W. (2018). O Jeca Doente de Problema Vital: Monteiro Lobato e os higienistas de São Paulo em 1918. **Estudos De Sociologia**, 23(44), 325-344.
- Valente, T. A. (2011). Monteiro Lobato: um estudo de A chave do tamanho. São Paulo: Editora Unesp.
- Zanetic, J. (2007). Literatura e cultura científica. In Almeida, Maria José P. M.; Silva, Henrique César da. *Linguagens, Leituras e Ensino de Ciências*. (p. 11-31). Campinas: Mercado das Letras.

MONTEIRO LOBATO E A COMIDA DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Aline Liz Faria¹ , Alexandra Magna Rodrigues² , Edna Maria Querido Chamon² , Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão² 

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender o contexto geográfico e social no qual Monteiro Lobato estava inserido e a cultura e tradição culinária da região do Vale do Paraíba Paulista em sua época. A presente pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “FAZER, COMER E AMAR: Representações Sociais de idosos sobre a comida na infância” que por tratar de questões relacionadas às memórias sobre a comida para idosos nascidos no Vale do Paraíba Paulista, discutiu aspectos culturais e literários desse objeto.

Este estudo demonstrou por meio do objeto social a comida, sua ação comunicativa, qual Monteiro Lobato, utilizava para retratar a sociedade da época, com seus hábitos e costumes. Além disso, a valorização dos saberes e sabores regionais do Vale do Paraíba Paulista, contidos em seus livros e contos.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, comida, Vale do Paraíba. Desenvolvimento humano.

MONTEIRO LOBATO Y LA COMIDA EN EL VALE DO PARAÍBA PAULISTA

ABSTRACT

The objective of this article is to understand the geographic and social context in which Monteiro Lobato was inserted and the culture and culinary tradition of the Vale do Paraíba Paulista region at the time. The present research is an excerpt from the master's thesis “FAZER, COMER E AMAR: Social Representations of the elderly about food in childhood” which, by dealing with issues related to memories about food for elderly people born in Vale do Paraíba Paulista, discussed cultural aspects and literary of that object. This study demonstrated through the social object food, its communicative action, which Monteiro Lobato used to portray the society of the time, with its habits and customs. In addition, the appreciation of regional knowledge and flavors of the Vale do Paraíba Paulista, contained in his books and stories.

Keywords: Monteiro Lobato, food, Vale do Paraiba. Human Development.

¹ Universidade de Taubaté

Autor Correspondente: Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão
E-mail: mgleao08@gmail.com

Recebido em 06 de Março de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

INTRODUÇÃO

Nascido em 1882, Monteiro Lobato, natural do município de Taubaté, escritor renomado da literatura infantil, viveu sua infância na região do Vale do Paraíba Paulista, localizado na região nordeste do Estado de São Paulo, entre a região metropolitana da grande São Paulo, o sul do estado do Rio de Janeiro e o sudoeste do estado de Minas Gerais, região esta que durante os séculos XVIII e XIX, se destacava por suas fazendas cafeeiras (Ricci, 2006; Silva, 2011)

Com a intenção de compreender o contexto geográfico e social no qual Monteiro Lobato estava inserido, se apresenta a cultura e tradição culinária da região do Vale do Paraíba Paulista.

O povoamento da região do Vale do Paraíba iniciou-se em meados do séc. XVII, a partir de propósitos econômicos e da demarcação de territórios, uma vez que a posição geográfica do Vale, localizado entre a Serra do Mar e Serra da Mantiqueira, convergia aos interesses econômicos dos habitantes da vila de São Paulo de Piratininga (Andrade, 1996a). Durante os séculos XVI e XVII, a região esteve diretamente ligada a atividades de bandeirantes (Silva, 2011). À medida que crescia a colonização em todo o Vale do Paraíba, a influência europeia e a cultura indígena intervíram no modo de viver dos habitantes da região (Ortiz, 1988, p. 616). Com a evasão dos índios e a necessidade da mão de obra, a população de escravos chegara ao vale do Paraíba Paulista entre o século XVII e meados século XVIII, mas foi no século XIX que o auge da população africana se intensificou na região nas fazendas de café (Andrade, 1996b).

A família de Monteiro Lobato possuía terras no município de Taubaté, onde se localizava a Fazenda Paraíso, desde os primórdios da vila de Taubaté, na segunda metade do século XVII (Ortiz, 1988b). A fazenda, uma das mais tradicionais, produzia a cana de açúcar e posteriormente cafeicultura (Andrade, 1996b).

Monteiro Lobato se referia a região como sua terra natal e dizia “A natureza o dotou com o que pôde” (Monteiro Lobato 1967, p. 229).

Os cafezais foram introduzidos ao longo do Vale do Paraíba vindo do Vale Fluminense, logo após o esgotamento das minas de ouro e a baixa do cultivo da cana de açúcar nas primeiras décadas do sec. XIX e logo se tornou a atividade agrícola predominante em toda extensão do Vale (Sobrinho, 1978).

Assim, na metade do século XIX, a cafeicultura já representava uma expressiva contribuição econômica para o país (Ricci, 2006). As fazendas de café com mão de obra escrava foram de grande significância ao desenvolvimento econômico da região, sendo o produtor principal de todo país (Silva, 2011).

Os autores Florençano e Abreu, (1992, p. 23), relatam o contexto sócio-histórico da região e a cozinha va-leparaibana:

Nas cozinhas das roças e das cidades desta região, bem como de outras regiões de colonização antiga, misturaram-se influências indígenas, brancas e negras, numa feliz e necessária aculturação recíproca, o que possivelmente facilitou muitas soluções de problemas da subsistência, naqueles difíceis primeiros tempos de povoamento. As mudanças advindas com a vivência, adaptação ao meio e com o progresso da região, aperfeiçoaram os processos de cozinhar alimentos. A arte de torna-los mais saborosos, além de nutritivos ficou por conta da criatividade e dedicação das donas de casa e de afamadas quituteiras da região....

Esta culinária tipicamente original, criada a partir das práticas sociais da região, que Monteiro Lobato era fiel apreciador, e ao longo de suas produções literárias descreve em seus contos, cartas e histórias infantis. Além de ressaltar a cultura regional do Vale do Paraíba Paulista, contextualiza os retratos da sociedade da época.

A obra de Lobato é imprescindível para retratar a história cultural brasileira; nenhum personagem da nossa literatura, infantil ou adulto, possui vida tão longa quanto a de Narzinho, Tia Nastácia ou Emília (Santana-Dezmann, 2021). Além do imaginário infantil, os contos do autor carregam práticas sociais de uma época. Tais retratos são abordados especificamente neste artigo através de dois elementos fundamentais, a comida valeparaibana e a personagem Tia Nastácia, que além de seus dotes culinários descritos por Lobato, desvelam papéis sociais da população negra no início do século XX.

DESENVOLVIMENTO

Canesqui e Garcia (2005), ao discutirem o papel da alimentação no contexto social, afirmam que a forma de como se alimentar, o que ingerir além do modo de preparar o alimento, está intrinsecamente ligado aos processos de sociabilidade, resultado do conteúdo cultural. Além de outros fatores que estão inseridos na sociedade, como por exemplo questões sobre o nutritivo versus o estético, o hedonismo versus saúde, ou seja, cultura e sociedade se influenciam e são influenciadas sobre o que se alimentam (Canesqui & Garcia, p. 10).

Montanari (2008, p. 71) corrobora essa questão ao declarar que valores do sistema alimentar são resultados de processos culturais no qual a “cozinha é o símbolo da civilização e da cultura”. Assim, verifica-se a importância da alimentação no contexto social, sob a qual está sujeita às influências, mas que também influencia, expressando uma interrelação sobre os aspectos culturais de uma sociedade.

Ao aprofundar esta perspectiva, Santos (2008) refere-se ao alimento como um protagonista que pode exprimir a cultura em manifestações sociais e que este movimento não está ausente de sentidos e/ou significados, na medida em que:

Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois se constitui de atitudes, ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época (Santos, 2008, p.11-12).

A partir desses sentidos/significados atribuídos ao alimento que Damatta (1987) demonstra a diferença entre alimento e comida. Para o autor, —substância nutritiva é alimento, mas [...] nem todo alimento é comida||, faz uma diferenciação entre estes objetos sociais, além de considerar que —o alimento e a comida formam um par semântico|| (Damatta, 1987, p. 22).

A autora Menasche (2007), reverenciando o apontamento desse autor, acrescenta que a comida pode ser entendida como o alimento transformado pela cultura. O contexto da comida é estudado por diversos autores que defendem a transformação do alimento/nutriente quando permeado pela cultura. Maciel (2004) corrobora esta afirmativa de que a comida pode ser interpretada como o alimento que traz em si as dimensões de uma determinada cultura, destacando suas particularidades quanto ao que é comestível, em qual ocasião e em companhia de quais pessoas. Da mesma forma, Braga (2004) afirma que é possível dizer que os hábitos alimentares estão inseridos em um sistema de significados, que nenhum alimento é ausente de associações culturais que a própria sociedade lhe atribui.

Montanari (2008, p. 157) vai além e define a comida como uma “realidade deliciosamente cultural”, não apenas em seu aspecto nutricional, mas a forma de apropriar-se do conjunto de fatores que a circundam. Verifica-se, portanto, a relação da alimentação com a cultura, que expressa a comida, cujo sentido simbólico carrega. Segundo Woortman (2006, p. 23), “em qualquer sociedade, os alimentos são não apenas comidos, mas também pensados. Em outras palavras, a comida possui um significado simbólico – ela fala de algo mais que nutrientes”.

Amon (2014) relata que o importante de se explorar assuntos relacionados à comida não é o que as pessoas falam sobre ela, mas sim o que a comida fala sobre as pessoas. Assim utilizar este objeto social como uma via comunicadora dos retratos de uma sociedade, é observada na personagem “Tia Nastácia”.

É importante destacar, que personagens negros na literatura brasileira começaram a aparecer nos contos no início do século XX, com papéis secundários que retratavam apenas cenas domésticas, ou mitificadas como contadores de história ou preto velho apenas para contos populares sem qualquer crédito da cultura erudita (Santana-Dezmann, 2021).

Para Ribeiro (2003) não há como falar da culinária valeparaibana sem remeter-nos a literatura de Monteiro Lobato, que traz em sua obra infanto-juvenil “Sítio do Pica-Pau amarelo”, conhecida pelo público a partir do ano de 1920, a personagem “Tia Nastácia”. A senhora negra dona de dons culinários inigualáveis que apresentava a estereotipagem simpática, amorosa e contadora de histórias de assombração, não dotada das letras, mas possuía o encanto nas mãos ao cozinhar (Ribeiro, 2003). Tia Nastácia se destacava pelos seus quitutes regionais na cozinha caipira (Camargos & Sacchetta, 2008). No livro *O Minotauro*, Lobato (1947, p. 151) destaca a cozinheira que Dona Benta está à procura após ser raptada por monstros que foram ao casamento da Branca de Neve e o príncipe:

Pois é — disse Dona Benta — a razão da nossa viagem a estes séculos foi uma razão ao mesmo tempo sentimental e culinária: a procura de Tia Nastácia, que é nossa amiga e nossa cozinheira. E que cozinheira! Como sabe manejar o violino do “gostoso” e tirar dele mil harmonias! O mais simples guizado, um picadinho com batatas, um virado de feijão com torresmos, um vatapá, tudo, enfim que sai de suas panelas, está para o que chamamos comida, como os mármore ali dos senhores Fídias e Policleto estão para as esculturas comuns. Perfeitas obras-primas. - E os bolinhos, vovó? — lembrou a menina do outro lado da mesa. Os bolinhos de tia Nastácia já estão famosos no Brasil inteiro. Quantas cartas a senhora não recebe das crianças, pedindo a receita dos bolinhos de tia Nastácia.

Cruzar o imaginário da literatura com o retrato de uma época era uma das características marcantes do escritor Monteiro Lobato que, segundo os autores Camargos e Sacchetta (2008), retratava em seus contos e livros a realidade de uma época, Azevedo Camargos e Sacchetta (2001, p. 167) acrescentam: “Se é inegável que seus livros para o público adulto enfocam os problemas brasileiros, também na sua produção dirigida aos menores este viés se faz presente: pelo resgate do imaginário rural, seus costumes e folclore, ele aproxima o pequeno leitor do universo popular”.

A autora Gouveia (2005, p.83) acrescenta:

A partir da década de 1920, em consonância com as transformações experimentadas no campo cultural mais amplo, na produção cultural destinada ao público infantil busca-se falar do país remetendo-se a sua identidade cultural. Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público.

Segundo Cichini e Brito (2009), Monteiro Lobato relatou numa entrevista com o jornalista Silveira Peixoto, no ano de 1943, que Tia Nastácia foi inspirada numa negra que trouxera do município de Areias e prestava serviços domésticos em sua casa como cozinheira e babá de seus filhos. De estereótipo magro, alta e canelas finas, chamava-se Anastácia; de bom caráter, resmungava com frequência e era uma ótima quituteira. A figura 1 ilustra a verdadeira Tia Anastácia, com Guilherme, o terceiro filho de Monteiro Lobato, no ano de 1913. A figura 2 mostra a cozinha de Tia Nastácia (Museu folclórico de Monteiro Lobato).

Figura 1- Tia Anastácia e Guilherme (filho de Monteiro Lobato).



Fonte: Acervo Família Monteiro Lobato. In: Azevedo; Camargos e Sacchetta (2001)

Figura 2- Cozinha de Tia Nastácia (Museu folclórico de Monteiro Lobato – Taubaté)



Fonte: Acervo do autor

A Representação da imagem simpática e doce da negra e seus quitutes se concretiza com a personagem criada por Monteiro Lobato, Tia Nastácia, na obra clássica do autor chamada *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, conhecida pelo público a partir do ano 1920. Em relação a esta personagem, Lajolo (1998, p. s/página) demonstra:

Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena¹ ganha as primeiras atenções: ela desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social.

A citação acima revela um contexto social importante da idosa negra submissa e da personagem idosa branca de Dona Benta. Os apontamentos de Lajolo (1998) demonstram que em outras obras de Monteiro Lobato esta imagem não se modifica, mesmo que o cenário literário seja outro. O mundo das fábulas criado por Monteiro Lobato leva o leitor ao mundo do faz de conta, numa mescla com a cultura local valeparaibana, porém nestas aventuras literárias em que por vezes Tia Nastácia é envolvida levando-a a outros contextos fora do Sítio do Pica-Pau Amarelo, a personagem ainda preserva a mesma subserviência em relação à família matriarcal, o que consolida a imagem da negra sempre na cozinha preparando seus quitutes, imutável ao contexto social onde ela está inserida (Lajolo, 1998).

Outros teóricos também discutem a importância desta personagem em valorização de seus contos quanto à cultura popular. Tia Nastácia além de cozinheira era também contadora de histórias do folclore nacional, em que a figura do povo, do negro e tudo que cercava sua realidade eram transmitidas em suas histórias, como demonstra Vasconcellos (1982) ao indagar que a personagem Tia Nastácia representa nas histórias de Lobato os saberes populares da cultura empírica, fruto das ações cotidianas. Segundo Santana-Dezmman (2021), a obra de Monteiro Lobato contextualizava também sobre o analfabetismo, que, embora atingisse grande parte da população branca, fazia seu maior número de vítimas entre a população negra.

Segundo Lajolo (1998) os contos de Tia Nastácia que, em sua maioria, eram lendas e casos de seu povo (negro) sempre eram desmerecidos, dito como algo sem valor de pessoas ignorantes, o que ecoava para um povo sem voz, castrados pela sua condição social. Este retrato pode ser observado no livro *Histórias de Tia Nastácia*, no qual a personagem narra a história da Princesa ladra que aprendeu com sua mãe:

— Que história de contar sete é essa? — perguntou Emília quando a negra chegou ao fim. — Não estou entendendo nada. — Mas isto não é para entender, Emília — respondeu a negra. — É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da princesa ladrona (sic), que eu passo para diante do jeito que recebi. — E esta! — exclamou Emília olhando para dona Benta. — As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as contadeiras contam até o que não entendem. Esses versinhos [...] são a maior bobagem que ainda vi. [...]. — Sim — disse dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda (Lobato, 2002, p. 15).

Segundo Santana- Dezmman (2021) o livro em questão, *Histórias de Tia Nastácia* não era apenas de uma forma didática trazer a cultura popular para o alcance do leitor infantil do início do século, nem, depreciar Tia Nastácia e a cultura popular, mas, sim, criticar a situação da época e destacar a importância da alfabetização para o avanço de uma nação. Lobato, dizia: “Um país se faz com homens e livros”

Observa-se neste contexto que as histórias dos negros não agregavam valor cultural, não ocupavam a importância de serem participantes ativos da formação da Cultura Brasileira, mas sim passíveis de desmerecimentos culturais, como aponta a boneca de pano Emília²:

1 Crifos da autora: Monteiro Lobato. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense. 1956.

2 Emília é uma personagem criada por Monteiro Lobato que vivia no Sítio Pica-Pau Amarelo juntamente com Pedrinho, Narizinho,

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos de ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beicuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto... (LOBATO, 2002, p. 15).

Para Lajolo (1998), Tia Nastácia é a voz de um povo oprimido e desvalorizado, sendo que a cultura popular inserida nas histórias de Tia Nastácia é dada como sem valor em comparação a cultura erudita vinda de Dona Benta.

Contudo, Monteiro Lobato reconhece a importância destes saberes populares que Tia Nastácia representava e a importância cultural herdada do povo africano (Azevedo; Camargos & Sacchetta, 2001). Tal fato aparece em seus contos qual o autor, além de ilustrar a culinária valeparaibana em suas obras infantis com Tia Nastácia, o autor era um defensor da culinária regional, pela qual expressava todo seu apreço aos pratos típicos regionais, conforme consta em suas cartas ao amigo Godofredo Rangel, no livro *A Barca de Gleyre*:

“Não és capaz, nunca de adivinhar o que estou comendo. Estou comendo... Tenho vergonha de dizer. Estou comendo um companheiro daquilo que alimentava S. João no deserto: içá torrado! ... Sabe Rangel, que o içá torrado é o que no Olimpo grego tinha o nome de ambrosia? Está diante de mim uma latinha de içás torrados que me mandam de Taubaté. Nós taubateanos somos comedores de içás. Como é bom Rangel! ... Só um ser Onipotente e Onisciente poderia criar melhor petisco” (Lobato, 1967, p. 33-34).

No início da primavera, entre os meses de setembro e outubro, é a época das Içás³. Como já mencionado, Monteiro Lobato foi um grande apreciador da iguaria (Lobato, 1948). As içás são bem aceitas quando torradas e acrescidas de sal, também valorizadas em farofas. Tais formigas são típicas da região valeparaibana, apenas o abdômen é consumido; na hora de preparar as içás são desprezadas a cabeça, as pernas e as asas (Florençano & Abreu, 1992). O autor, ressalta o saudosismo de Monteiro Lobato a iguaria, como demonstra o conteúdo de uma carta que escrevera à sua prima Hermínia de Castro Natividade, que tinha o carinhoso apelido de Bijoca, para quem enviou uma latinha de içás torrados, presente vindo de Silvina Andrade, ambas damas da sociedade da época. Tal carta datada em 18 de novembro de 1945 é abaixo replicada.

Bijoca: Recebi a latinha de içá torrado. Creio que ainda gosto disso apenas como meio de me recordar do Taubaté do meu tempo, uma coisa que já nada tem haver com a Taubaté de hoje. Mas foi você incomodar dona Silvinha... Para mim foi muito bom, porque me rendeu o bilhete que ela lhe mandou, com o pedido em troca do içá de um pensamento sobre o içá... A sugestão me perturbou porque nunca no mundo ninguém jamais “pensou” sobre o içá — e pelo jeito é realmente coisa “impensável”. Mas já que dona Silvinha pede, faço um esforço e digo que o IÇÁ É O CAVIAR DA GENTE TAUBATEANA. Como você sabe, o famosíssimo e apreciadíssimo caviar da Rússia é a ova dum peixe de nome esturjão; e que é o abdômem (vulgo bundinha) do içá senão a ova da formiga saúva? Adeus Bijoca. Saudades a todos daí e meus cumprimentos a dona Silvinha. Zé Bento⁴ (Florençano & Abreu 1992, p. 32)

Apesar do saudosismo da iguaria demonstrada por Monteiro Lobato, é necessário atentar à frase “[...] Taubaté do meu tempo, uma coisa que já nada tem haver (sic) com a Taubaté de hoje” (Florençano & Abreu, 1992, p. 32) em que o escritor taubateano refere-se às mudanças no Vale do Paraíba Paulista.

Com a decadência da cafeicultura no final do século XIX, iniciou-se no Vale do Paraíba uma estagnação econômica em referência à riqueza do café, gerada nas décadas anteriores do mesmo século (Silva, 2011), a atividade na cafeicultura continuou até meados de 1930. Tal fato é demonstrado no conto *Cidades Mortas*, do ano de 1919, em que o autor retrata o abandono das cidades que foram grandes produtoras de café.

Dona Benta e tia Nastácia entre outros personagens.

3 Içás são formigas saúvas fêmeas que no início da primavera saem dos formigueiros para procriação, garantindo a perpetuação da espécie (FLORENÇANO; ABREU, 1992).

4 Ortografia foi preservada no original.

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas.... Por ela passou o café,.... Toda seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o oeste, na avidez de novos assaltos á virgindade da terra nova ... (Lobato, 1978, p. 3-5).

No que se refere atualmente à comida valeparaibana, verifica-se várias iniciativas de resgate das raízes culturais para o incentivo cultural e turístico da região. Festas tradicionais se destacam na região a fim da valorização do regionalismo, como o caso da primeira Festa do Arroz realizada no município de Tremembé no ano de 2009 (Afonso, 2009).

Ressaltam-se também as considerações de Beluzzo (2006) de que por meio da culinária podem-se identificar circunstâncias geográficas e a identidade cultural de um povo. Nesse sentido, a sociedade contemporânea aspira à valorização da riqueza da culinária regional preservando este patrimônio, uma vez que a culinária tradicional enaltece os produtos regionais e sazonais valorizando as raízes culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou por meio do objeto social a comida, sua ação comunicativa, qual Monteiro Lobato, utilizava para retratar a sociedade da época, com seus hábitos e costumes. Além disso, a valorização dos saberes e sabores regionais do Vale do Paraíba Paulista, contidos em seus livros e contos.

REFERÊNCIAS:

- Afonso, P. (2009) **1** *Festa do arroz em Tremembé*. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=281909>>.
- Andrade, A. C. A. (1996a). *Povoamento do Vale do Paraíba*. In: Andrade, A.C. A.; Abreu, M. M. Histórias de Taubaté através de textos: Prefeitura municipal de Taubaté. Taubaté/SP: Gráfica e editora Minerva.
- Andrade, A. C. A. *Origens do Negro Vale-paraibano*. (1996b) In: Andrade, A.C. A.; Abreu, M. M. Histórias de Taubaté através de textos: Prefeitura municipal de Taubaté. Taubaté/ SP: Gráfica e editora Minerva.
- Amon, D. (2014). *Psicologia Social da Comida*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes
- Azevedo, C. L.; Camargos, M. & Sacchetta, V. (2001). *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 3. ed. São Paulo: Senac.
- Braga, V (2004). Cultura Alimentar: contribuições da antropologia da alimentação. *Saúde em Revista*, Piracicaba, 6. p. 37-44.
- Camargos, M. & Sacchetta, V. (2008). *À mesa com Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: SENAC.
- Canesqui, A. M. & Garcia, R. W. D. *Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação*. In: Canesqui, A. M. & Garcia, R.W.(Orgs). Antropologia e nutrição um diálogo necessário. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005.
- Cichini, L. C. & Brito, L. (2009). Considerações sobre a personagem Tia Nastácia nas histórias lobatianas. *Anais VI Seminário de Iniciação Científica, Só Letras, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Jacarezinho*.
- Damatta, R (1987). Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *O correio da Unesco*. Rio de Janeiro, p. 22-23.
- Florençano, P. C. & Abreu, M. M. (1992). *Cadernos culturais do Vale do Paraíba*. Taubaté: CERED- Centro de Recursos Educacionais.
- Gouvêa, M. C. S (2005). Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 1(31), p. 77-89.

- Lajolo, M. (1998). *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Lobato Revista Presença Pedagógica, São Paulo.
- Lobato, J. B. M. (2002). *Histórias de Tia Nastácia*. 32ª edição, 9ª reimpressão, <http://www.groups-beta.google.com/group/digital-source>
- Lobato, J. B. M. (1978). *Cidades Mortas*. 20 ed., São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1977). *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1977). *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1947). *O Minotauro*. Capítulo XV, Batatas e Sócrates. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, J. B. M. (1995). *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense.
- Maciel, M E (2004). *Uma cozinha a brasileira*. Estudos Históricos., Rio de Janeiro. V. 1 número 33, Jan./Jun. p. 25-39
- Menasche, R. (2008). *A ética alimentar, como cuidar da saúde e do planeta*. Cadernos IHU em formação. Universidade do Vale dos Rios dos Sinos. São Leopoldo, RS.
- Montanari, M (2008). *Comida como cultura*. 14 ed., São Paulo, SENAC.
- Ribeiro, S. M. P. (2003) Tia Nastácia: até que ponto um instrumento de divulgação de estereótipo de idosa negra. In: *Congresso Luso Afro de ciências sociais Diversidades e (DES) Igualdades*. Salvador, BA, UFBA.
- Ricci, F. (2006) *Indústrias têxteis na periferia: Origens e desenvolvimento: o caso do Vale do Paraíba*. Taubaté-SP, Cabral Livraria e Editora Universitária.
- Santana-Dezmann, V. (2021). *O retrato falado do racismo na obra infantil de Lobato*. Recuperado em blog: <https://vanetesantana-dezmann.blogspot.com/2021/01/o-retrato-falado-do-racismo-na-obra.html>
- Silva, A. L. (2011) *A conveniência da cultura popular: um estudo sobre pluralidade de domínios e danças devocionais e ação dos mestres do Vale do Paraíba*. 256f. [Tese Doutorado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Sobrinho, A. M. (1978) *A civilização do café 1820, 1920*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Ortiz, J. B. (1988a.) São Francisco das Chagas de Taubaté. Livro 1º Origens. *Coleção "Taubateana"*, n. 10, III série, Imprensa Oficial do Estado IMESP- São Paulo, SP.
- Ortiz, J. B.(1988b) São Francisco das Chagas de Taubaté. Livro 2º Taubaté colonial. *Coleção "Taubateana"*, n. 10, III série, Imprensa Oficial do Estado IMESP- São Paulo, SP.
- Vasconcellos, Z. M. C. (1982). *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora.
- Wootmann. K. A. W. (2006) *O sentido simbólico das práticas alimentares*. In: *Gastronomia Cortes & Recortes*. Distrito Federal: SENAC.

O JECA SEM POSSES: as condições sociais para a transformação do Jeca Tatu em Zé Brasil

André Luiz da Silva¹ , José Wellington de Souza¹ 

RESUMO

Neste artigo o objetivo foi analisar o processo, as condições e as referências que o escritor Monteiro Lobato recebeu ao longo do tempo, em uma perspectiva sócio-histórica, para compreender como, após ter criado a figura do Jeca Tatu com uma conotação pejorativa do caipira, o escritor criou o Zé Brasil, reabilitando o Jeca e enfatizando a dimensão política. Metodologicamente, a pesquisa foi realizada a partir de análise documental da obra de Monteiro Lobato e de sua produção epistolar. Na revisão da literatura, considerou-se o estudo de sua estadia nos Estados Unidos e de suas impressões acerca das condições norte-americanas para o desenvolvimento. Foi considerado também o contexto de sua produção literária ao criar o Zé Brasil. Concluiu-se que a transformação do Jeca Tatu em Zé Brasil ocorreu no âmbito do processo histórico e da contextualização da trajetória do escritor e de sua busca para compreender e transformar o Brasil. Essa transformação envolve diretamente a questão agrária no país e a busca por alternativas econômicas para o país.

Palavras-chave: Literatura e Política, Estados Unidos, Monteiro Lobato, movimento sanitário.

O JECA WITHOUT POSSESSIONS: the social conditions for the transformation of Jeca Tatu in Zé Brasil

ABSTRACT

The aim of this article was to analyze the process, the conditions, and the references that the writer Monteiro Lobato received over time, in a socio-historical perspective to understand the way in which, after having created the figure of Jeca Tatu with a pejorative connotation of the caipira, the writer created Zé Brasil, rehabilitating Jeca and emphasizing the political dimension. Methodologically, the research was carried out from a documental analysis of Monteiro Lobato's work and his epistolary production. In the literature review was considered the study of his stay in the United States and his impressions about the North American conditions for development. The context of his literary production was also considered while creating Zé Brasil. It was concluded that the transformation of Jeca Tatu into Zé Brasil took place within the scope of the historical process and the contextualization of the writer's trajectory and his quest to understand and transform Brazil. This transformation directly involves the agrarian question in the country and the search for economic alternatives for Brazil.

Keywords: Literature and Politics, United States, Monteiro Lobato, Sanitary Movement.

¹ Universidade de Taubaté- UNITAU

Autor Correspondente: André Luiz da Silva
E-mail: interiworld@gmail.com

Recebido em 06 de Março de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

INTRODUÇÃO

Com a dissolução do Movimento Sanitarista, corroído em suas próprias bases pela disputa empreendida por neolamarkianos e mendelianos a partir de meados dos anos 1920, Lobato abandonou as descrições racialistas que criou sobre o Jeca Tatu durante seu período em ação no Movimento Sanitarista. Aproximou-se, nos anos subsequentes, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), por meio de Luís Carlos Prestes, após perder parte considerável de suas posses investindo na bolsa de valores norte-americana, em 1929, quando ainda era adido comercial do Brasil nos Estados Unidos. A partir desse ponto, pretendeu-se, neste artigo, analisar as condições para a constituição da última perspectiva de Lobato sobre o Jeca, que sob a pele de “Zé Brasil” renasce como trabalhador sem-terra, explorado pelo proprietário, em livro lançado pela Editora Vitória, do PCB, em 1947.

Em sua obra *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko (1999) analisa a função dos escritores na transformação social para além de suas percepções. Trata da relação entre a Literatura e a Ação Pública a partir da análise das obras de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, do início do período republicano brasileiro. Para Nicolau Sevcenko (1999, p. 246), “O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor”. Desse modo, para compreender a percepção da realidade social que o escritor manifesta em suas obras é fundamental percebê-lo como um sujeito histórico, plenamente inserido no contexto social que é, ele próprio, crivado de transformações, ao longo do processo histórico.

O OLHAR DISTANTE: PARÂMETROS DE LOBATO PARA OLHAR O JECA

Segundo Edgar Cavalheiro (1967), Lobato embarcou para os Estados Unidos cheio de empolgação com as possibilidades daquele país e com a forma como a sociedade norte-americana progredia economicamente. Lobato era particularmente obcecado pela figura e pelo método de produção de Henry Ford, do qual já havia traduzido a bibliografia para o português. O escritor acreditava que, com o modelo fordista, todos os envolvidos no processo produtivo e comercial sairiam ganhando. O operário ganharia com salários crescentes; o consumidor, com a aquisição de produtos baratos e de boa qualidade; e, por fim, o empresário teria uma base segura de lucros. Segundo seu biógrafo mais próximo, Lobato acreditava que “[...] posta nesses termos, a indústria deixará de ser o Moloche devorador de milhões de criaturas em benefício dum núcleo de nababos” (CAVALHEIRO, 1967, p. 291).

Ao chegar à América do Norte e conhecer pessoalmente a indústria automobilística em Detroit, Lobato, então adido comercial, acreditou ter descoberto o segredo para o desenvolvimento econômico da nação americana, que tão drasticamente a distinguia do pobre Brasil: a exploração e a produção de ferro e de petróleo. “Máquinas se fazem com ferro e é com petróleo que elas se movimentam. Ferro e petróleo. Eis o binômio salvador” (CAVALHEIRO, 1967, p. 295).

Os sonhos encantados de enriquecimento fácil na “terra das oportunidades” ruíram junto com a bolsa de Nova York, em 1929. A América não parecia ser mais o país do futuro eugênico apregoado pelo autor três anos antes; o fordismo não reverteu o colapso promovido pelo “deus Moloch” do capital, a quem, em honras, incineravam-se fortunas. Para tentar aplacar a sede da bolsa e tentar reverter suas perdas, Lobato acabou por vender suas ações da Companhia Editora Nacional. Porém, não teve sucesso (CAVALHEIRO, 1967, p. 298).

Diante da falência e preso a um emprego comissionado, do qual dependia toda sua renda, Lobato mais uma vez voltou-se para a literatura, no intuito de ganhar dinheiro como escritor, produzindo literatura como bem de consumo, e não como arte. Escreveu *América*, publicado em 1932, com suas impressões sobre os EUA. No livro, Monteiro Lobato elogia o modelo americano, apesar de seu desastre econômico pessoal, além de traçar comparações entre Brasil e Estados Unidos, amparado na tese da exploração do ferro e do petróleo.

Emprega a raça para explicar as diferenças entre as duas nações, mas por um viés diferenciado, por vezes confuso. O inglês fictício já apresentado em *Mr. Slang e o Brasil* (LOBATO, 1968) volta em *América*, para dar continuidade às contraposições entre as duas civilizações, latina e saxã, materializadas nas duas personagens, ao longo de seus diálogos, e marcadas pela dificuldade genética do latino em entender o modo de vida saxão (LOBATO, 1951). Lobato trata dessas distinções raciais como se fossem estabelecidas, antes por uma adaptação ao clima, do que por uma hierarquização evolutiva linear.

É certo que diferenças no caráter racial são expressas aqui, mas ao que parece são diferenças relacionadas a adaptação ao clima, o que acaba por criar quase que um caráter nacional ou de um povo. A personagem carioca do livro diz a Mr. Slang:

Creia, meu amigo, cada vez que venho de uma estada longa em país tropical, trago a alma envenenada pelo verdete das arvores – venho bebado, literalmente intoxicado e exausto. Daí minha teoria de que apenas encontram encantos num país tropical o bugre e o negro d’Africa. Só com milênios de adaptação ao verdete eterno pode uma criatura imunizar-se contra o veneno (LOBATO, 1951, p. 94).

Seria esse caráter climático nacional o fator responsável pelo subdesenvolvimento do Brasil? É certo que Lobato apresenta forte pendência para a eugenia negativa, lamentando o fato de a sociedade contemporânea, mesmo a norte-americana, não fazer uso dos métodos de contenção dos disgênicos. Andando por Washington, o carioca observa, no *Lincoln Memorial*, as personificações da liberdade, da fé, da esperança e, dentre elas, da caridade.

No entanto, apostar em técnicas de eugenia negativa, ou, mais do que isso, esperar nelas a redenção para o futuro da humanidade significa, em última instância, apostar unicamente em definições mendelianas de raça? Ao descrever as condições de vida de um agricultor norte-americano, Monteiro Lobato parece apontar para outros fatores, ao comparar o homem do campo dos dois países e tentar buscar as causas para os diferentes níveis de desenvolvimento econômico.

O Jeca trabalha tanto ou mais do que seu equivalente norte-americano. A que se deve, então, a divergência entre os níveis de desenvolvimento econômico e de reprodução material da vida, que dão ao agricultor nos Estados Unidos a possibilidade de usufruir das máquinas mais variadas para o conforto de sua existência? É Mr. Slang quem oferece a resposta:

– Tudo consequência lógica do aumento da eficiência do homem graças ao uso progressivo da máquina. Segundo os cálculos, está o americano com um índice de eficiência igual a 42, quando o do europeu é igual a 13 e o do homem natural é igual a 1. Cada americano produz tanto quanto 42 homens naturais, isto é, 42 homens desmaquinados, que só usam os músculos que Deus lhes deu (LOBATO, 1951, p. 67-68).

O problema seria então o do homem brasileiro, o Jeca, produzir tanto quanto o “homem natural” produz, tendo por “máquina” apenas a enxada, a foice e o arado, enquanto o “Jeca americano” tinha todo um maquinário à sua disposição, maximizando seus esforços de trabalho e ajudando-o a multiplicá-los por 42. É importante lembrar que esses elogios foram escritos em 1929, antes da crise de superprodução, embora estejam contidos no texto publicado em 1932. Mas, no final das contas, o que fazia do americano um povo com máquinas tão maravilhosamente capazes de elevar o esforço humano e transformá-lo em vasta produção? Por que o homem brasileiro era incapaz de tal proeza? Lobato pergunta e tem de Mr. Slang uma resposta: o clima.

– Não entendo, Mr. Slang, disse eu por fim. Também lá no Brasil não fazemos outra coisa senão trabalhar, desde que Pedro Alvares pôs pés em terra – e, no entanto, não enriquecemos. A riqueza nacional do Brasil é de apenas 40 milhões de contos. Por quê?

– A soma de trabalho feito no Brasil é mínima comparada com a feita aqui. Falta a vocês o grande estimulante do trabalho, que é o inverno. O homem só produz o bom trabalho que dá para a subsistência e sobra para ir-se acumulando em

riqueza, quando o inverno está atrás dele com chicote em punho. É o frio o supremo criador. Dele saiu a economia, a previdência, a cooperação. O meio de sobreviver é um só: acumular nas estações amenas para não perecer na estação morta. A gente das terras quentes, não se vendo sujeita a essa chibata jamais aprende a acumular – além do que possuem um trabalho de muito fraco rendimento. O melhor das energias é gasto na luta contra o calor depressivo, pois que a boa arma nesse combate se chama “inação” (LOBATO, 1951, p. 84-85).

A resposta é, definitivamente, pouco original, e remonta às críticas aos trópicos feitas no século anterior por autores europeus. A novidade, entretanto, aparece no desenvolvimento da questão, em que Lobato procurou dar ares positivos, ou ao menos não tão negativos, à inadaptabilidade aos trópicos. Nessa nova interpretação, a raça não aparece como fator facilitador da vida nos trópicos, como acontecerá em Gilberto Freyre, tampouco como fator definitivamente impossibilitador do progresso dos homens mestiços. Lobato liberou o peso da responsabilidade e o transferiu para o clima. “Veja como o homem do norte, que nada pôde fazer na sua terra estorricante, prospera no sul, quando emigra” (LOBATO, 1951, p. 86). O eu poético de Lobato pergunta para Mr. Slang se o clima seria um fator que justificasse a ausência de ânimo para o trabalho por parte dos homens nos trópicos.

– Será assim, Mr. Slang? Quer dizer que justifica a indolência?

– Justifico. Simples arma. Meio de sobreviver nos trópicos. Trabalhar muscularmente num dia calmoso equivale a somar ao calor ambiente, já excessivo, o calor da combustão animal acelerada. Dessa soma sai... incêndio. Daí a defesa. Para evitar o incêndio, surge a mamparra, a preguiça, o fugir do corpo, o corpo mole, o fumar á custa do patrão e todas as mais formas pitorescas de escapar do esforço que mata.

Sob a ação do frio, dá-se o inverso. Ou o homem movimenta os músculos ou entangue. Torna-se o trabalho um sadio prazer, hábito, remédio (LOBATO, 1951, p. 85-86).

Mas seria o clima a única causa responsável pelo marasmo e pelo subdesenvolvimento do Brasil e pelo desenvolvimento dos Estados Unidos? Lobato pergunta a Mr. Slang:

– Não há nunca uma causa única para qualquer fenômeno, respondeu Mr. Slang, e sim um feixe de causas concorrentes. Numerosas convergiram aqui para criar esta America que está abrindo a sua boca – e não deixa de fazer o mesmo ao resto do mundo [...] Hulha a dar com pau, e ótima. Petróleo em verdadeiro mar subterrâneo. Minerio de ferro aos bilhões de toneladas. Tudo... E sobre o imenso territorio assim rico em reservas minerais, o homem sadio dos países invernosos, diligentes, ativo, herdeiro de longa experiência do que é o chicote do Inverno que já cantou no lombo da longa série dos seus avós. Homem de raças apuradas pela neve; terra arável; óxido de ferro e carbono em profusão; com elementos básicos desta ordem, não admira que o americano fizesse o que fez [...] Do oxido de ferro o saudável homem daqui tira o aço. Com o aço cria a maquina, isto é, a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do musculo, ou substitui-lo no trabalho. Depois, por meio da hulha e do petróleo – formas de carbono – produz a combustão que desenvolve a energia mecânica com a qual move a maquina. Deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra e transforma-as em utilidades – em riqueza (LOBATO, 1951, p. 86-87).

Ao substituir a enxada e o arado pela máquina, o Brasil poderia se tornar um país desenvolvido e nada mais poderia impedir-lhe o progresso, desde que tivesse *Petróleo e Ferro*, o que, não por acaso, tornou-se a obsessão política e econômica de Monteiro Lobato nos anos subsequentes. Apesar disso, o Brasil não havia se empenhado em descobrir os minérios que possuía e a potência adormecida que poderia vir a tornar a nação motorizada. Ainda estava inerte: “O Brasil, por exemplo, está ainda nos cueiros porque nunca os seus estadistas e capitães da indústria meditaram no assunto carbono. Eu, fosse ditador na sua terra, suprimia vários ministérios inúteis e criaria o que está faltando – o Ministério do Carbono” (LOBATO, 1951, p. 88).

Apesar disso tudo, a questão racial não está totalmente ausente. Ele comenta, horrorizado, o caso de uma americana que abandonou marido e filhos ao descobrir que desposara um homem com antepassados negros, ou, no dizer de Monteiro Lobato, com “uma remota gota de sangue africano” (LOBATO, 1951). Pergunta a Mr. Slang se ele não achava exagerado esse racismo puritano, e o fictício inglês responde:

— Não sei, respondeu Mr. Slang, que apesar de inglês participava bastante do preconceito racial americano. Não sei se não será isto um instinto da raça que se defende. Cruel, confesso. Cruelíssimo, neste caso. Mas os altos interesses da pureza racial não estarão acima dos pequeninos interesses do indivíduo? (LOBATO, 1951, p. 203).

Essas afirmações sobre o caráter racial de um povo, sobre a possível prevalência de interesses instintivos da raça sobre o indivíduo, são, sem dúvida, um elemento complicador no processo de entendimento da função do elemento racial como fator explicativo do devir humano em *América*. O elemento racial, destacado nas páginas anteriores e substituído pela complexidade de múltiplos elementos causais, dentre os quais o clima e a não exploração de petróleo e ferro, reaparece na fala de Mr. Slang como fator determinante. Mr. Slang teria razão, e seria mesmo a pureza racial o elemento determinante para o comportamento humano? Lobato não responde imediatamente à questão posta pela personagem, e a discussão sobre raça segue no capítulo adiante, iniciado com dúvidas sobre a existência de raça(s):

A conversa caiu sobre raças. Haverá raças? Que é raça? E ainda debatíamos esse tema quando chegamos à Biblioteca Publica da Quinta Avenida. [Da biblioteca observavam] As moças que trabalham dirigem-se ao milhares para as estações de subway, ou esquinas onde param os ônibus. Que magnificas criaturas são! Altas, esguias, solidas de pés, brancas de verdade, musculosas com as sômplesse que dá a ginastica. Sente-se a boa origem racial, a boa alimentação vitaminada e a vida higiênica – tudo dando como resultado saúde (LOBATO, 1951, p. 205-207).

A dúvida posta por Monteiro Lobato parece ser logo sanada com a afirmação da magnificência das mulheres americanas, “brancas de verdade”. Logo depois do elogio de Lobato às mulheres brancas, Mr. Slang elogia as mulheres negras:

Só na Africa vi mulheres lindas como aqui, desta lindeza que só a saúde dá.

— Na Africa? Afirmei desconcertado. Que ideia!

— Na Africa, sim. Os negros, sobretudo em certas zonas de condições climáticas favoráveis, são animais perfeitos. Com alterar e infringir o que ha de natureza em nós, a civilização nos vai deformando. A americana é este belo animal porque, graças á higiene, está cada vez mais se voltando a natureza, ao ar livre, ao exercício muscular, a satisfação normal dos seus “urges” orgânicos”. Quando as religiões cederem lugar ás prescrições da Eugenia, será a America o campo mais propicio para a florescência do homem de amanhã, animal muito mais belo que o de hoje (LOBATO, 1951, p. 208).

Os comentários são confusos, uma vez que parecem apontar para um elogio à eugenia positiva e a uma relativização da valorização racial, de forma que a raça é perfeita simplesmente porque está perfeitamente adaptada ao ambiente. Os argumentos seguintes tornam a definição de raça e de eugenia ainda mais confusas nos escritos de Lobato, pois ele prossegue tratando do caráter disgênico do cidadão norte-americano, e faz Mr. Slang dizer:

Repare no homem que passa. Irregular de feições, irregular na estatura, visível, evidentemente “mal feito”. Sempre me impressionei com isso, com a feiura que trouxe para a humanidade a religião e as morais saídas da religião. [...]. [feiura]... apenas minorada de leve com os avanços da higiene, Mas não basta a higiene. Temos de chegar á Eugenia. Esta sim. Esta será o grande remedio, o depurativo curador das raças. Pela Eugenia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos- perfeitos como os cavalos e éguas de puro sangue (LOBATO, 1951, p. 208).

Mas Lobato acaba mesmo por determinar o atraso e a pobreza no Brasil como resultado da inexistência de uma indústria de ferro, assim como de uma indústria petrolífera. Desde 1928, a questão do ferro aparece como algo central para Lobato, e seu contato com a cidade de Detroit, com a *Ford* e com os novos métodos metalúrgicos. faz com que se encha de esperanças sobre as condições para o desenvolvimento futuro do

Brasil – entusiasmo que só cresce ao longo dos anos seguintes. Em carta enviada a Alarico Silveira, Lobato demonstra longamente as dificuldades de se produzir ferro no Brasil, o que impedia o desenvolvimento econômico do país:

O problema parecia-me insolúvel e cheguei a descrever por completo no futuro do Brasil. Cresceríamos, sim, mas a moda chinesa- em população e miséria. Vi falhares todas as tentativas de metalúrgica, desde as iniciadas por D. João Sexto até a última, de Uchoa, em S. Paulo. E descri. Pareceu-me que um fado safado condenava-nos ao suplício de possuímos 23% do minério de ferro do mundo e termos de comprar quanto prego e alfinete necessitamos para irmos remendando as nossas coisinhas (LOBATO, 1972, p. 95).

De acordo com o escritor, o problema parecia insolúvel, como manifestou nessa missiva. No entanto, essa percepção não o impediu de continuar tentando uma solução.

A TRANSFORMAÇÃO DO JECA TATU EM ZÉ BRASIL

A solução para os problemas de subdesenvolvimento do Brasil, para Monteiro Lobato, no início dos anos de 1930, passava pelo ferro. Todo país tecnologicamente desenvolvido e economicamente rico tinha, por necessidade, que ter desenvolvido um sistema nacional de extração de minérios e de transformação desse minério em ferro. É o que Lobato defendia em artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1931, reunidos no mesmo ano em *Ferro* (LOBATO, 1931/1956). Nessa coletânea, o autor apresenta seus principais pontos sobre as questões ferrífera e siderúrgica, consideradas centrais para o desenvolvimento nacional, em vez dos problemas até então defendidos por “curandeiros”, como as questões políticas ou sanitárias. O próprio Lobato assume, no texto, a “culpa” por ter comungado de opiniões parecidas:

Temos sido até aqui, nós curandeiros, o agricultor que ataca brocas e pulgões com pósinhos milagrosos e esquece de, pelo adubo, restaurar a vitalidade da planta anêmica. É tempo de fazer como o outro.

Indispensável nos penetrarmos uma vez para sempre, da grande verdade: *nosso problema não é político, nem racial, nem climatérico, mas pura e simplesmente econômico* (LOBATO, 1956, p. 246).

Ineditamente, Lobato apresenta a crise econômica como causa do subdesenvolvimento, e o homem brasileiro, especialmente o homem rural, como consequência disso. No caso específico deste estudo, é importante atentar para a exclusão do último tópico, raça, do rol dos elementos daninhos à nação, o que acontece de forma indubitavelmente nova no pensamento social brasileiro, ou ao menos em Lobato, que desde 1918 estava às voltas com definições raciais e soluções raciais para o Brasil. Assim, Monteiro Lobato, em *Ferro* ele pondera:

Enriqueça-se a mais miserável família de jecas que vive lá num fundão malarico do Amazonas, gente sem resquícios de cultura, semi-nua, roída de verminoses, negativa como elemento de produção – e, automaticamente, no correr do tempo, a metamorfose será completa. Os doentes se curarão, os descalços se calçarão, os iletrados se educarão, e o país se verá acrescido de enérgicas unidades positivas.

Empobreça-se, à job, uma família rica e bem educada, forçando-a a deixar a nobre situação em que vivia pela situação miserável do caso anterior. Em breve prazo a doença os empolgará a todos, o analfabetismo destruirá a todos, o analfabetismo destruirá nas gerações sucessivas as aquisições dos antepassados, tudo será lazeira [...] (LOBATO, 1956, p. 247-248).

Lobato inverte os polos da causalidade apresentada em o Jeca Tatu, ou Jeca Tatuzinho. Agora não é mais o Jeca curado e sanitizado que se torna um empreendedor capitalista de charuto à boca e caminhão *Ford* na garagem; ao contrário, o Jeca enriquecido e “fordizado” é que se tornará, com o tempo, o Jeca curado e sanitizado. Não é o homem que constrói a nação, mas a condição econômica da nação é que constrói o homem. Além disso, não há mais lugar para o pensamento racial, nessa perspectiva de 1931, que é jogado

para o escanteio, junto como o clima, dando lugar ao clamor pela exploração adequada dos recursos naturais, especialmente o ferro, na sociedade moderna.

É preciso que se diga que essa substituição de causas raciais por causas econômicas restringe-se a Lobato, uma vez que a questão racial ainda seria longamente discutida por Gilberto Freyre, especialmente em seus dois primeiros livros, anos depois: em *Casa-Grande & Senzala*, de 1933, e em *Sobrados e Mucambos*, de 1936. Mas, para Lobato, “[...] civilização é maquinização. Grande país hoje é país que se maquinizou em grau maior que os demais e por isso traz aos demais atrelados a sua influência” (LOBATO, 1931/1956, p. 251). A nova resposta obtida por Lobato para o problema do Brasil é oposta às definições elaboradas até ali:

Sempre nos impressionou fundamente o fato de dois países de igual território, Estados Unidos e Brasil, situados no mesmo continente, descobertos ao mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, libertados do jugo da metrópole com pequena diferença de anos, alcançarem, um, fastígio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da terra, e o outro, nós, a triste posição de beco sem saída em matéria de enclacramento (LOBATO, 1956, p. 258).

Entretanto, a cruzada de Lobato pelo ferro e, mais tarde, pelo petróleo, pode significar mais do que aparenta. Conforme já vimos, ele viu ser dilapidada sua herança de membro da classe dominante, dadas as mudanças econômicas que retiraram dos quadros da elite dominante os fazendeiros de café do vale do Paraíba, da mesma forma que o fim da monarquia e a instauração da República desvalorizaram os capitais sociais do jovem neto de Visconde. Lobato foi levado à esfera de dominado entre os dominantes, estabelecendo-se como escritor e intelectual, embora ainda estivesse predisposto a interferir nos destinos econômico e político do país, como procurou fazer durante sua atuação na campanha sanitária. Apesar disso, a posição de destaque obtida no campo literário foi perdida na competição com os intelectuais autoproclamados “modernistas” que, conforme argumentou Passiani (2003), venceram Lobato na disputa pelo monopólio de bens simbólicos no campo literário, em parte auxiliados pela posição ambígua ocupada por Lobato – ao mesmo tempo, escritor e editor, homem de artes e homem de negócios.

Contudo, Lobato conseguiu recolocar-se como adido comercial nos Estados Unidos, nomeado pelo presidente Washington Luís, graças ao intermédio de Alarico Almeida, chefe da Casa Civil e amigo de Lobato (CAVALHEIRO, 1967, p. 286-289). A estada de Monteiro Lobato nos Estados Unidos acabou por produzir mais do que impressões de espanto no cérebro do novo adido comercial, pois acabava por oferecer ao herdeiro a herança da qual havia sido privado na juventude. Tal herança se relacionaria à possibilidade de tratar de assuntos restritos à elite dominante do país, os quais, para Monteiro Lobato, eram de importância capital para o futuro do Brasil. Ao sentar-se com executivos da *Ford*, em Detroit, e tomar conhecimento do *método Smith* para a fundição de ferro por meio de seu próprio criador, o metalurgista da *Ford*, Willian H. Smith, Monteiro Lobato tomou posse de uma herança da qual havia sido privado, ou seja, da possibilidade de atuar como agente na elaboração dos processos políticos e econômicos do Brasil.

Ao ser tomado por essa herança, mesmo que tardiamente, Lobato sentiu-se no dever de tomar para si a cruzada pelo ferro, condição indispensável para o desenvolvimento do Brasil, de acordo com as crenças do escritor, mas ignorada pelos brasileiros, mais preocupados com reformas políticas autoritárias e golpes de Estado, dos quais esperavam soluções mágicas. Nesse período, para Lobato, a questão férrea torna-se, definitivamente, central para os problemas do Brasil, à qual logo se liga o petróleo. O ferro seria necessário para criar as máquinas e o petróleo, para movimentá-las. Na introdução que escreve para *Luta pelo Petróleo*, de Essad Bey, de 1936, mais tarde reproduzido em *Prefácios e Entrevistas* (LOBATO, 1936/1964), Lobato questiona-se sobre o ponto central para o desenvolvimento econômico do Brasil, a exemplo do progresso nos Estados Unidos

A resposta está na máquina, que multiplica a capacidade de trabalho do homem e, conseqüentemente, na posse da matéria-prima para a construção da máquina, uma vez que “[...] o homem aprende a derreter certas rochas que encontra na superfície do solo e a extrair uma coisa chamada ferro. Material maravilhoso de extrema rigidez e durabilidade – e desde então a matéria prima da máquina ficou sendo o ferro.” (LOBATO, 1964, p. 43). Depois de conquistada a arte de produzir máquinas de ferro só faltava ao homem dominar os meios combustíveis responsáveis pela movimentação dessas máquinas. Os países possuidores de maiores reservas de carvão foram os que mais se desenvolveram no mundo moderno, até o dia em que ele veio a ser substituído pelo petróleo.

Não podemos ignorar a radical mudança de perspectiva de Lobato em relação às causas responsáveis pelo subdesenvolvimento do Brasil. A causa racial, outrora apontada como razão primordial dos problemas do Brasil, baseada, ora na teoria neolamarckiana, ora na teoria mendeliana-darwinista, agora dá lugar a questões puramente econômicas. A sorte de possuir recursos minerais leva, quase que por si só, ao desenvolvimento, de forma que a Inglaterra conheceu sua glória e submeteu à sua vontade “homens de todas as cores” pela simples felicidade de ter, em seu território, grandes reservas de carvão mineral. O mesmo princípio estabeleceu as diferenças entre Brasil e Estados Unidos, países supostamente muito parecidos em sua formação histórica, política e racial, e que diferiam, quase que exclusivamente, pela posse e pela produção de ferro e petróleo para a industrialização.

Outro elemento de relevância fundamental para o entendimento do pensamento social brasileiro manifestado por Monteiro Lobato durante esse período histórico, é a definição que emprega para os diferentes grupos humanos distinguidos por sua nacionalidade, não mais em razão de sua raça. Os outrora apresentados como brancos, negros e mongóis, conforme consta em *O Presidente Negro*, são agora substituídos por termos políticos-nacionais, “do homem politicamente chamado inglês, americano, francês, alemão” (LOBATO, 1964, p. 43). Mais do que isso, Lobato substitui o termo raça por “tipos de elementos humanos”, e não raciais, quando compara o Brasil e os Estados Unidos, “[...] países de igual extensão territorial e povoados com os mesmos tipos de elementos humanos, europeu, negro e índio” (LOBATO, 1964, p. 48).

A posição social do Monteiro Lobato que retorna dos Estados Unidos é absolutamente diferente da posição do Lobato que fora nomeado adido comercial. Entre 1926 e 1930, ele perdeu, não só as ações que possuía na Companhia Editora Nacional, mas, praticamente, todas as suas posses materiais relevantes. Em contrapartida, adquiriu a posição de adido comercial, que o possibilitou interferir, pela primeira vez em sua vida, na conformação econômica do Brasil. Conheceu os meios avançados de produção nos Estados Unidos e, como escritor, a possibilidade de propagar as boas novas do mundo industrial por meio de jornais e livros, mesmo estando marginalizado e alheio à produção literária prestigiada artisticamente no Brasil, relegado à condição de tradutor e escritor de livros infantis, vencido pelos escritores modernistas (PASSIANI, 2003).

Em 1931, fundou com associados o *Sindicato Nacional de Indústria e Comércio*, na tentativa de promover a produção de ferro no Brasil por meio do *método Smith*. Acabou, porém, perdido em um emaranhado de interesses divergentes. Desistiu, então, da indústria siderúrgica e se lançou à campanha pelo petróleo, ainda em 1931, fundando, em 27 de dezembro, a *Companhia Petróleos do Brasil*, com capital oriundo da venda de ações ao público (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997). Como aconteceu com o ferro, a extração de petróleo por Lobato e seus associados encontrou resistências de parte de representantes do capital internacional e do Estado brasileiro, o que fez com que o autor escrevesse, tanto a introdução para *A Luta pelo Petróleo*, de 1936, quanto o livro *O Escândalo do Petróleo*, no mesmo ano. Além disso, dirigiu cartas diretamente ao presidente Getúlio Vargas, criticando as disposições do Código de Minas, as quais revogavam os registros de

jazidas de petróleo encontradas por empresas particulares, como a do próprio Lobato, e acusando os dirigentes do Departamento Nacional da Produção Mineral. O conteúdo dessas acusações, somadas ao conturbado cenário político do Estado Novo, anos mais tarde, levou à prisão de Monteiro Lobato pela Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (DEOPS) por curtos períodos, em 1941 (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, p. 294-307).

Durante o período em que a ditadura manteve a censura sobre o que era escrito no Brasil, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Monteiro Lobato absteve-se de escrever assuntos políticos e manteve-se centrado na produção de literatura infantil e traduções, trabalhos que acabaram por constituir sua principal fonte de renda. Em 1944, Lobato preparava a edição de *Obras Completas*, cujos livros seriam publicados pela editora Brasiliense, de propriedade de Caio da Silva Prado, Leandro Dupré, Hermes Lima, Artur Neves e Caio Prado Júnior. Mais tarde, em 1946, o próprio Lobato passou a ser sócio da empresa (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, 334). Os contatos com Caio Prado Júnior aconteceram, paralelamente, à sua aproximação ao PCB e à sua participação na fundação do Instituto Cultural Brasil-URSS, em 23 de julho de 1945. Lobato tornou-se diretor do Instituto, o qual contava com a participação de comunistas como Tarsila do Amaral, que atuava como bibliotecária, e Jorge Amado, que atuava como secretário. Naquele mesmo ano, Monteiro Lobato gravou áudio para o comício do PCB, no estádio do Pacaembu. Compareceram 130 mil pessoas, para saudar o recém-anistiado Luís Carlos Prestes (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, p. 338). A guinada de Monteiro Lobato para o comunismo torna-se mais evidente se observarmos com cuidado um trecho de uma entrevista que concedeu ao *Diário de São Paulo*. Segundo a reportagem, Lobato recebeu o repórter em sua casa e, em meio à conversa,

[...] abriu um folheto de capa amarela intitulado *Libero da Gleba*, da autoria de Robespierre de Melo e mostrou-nos uma decisão do Conselho Regional do Trabalho de Belo Horizonte, na qual se nega justiça a um jéca do município de Rio Novo, nos seguintes termos: “O trabalhador agrícola não está sob a proteção da legislação social-trabalhista brasileira”.

— Ora, continuou Lobato, quantos trabalhadores agrícolas há neste país? De 12 a 15 milhões- e estão fora da lei!...A nossa Ordem Social baseia-se na miséria, na penúria, na quase nudez e agora até no “outlawing” desses milhões de homens que produzem tudo quanto comemos e vendemos no exterior. A situação desses homens é exatamente a mesma dos félas do Egito, que morriam de miséria nos trigais das margens do Nilo para que os privilegiados de Alexandria e outras cidades vivessem em abundância. E se a esse pedestal jécoide juntarmos o nosso operário urbano, que também passa fome, teremos o quadro esquemático de nossa Ordem Social: uma massa imensa de carne dolorosa a sustentar umas tantas toneladas de carne gorda, feliz, contente- os ricos e abastados, eu, você, todos nós. Mas isso está no fim. Foi para atender a essa situação, que é geral no mundo, que o sonho socialista surgiu.

— É socialista?

— Não sou coisa nenhuma além de um observador da história (LOBATO, 1964, p 140-141).

Esse trecho da entrevista deixa evidente a nova perspectiva sobre o Jeca. Esses trabalhadores eram entendidos como miseráveis, submetidos à exploração quase servil, e não eram mais considerados como responsáveis por sua tragédia econômica. De certa forma, a avaliação sobre a condição do Jeca migra, de uma microanálise culturalista focada sobre o indivíduo e suas condições sociais cotidianas e regionais, para uma avaliação macro fortemente economicista, que considera que todos os males passam a ser derivados da estrutura social dividida entre os que trabalham e os que usufruem das benesses do trabalho.

ZÉ BRASIL E A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL

Mais uma vez, Lobato demonstra o grande apreço que tinha por Prestes naquele período. Isso nos ajuda a entender a última materialização que o autor faz do Jeca Tatu, agora chamado, não mais pelo apelido, mas pelo nome de batismo, José, e tendo por sobrenome *Brasil*. *Zé Brasil* foi lançado pela Editora Vitória, de propriedade do PCB, assemelhando-se em muito ao formato de *Jeca Tatu*: um panfleto com microcapítulos subdivididos por algarismos romanos.

Nesse sentido, a escolha do nome *Zé Brasil* parece ser significativa, tanto por sua posição ideológica, quanto por seu objetivo. Zé é a redução do nome José, nome masculino mais comum entre o povo brasileiro, representativo do homem simples; ao juntá-lo ao substantivo Brasil, Lobato generaliza a idéia e os problemas do Jeca Tatu para toda a extensão territorial do País, para todos os homens que vivem em iguais condições, denotando, também, que esses homens, ao contrário do que o discurso ufanista propagandeava, não eram minoria. (ABDALA, 2002, p. 63)

A história começa apresentando Zé Brasil e sua condição de vida de forma muito parecida com a que foi feita para apresentar o Jeca Tatu do Sanitarismo. O casebre onde morava o Zé Brasil era pobre, com mobília quase inexistente. Havia ali, além da espingarda e do santinho, um exemplar de *Jeca Tatu*, do Fontoura.

Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma – só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de três pernas, uns caixões, as cuias... Nem cama tinha. Zé Brasil sempre dormiu em esteiras de tábuas. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d'água, o caco de sela, o rabo de tatu, a arca, o facão, um santinho na parede. Livros, só folhinhas – para ver as luas e se vai chover ou não, e aquele livrinho do Fontoura com a história do Jeca Tatu. Coitado deste Jeca!, dizia Zé Brasil, olhando para aquelas figuras. Tal qual eu. Tudo que ele tinha, eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Jolí? (LOBATO, 1964, p. 327)

Muito da descrição feita nos contos sobre o caipira reaparece aqui para definir o Zé Brasil. mas há uma nova definição da causa da miséria do caipira, como os problemas com as pragas naturais, por exemplo, as formigas:

Ah, estas formigas me matam! Dizia o Zé com cara de desânimo. Comem tudo que a gente planta.

E se alguém da cidade, desses que não entendem de nada desta vida, vinha com histórias de “matar formiga”, Zé dizia: “Matar formiga!... Elas é que matam a gente. Isso de matar formiga é só para os ricos, e muito ricos. A formicida está pela hora da morte – e cada vez pior, mais falsificada. E que me adianta matar um formigueiro aqui neste sítio, se há tantos formigueiros nos vizinhos? Formiga vem de longe. Já vi um olheiro que ia sair a um quilômetro de distancia. Suponha que eu vendo a alma, compro uma lata de formicida e mato aquele formigueiro ali do pastinho. Que adianta? As formigas do Chico Vira, que é o meu vizinho deste lado, vem alegrinhas visitar as minhas plantas” (LOBATO, 1964, p.327-328).

Lobato passa também por uma crítica aos “escrevedores” de jornal, políticos e doutores, ao censurar alguns pontos que ele próprio havia defendido no passado, especialmente a causa sanitarista:

A gente da cidade – como são cegas as gentes das cidades!... Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável ... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam aquele pobre homem – opilação, sezões, quanta verminose há, malária. E cadê doutor? Cadê remédio? Cadê jeito? O jeito era sempre o mesmo: sofrer sem um gemido e ir trabalhando doente mesmo, até não agüentar mais e cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha esteira – e feliz se houver por ali alguma rede em que o corpo vá para o cemitério, senão vai amarrado com cipó (LOBATO, 1964, p.329).

Mas o que Lobato considerava como o cerne da questão era a condição de exploração a que o caipira, sendo agregado, estava submetido. Além de ter que dividir sua produção com o proprietário de terras, o trabalhador rural encontrava-se em uma situação instável, pois a qualquer momento poderia ser “tocado” do lugar onde morava, sem direito de usufruir de parte de seu trabalho materializado na futura colheita:

Eu era “agregado” na fazenda do Taquaral. O coronel me deu lá uma grota, fiz minha casinha, derrubei mato, plantei milho e feijão.

De meias?

Sim. Metade para o coronel, metade para mim.

Mas isso dá, Zé?

Dá para a gente ir morrendo de fome pelo caminho da vida – a gente que trabalha e planta. Para o dono da terra é o melhor negócio do mundo. Ele não faz nada, de nada, de nada. Não fornece nem uma foice, nem um vidrinho de quina para a seção – mas leva metade da colheita, e metade bem medida – uma metade gorda; a metade que fica com a gente é magra, minguada... E a gente tem de viver com aquilo um ano inteiro, até que chegue tempo de outra colheita.

Mas como foi o negócio da fazenda do Taquaral?

Eu era “agregado” lá e ia labutando na grota. Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo – e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me “tocou” de suas terras como quem toca um cachorro; colheu as roças para ele e naquela casinha que eu havia feito, botou o Totó Urumbeva.

Mas não há uma lei que...

Zé Brasil deu uma risada. “Lei... Isso é coisa para os ricos. Para os pobres, a lei é a cadeia e se rezingar um pouquinho é o chanfalho” (LOBATO, 1964, p. 330).

A partir do momento em que a posse da terra aparece como empecilho central para o desenvolvimento econômico do caipira, a célebre distinção entre o Jeca pobre e o italiano próspero também é ressignificada:

E se você fosse dono das terras, aí dum sítio de dez ou vinte alqueires?

Ah, aí tudo mudava. Se eu tivesse um sítio, fazia uma casa boa, plantava árvores de fruta, e uma horta, e até um jardinzinho como o do Giusepe. Mas como fazer casa boa, e plantar árvores, e ter horta em terra dos outros, sem garantia nenhuma? Então não vende nem dá as terras – só arrenda? (LOBATO, 1964, p. 330-331).

Mais adiante, Monteiro Lobato oferece ao Zé Brasil a solução aprendida com Luís Carlos Prestes e Caio Prado Júnior:

Mas, Zé, se essas terras do Taquaral fossem divididas por essas cento e tantas famílias que já vivem lá, não acha que ficava muito melhor?

Melhor para quem? Para o coronel?

Não. Para o mundo em geral, para todos.

Pois está claro que sim. Em vez de haver só um rico, que é o coronel Tatuíra, haveria mais de cem arranjos, todos vivendo na maior abundância, donos de tudo quanto produzissem, não só da metade e o melhor de tudo seria a segurança, a certeza de que ninguém dali não saía por vontade dos outros, tocado como um cachorro, como eu fui. Ah, que grande felicidade! Mas quem pensa nisso no mundo? Quem se incomoda com o pobre Zé

Brasil? Ele que morra de doenças, ele que seja roubado, e metido na cadeia se abre a boca para se queixar. O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre. Ninguém no mundo pensa nele, olha para ele, cuida de melhorar a sorte dele... (LOBATO, 1964, p.331-332).

O autor apresenta ao caboclo o homem que pode tirá-lo da miséria e do sofrimento imposto pelos ricos: Luís Carlos Prestes. É o que o narrador esclarece a Zé Brasil, corrigindo também certa visão do caipira tem em relação ao comunismo.

Não é assim, Zé. Apareceu um homem que pensa em você, que por causa de você já foi condenado pela lei desses ricos que mandam em tudo – e passou nove anos num cárcere.

Quem é esse homem?

Luís Carlos Prestes...

Já ouvi falar. Diz que é um tal comunista que quer desgraçar o mundo, acabar com tudo...

Quer acabar com injustiça do mundo. Quer que em vez de um Tatuíra, dono de milhares de alqueires de terra e vivendo à custa dos que trabalham, homem prepotente que faz o que fez a você...

Que toca a gente...

Que toca, que manda prender e meter o chanfalho em quem resmungar, haja centenas de donos de sítios dentro de cada fazenda, vivendo sem medo de nada, na maior abundância e segurança.

Que beleza se fosse assim!

E por que não há de ser assim? Basta que vocês queiram. Se todos os que sofrem essa injustiça da falta de terras próprias, num país tão grande como este, se reunirem em redor de Prestes, a situação acabará mudando completamente (LOBATO, 1964, p.332-333).

Lobato ensina ainda ao pobre caboclo que a riqueza do mundo é produzida pelo trabalhador, o rural ou o operário das fábricas, e que Luís Carlos Prestes sonha em emancipar da exploração todos aqueles que trabalham e têm roubado o fruto desse trabalho.

Pois é o que Prestes quer. O sonho dele é fazer que todos os que trabalham na terra sejam donos de um sítio de bom tamanho, onde vivam felizes, plantando muitas árvores, melhorando as benfeitorias. E todos vivendo sossegados, sem receio de que um Tatuíra os toque e fique com tudo. É só isso o que Prestes e seus companheiros querem.

Mas por que então esse homem é tão guerreado?

Justamente por isso. Quem é que o guerreia? Os que trabalham na roça, como você? Os que sofrem a injustiça do mundo, como você? Os que nas cidades ganham a vida nos ofícios ou como operários de fábricas? Os que produzem tudo quanto existe no mundo? Não. Os que combatem Prestes e as idéias de Prestes não são os que trabalham e sim os que vivem à custa do trabalho dos outros.

Como aqui o coronel Tatuíra... Exatamente. São os Tatuíras que tomaram conta do mundo e como para eles está tudo bem, não querem mudança nenhuma.

Para eles está bom mesmo! Não precisam trabalhar e são donos de tudo, das terras, das casas, das fábricas....

... e do produto do trabalho dos outros. O mal está aí, Zé. No dia em que quem trabalha ficar dono do produto do seu trabalho, tudo entrará nos eixos e todos serão felizes. Mas isso de cem trabalharem para um só ficar com tudo, isso não está certo e tem de acabar.

Pois no Taquaral é assim. Cem famílias trabalham naquelas terras, como negros de eito, para que o coronel viva no macio, sempre lá pelas capitais, arrotando presunto. Do que essas famílias produzem, a parte que a elas cabe mal dá para não morrerem de fome e não andarem totalmente nuas. Se o Prestes quer mudar isso, esse homem merece a nossa aprovação (LOBATO, 1964, p. 333-334).

Por fim, os olhos do Zé Brasil abrem-se e ele percebe que, para o trabalhador, o bem maior virá com o comunismo, por meio da intervenção de Prestes apoiado pelos trabalhadores.

Agora estou compreendendo muito bem como é a coisa. Estou vendo que o nosso homem é esse Prestes. E que quem é contra Prestes e seus companheiros, só prova uma coisa: que não quer mudança nenhuma no mundo. Que quer que tudo fique como está.

— E acha justo isso, Zé? Acha justo que tudo fique como está, isto é, uns tendo tudo e a imensa maioria não tendo nada, de nada, de nada?

— Se eu achasse justo isso, eu tinha de dar razão ao coronel Tatuíra quando me tocou da grota e se apossou da casa que eu ergui com tanto trabalho e das roças que plantei e estavam tão bonitas. Ora, como é que eu poderei concordar com uma injustiça destas?

— Prestes! Prestes!... Por isso é que há tanta gente que morre por ele. Estou compreendendo agora. É o único homem que quer o nosso bem. O resto, eh, eh, eh! é tudo mais ou menos coronel Tatuíra... (LOBATO, 1964, p.335-336).

Essa é a última problematização que Monteiro Lobato faz do homem rural e do papel desse homem no processo de desenvolvimento econômico do Brasil. O “Jeca comunista”, ou sem-terra, é também o menos conhecido e menos citado. Foi escrito em uma época em que Lobato havia desistido de ser autor para adultos, margeado que estava pelo estabelecimento dos autoproclamados modernistas.

Lobato morreu no ano seguinte à publicação de *Zé Brasil*, sem tempo de investir, positiva ou negativamente, em sua nova versão de Jeca, personagem raso ao ponto de se aproximar mais de uma alegoria do que de um tipo literário, mas sociologicamente relevante. No entanto, o texto foi considerado, na época, como uma tomada de posição explícita do autor, pois ataca “[...] diretamente o monopólio da terra, após apresentar soluções indiretas e paliativas para o problema agrário” (ABDALA, 2002, p. 66),

CONCLUSÕES

A título de conclusões, ou inconclusões, mais ao gosto de Lobato, pode-se dizer que *Zé Brasil* insere-se em um processo histórico individual e coletivo do escritor, na medida em que, individualmente, a partir das experiências que teve a oportunidade de vivenciar e do olhar acurado e inquieto que o caracteriza, estava atento às mudanças e transformações históricas de seu contexto social e político.

Ao estudar a transformação do Jeca Tatu em *Zé Brasil*, portanto, deve-se considerar que o último emerge em um momento em que o escritor tem contato com ideais político-sociais que colocam o Jeca, não como parte do problema, mas como vítima. Além disso, é uma obra madura realizada no fim da vida do escritor. Para esse momento confluem o contexto histórico do país, a trajetória e os contatos e referências do autor e o que pode ser considerado, mais do que a revisão de um posicionamento, como resultado de uma visão historicamente construída.

Zé Brasil não é de modo algum um texto que pode representar o “apagar das luzes” de uma vida e produções tão intensas quanto as de Monteiro Lobato; ao contrário, esse livreto abre novas e múltiplos debates acerca das intenções e dos pensamentos do polêmico escritor.

REFERÊNCIAS

- Abdala, Rachel Duarte. (2002). Zé Brasil: a questão agrária e a questão literária. novas perspectivas de análise do livreto de Monteiro Lobato. In. IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (org.) *História e Linguagens*. São Paulo: Humanitas.
- Azevedo, Carmen Lucia de; Camargos, Marcia; Sacchetta, Vladimir. (1997), *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Editora Senac.
- Passiani, Enio. (2003) *Na Trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: EDUSC/ANPOCS.
- Sevcenko, Nicolau. (1999) *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense.
- Obras de Monteiro Lobato:
- Lobato, Monteiro. (1972). *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1951). *América*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1972). *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (2010). *Cidades Mortas*. São Paulo: Editora Globo.
- Lobato, Monteiro. (1964). *Conferência, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1968). *Na Antevéspera*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1951). *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1956). *O Escândalo de Petróleo e Ferro*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1964). *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1968). *Mister Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1951). *Urupês*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1947). *Zé Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória. Ilustrações de Percy Deanne.

ENTRE A LITERATURA E A POLÍTICA: diálogo de mestres nas cartas de Monteiro Lobato a Cesídio Ambrogi

Pedro Henrique Rubim Alves¹ , Rachel Duarte Abdala² 

RESUMO

Neste artigo, objetivou-se analisar as ideias e os posicionamentos de Monteiro Lobato a partir das reflexões que compartilhou com o amigo Cesídio Ambrogi em cartas que endereçou a ele. Tematicamente, as cartas abrangem uma gama variada de assuntos, no entanto o foco centra-se nas discussões e posicionamentos políticos e nas impressões contextuais expressas na literatura produzida por ambos, que constituiu o início da amizade e que se consolidou com um dos pontos de confluência de interesses. Para tanto, considera-se que as cartas, reconhecidas como testemunhos involuntários, possibilitam perceber de modo mais claro os posicionamentos e os pensamentos dos interlocutores. Isso porque são documentos privados que, originalmente, não foram produzidos com a intencionalidade de que se tornassem públicos; portanto, há neles maior liberdade de expressão. O *corpus* documental deste estudo abrange as cartas enviadas por Monteiro Lobato ao amigo Cesídio Ambrogi, que fazem parte de um acervo particular, e artigos de jornal da Hemeroteca Antonio Mello Júnior, de Taubaté, e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O contexto político brasileiro da década de 1940 é tratado nas cartas e mobiliza as atenções dos interlocutores que estão, nesse período, envolvidos com questões políticas nacionais e locais. Além disso, naquela década Lobato volta para a cidade de Taubaté devido a questões pessoais e, como a análise permitiu constatar, reflete sobre questões latentes da sua relação com a cidade.

Palavras-chave: Literatura, Política, autobiografia, Taubaté-SP, sociedade local.

BETWEEN LITERATURE AND POLITICS: dialogue of masters in letters from Monteiro Lobato to Cesídio Ambrogi

ABSTRACT

In this article, the objective was to analyze Monteiro Lobato's ideas and positions based on the reflections he shared with his friend Cesídio Ambrogi in letters he addressed to him. Thematically, the letters cover a wide range of subjects, however, the focus is centered on the discussions and political positions and the relations of the contextual impressions expressed in the literature produced by both, which constituted the beginning of the friendship and was consolidated as one of the points of confluence of interests. Therefore, it is considered that the letters, recognized as involuntary testimonies, make it possible to perceive more clearly the positions and thoughts of the interlocutors. This is because they are private documents that were not originally produced with the intention of being publicized; therefore, allow greater freedom of expression. The documentary corpus of this study covers the letters sent by Monteiro Lobato to his friend Cesídio Ambrogi,

¹ Pesquisador Independente

² Universidade de Taubaté (UNITAU) / Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano

Autor Correspondente: Rachel Duarte Abdala
E-mail: rachel.abdala@gmail.com

Recebido em 05 de Junho de 2022 | Aceito em 02 de Julho de 2022.

which are part of a private collection; and newspaper articles from the Hemeroteca Antonio Mello Júnior de Taubaté and the Hemeroteca Digital of the National Library. The Brazilian political context of the 1940s is dealt with in the letters and mobilizes the attention of the interlocutors who are, in this period, involved with national and local political issues, because at this moment Lobato turns to the city of Taubaté due to personal issues and, as the analysis showed, it reflects on latent issues of its relationship with the city.

Keywords: Literature, Politics, autobiography, Taubaté-SP, local society.

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato e Cesídio Ambrogi foram correspondentes por muitos anos. A prática da escrita epistolar e a troca de correspondência foi presente ao longo da vida do escritor Monteiro Lobato. Trocou correspondências com familiares, amigos, colegas e interessados em sua obra. Em 1944, foi publicada pela Companhia Editora Nacional a obra intitulada *A Barca de Gleyre*, que reúne as cartas que Monteiro Lobato enviou durante quarenta anos (de 1903 a 1943) ao amigo e também escritor Godofredo Rangel. A coletânea foi publicada em 1944, após muita resistência de Lobato à insistência de Rangel em publicar a correspondência trocada por ambos, como explica Emerson Tin (2014). Apesar de esse ser o conjunto de missivas mais conhecido de Lobato, há outras publicações de cartas escritas por ele. Além das cartas enviadas a Godofredo Rangel outras cartas escritas por ele foram publicadas e estudadas, inclusive cartas trocadas com crianças, leitoras de sua obra infantil. A publicação “Cartas escolhidas”, de 1959, foi organizada por Edgard Cavalheiro, amigo de Lobato. No prefácio, como organizador da publicação, Cavalheiro caracteriza a correspondência de Lobato como “imensa”, e afirma que, a seleção para “Cartas escolhidas” ficou “[...] muito longe de representar um décimo da sua produção no gênero” (CAVAHEIRO, 1959, p. 7)

Assim, analisaram-se as cartas escritas por Monteiro Lobato para o amigo e também escritor Cesídio Ambrogi, buscando perceber as especificidades dessa troca de ideias a partir de suas trajetórias. Para além da cumplicidade entre amigos e da liberdade que a escrita privada permite, buscou-se perceber o compartilhamento de ideias entre os dois missivistas. Metodologicamente, o conjunto, de acervo particular, é composto por cerca de 40 cartas inteiras e por alguns fragmentos que compõem essa série documental que compreende o período de 1918, quando foi a escrita a primeira carta, a 1948, quando foi escrita a última. Trata-se, portanto de correspondência passiva, ou seja, recebida. Esse acervo foi mantido e preservado pela esposa de Cesídio Ambrogi, Lygia Fumagalli Ambrogi, e depois, por seus herdeiros. Constitui documentação inédita, ainda pouco estudada, sobre diversas facetas dos dois escritores. O corpus documental deste estudo também foi composto por artigos de jornal da Hemeroteca Antonio Mello Júnior de Taubaté e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Na perspectiva metodológica é fundamental confrontar documentos, nesse caso confrontaram-se, as cartas com os artigos de jornal e com as produções dos dois escritores. Além disso, não é possível tratar de qualquer documento sem considerar o seu contexto. Neste estudo as cartas foram tomadas, como propõe Malatian (2012), simultaneamente como objeto de análise e como fonte documental, para que fosse possível compreender a percepção de Lobato sobre as relações entre Literatura e contexto social e entre as dimensões macro e micro da política nacional da década de 1940, no Governo de Getúlio Vargas, no contexto da cidade de Taubaté.

Sobre a abordagem de cartas como objeto de pesquisa, Malatian (2012, p. 204) afirma que:

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais

Assim, para analisar as cartas escritas por Lobato para Cesídio Ambrogi, considera-se que as cartas, reconhecidas como testemunhos involuntários, possibilitam perceber de modo mais claro os posicionamentos e os pensamentos dos interlocutores, pois são documentos privados que originalmente não foram produzidos com a intencionalidade de serem publicizados; portanto, há neles maior liberdade de expressão. Metodologicamente, o conjunto das cartas enviadas por Monteiro Lobato ao amigo Cesídio Ambrogi foram analisadas de acordo com os pressupostos da análise considerando-as “escritas de si”, ou autobiográficas. Teresa Malatian (2012, p. 196) afirma que:

Os escritos autobiográficos abrem um grande campo de possibilidades para o historiador. Resultam de atividades solitárias de introspecção, ainda que sua autoria possa ser partilhada por secretários, assessores ou familiares. Trata-se de escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma postura reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta.

As cartas são consideradas escritos autobiográficos e, com a ampliação da noção de documento promovida pelo movimento historiográfico da *École des Annales*, em meados da década de 1920, passaram a ser consideradas também como documentos, pelos historiadores. Foram caracterizadas por Marc Bloch (2001) como “testemunhos involuntários”, ou seja, os vestígios do passado, as fontes documentais que não foram produzidas com essa intencionalidade mas que podem ser utilizadas pelos historiadores como fonte de informações.

Cesídio Ambrogi era um dos três grandes amigos de Lobato em Taubaté. Pode-se dizer que “Cesídio preservou o lado taubateano da alma de Lobato”. (Almanaque Urupês, <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/eramos-seis-lobato-e-cesidio/>)

Foi um dos amigos de Monteiro Lobato responsáveis pela criação da Semana Monteiro Lobato, em 1953, como uma forma de homenagear o escritor em sua terra. Segundo Antônio Carlos de Argôllo Andrade (2022), essa ideia teria partido dos “três jacarés”, que era como Lobato se referia aos amigos Urbano Alves de Sousa Pereira, Gentil Eugênio de Camargo Leite e Cesídio Ambrogi. “Eram chamados jacarés porque, ao contrário de Monteiro Lobato, que ainda na adolescência mudou-se para São Paulo, tendo posteriormente estabelecido residência em diversas outras localidades, inclusive no exterior, os três amigos recusavam-se a deixar as margens do Rio Paraíba, isto é, não saíam de Taubaté” (ANDRADE, 2022, p. 81). Em várias das cartas Lobato esse termo, por exemplo, na de 22/10/1943: “Adeus caro Ambrogi. Vocês são os mais perfeitos jacarés que encontrei na vida”.

O tom é meramente formal (e até frustrante para o leitor) e solene, mas de difícil compreensão. Lobato dificulta o trabalho dos paleógrafos. A transcrição é parcial, pois há uma e outra palavras ilegíveis. Todavia, é um ponto de partida. É, na relação epistolar de um então editor com um cliente, o marco zero de uma amizade sincera.

Em 1918, numa troca de impressões sobre Urupês. Na relação epistolar de um então editor com um cliente, tem-se o início de uma amizade sincera. Alguns anos depois, em 1923, foi publicada pela editora de Monteiro Lobato a obra “As Moreninhas”, de Cesídio Ambrogi. Tal fato indica que é possível que, a despeito de serem contemporâneos e morarem na mesma cidade – Taubaté – mesmo considerando que Lobato saiu da cidade ainda adolescente, provavelmente eles só tenham se conhecido pelo fato de Lobato estar à frente de uma editora e o então jovem escritor Cesídio Ambrogi intencional a publicação de sua obra.

Assim, há evidências de que Lobato e Cesídio começaram a “amizade” em 1918. Pelo conjunto das cartas, constata-se que voltaram a se falar mais intensamente no período em que Edgard, filho de Lobato, tratava-se de tuberculose na chácara que Lobato tinha em Tremembé-SP, cidade muito próxima a Taubaté. Edgard faleceu em 13 de fevereiro de 1943.

A maior quantidade de cartas escritas por Lobato a Cesídio Ambrogi concentra-se na década de 1940. Dada a proximidade física, pois Lobato, para cuidar do filho, residia periodicamente em Tremembé. Pode-se afirmar que, nesse momento, as lembranças de Lobato sobre a terra natal afloram e fornecem uma leitura singular da sociedade taubateana, com foco particular nas questões da política local.

Até o fim de sua vida, Cesídio Ambrogi foi um dos principais correspondentes de Lobato, com quem trocava experiências, colaborações em livros, revisões de textos e opiniões sobre diversos assuntos.

No que se refere à relação com a cultura regional, é possível afirmar que as cartas escritas por Lobato a Cesídio Ambrogi compõem um conjunto que pode ser considerado uma “herança”. Para além do valor documental, o contexto político brasileiro da década de 1940, temática central das cartas, as atenções dos interlocutores que estão, nesse período, envolvidos com questões políticas nacionais e locais. Isso porque, naquele momento, está na em Taubaté devido a questões pessoais e, como a análise permitiu constatar, reflete sobre questões latentes da sua relação com a cidade, uma temática que ainda carece ser analisada com profundidade, considerando-se a complexidade da política local.

MESTRE CESÍDIO

Cesídio Ambrogi, assim como Monteiro Lobato, teve muitas ocupações ao longo da vida. De acordo com Umberto Passarelli (1996), frequentou o Curso de Engenharia na Régia Universidade de Pisa, na Itália, e chegou a se dedicar à atividade de construtor, quando voltou ao Brasil, em 1914. Além disso, foi “[...] jornalista militante, colaborou, por mais de meio século, em periódicos da cidade [de Taubaté] e da região” (PASSARELLI, 1996, p. 166). Como jornalista em Taubaté, Antonio Mello Junior informa que Ambrogi atuou na direção do jornal *O Taubateano*, do *O Momento*, caracterizado como a segunda fase de *O Taubateano*, e do *Jornal de Taubaté*. Escreveu para *O Libertário*, no qual também trabalhou na secretaria, para *A Tribuna* e para o *Correio Paulistano*. Também foi redator da *Revista Cine Palas*.

Ao longo de sua existência, foi redator de vários periódicos. Colaborou com jornais e revistas de todo o país e “[...] tomou parte ativa na vida literária e artística da cidade” (PASSARELLI, 1996, p. 166). Foi professor de literatura, jornalista, redator, trovador, contista. No entanto, apesar da diversidade de atividades que exerceu, ficou mais conhecido por sua atuação como professor e como poeta, sendo reconhecido como “mestre”. Foi um dos fundadores da “Sociedade Taubateana de Ensino”, em 1939. Em 1927, foi nomeado inspetor federal da Escola de Comércio “Washington Luís”, de Taubaté. Em 1932, foi nomeado como primeiro professor de português do então recém-criado Ginásio Estadual e Escola Normal, mais tarde Colégio Estadual e Escola Normal Monteiro Lobato. Aposentou-se como professor secundário em 1963. Como trovador, foi consagrado pelos seus pares como presidente perpétuo da “União Brasileira de Trovadores” – seção Taubaté.

Cesídio Ambrogi nasceu em Natividade da Serra, no dia 22 de maio de 1894. Mudou-se para Taubaté com a família em 1904 e, de acordo com Passarelli (1996) passou a residir na cidade e dela se ausentou somente em alguns períodos de estudos.

Casou, em 1938, com a poetisa Lygia Therezinha Fumagalli Ambrogi, com quem teve cinco filhos. Faleceu em 1974.

O artigo publicado no jornal *A Tribuna*, em 28/06/1974, noticiou seu falecimento, indicando a expressão como Cesídio Ambrogi ficou conhecido na cidade de Taubaté, “Mestre Cesídio”, consolidada pelo título do

1 Há controvérsias sobre essa data. Em seu livro, Jeronymo de Souza indica o ano de 1933, e deve-se considerar que um dos informantes para a obra foi o próprio Cesídio Ambrogi.

livro homônimo escrito por Jeronymo Souza e lançado em 1963. A notícia menciona sua amizade com Monteiro Lobato.

Seus parentes, amigos e ex-alunos e admiradores prestaram a última homenagem ao autor do livro “As Moreninhas”, livro que marcou presença na literatura brasileira no princípio do século. [...] aposentou-se como professor da língua portuguesa no Instituto de Educação “Monteiro Lobato”, o ex-Ginásio do Estado que ele ajudou a fundar. Sua vida era profundamente ligada ao ensino: lecionou em vários estabelecimentos escolares de Taubaté e sempre esteve a frente dos empreendimentos educacionais. [...] O professor José Jeronimo de Souza Filho escreveu um livro subordinado ao título “Mestre Cesídio” que retratou o velho professor de maneira singular. Cesídio Ambrogi morreu aos 81 anos de idade e deixou viúva a advogada Lygia Fumagalli Ambrogi e os seguintes filhos: Cesídio Ambrogi Filho, Walfrido Fumagalli Ambrogi, Elisa Mariana Cembraneli Anabela Ambrogi Dotti, Lygia Mara Prado, Tereza Maria Marcondes e Bernardo Ambrogi Neto. “Mestre Cesídio” foi uma personalidade marcante em Taubaté. Foi amigo pessoal de Monteiro Lobato e sempre trocavam cartas quando o escritor taubateano ainda vivia. Foi chamado por Lobato de “um dos três jacarés de Taubaté”. Mestre Cesídio considerado “Cidadão Taubateano” morreu. Mas seu nome e sua obra ficam para as futuras gerações (A *Tribuna* 28/6/1974).

O modo como ou quando Cesídio Ambrogi e Monteiro Lobato se conheceram não são dados ainda não determinados por evidências documentais. O primeiro registro do contato entre eles foi a publicação, em 1923, pela Editora Monteiro Lobato & Cia, do primeiro livro de Cesídio Ambrogi, “As Moreninhas”. Além deste, publicou, em 1947, o livro “Poemas vermelhos”, que foi prefaciado por Monteiro Lobato, o que indica a dimensão e a longevidade da relação entre eles. Cesídio Ambrogi publicou também “Sonetinhos em Sara-banda” (prefaciado por Renato Teixeira) e “Janíadas”.

Deve ser considerado o fato de que, dentre os intelectuais taubateanos, Cesídio Ambrogi foi o único que teve alguma obra de sua autoria publicada por Lobato, o que o diferenciava na esfera de amizades taubateanas de Monteiro Lobato.

Antonio Mello Júnior (1983), na obra “Imprensa taubateana”, ao mencionar o jornal *A Voz do Vale*, afirma que seu diretor, Waldemar Duarte, levou para as colunas do jornal “expoentes da intelectualidade taubateana”, dentre os quais Cesídio Ambrogi. Cesídio trabalhou também no *Correio Paulistano*, como jornalista residente em Taubaté, na década de 1940.

Além de Monteiro Lobato, Cesídio Ambrogi relacionou-se com outros renomados escritores brasileiros. Monteiro Lobato, por sua vez, manteve correspondência com muitos amigos. Alberto Conte, em “Monteiro Lobato: o homem e a obra”, assim define o escritor: “[...] é simpaticíssimo. Não há quem não sinta, logo ao conhecê-lo, um forte desejo de tornar-se seu amigo, de conservá-lo com assiduidade e fazer-se um íntimo” (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 15)

A LITERATURA E A POLÍTICA LOCAL COLOCADAS EM PERSPECTIVA

Ao refletir sobre as impressões compartilhadas por intelectuais em cartas, Malatian (2012, p. 197) assevera que:

Nelas um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada.

Nas cartas que endereça a Cesídio Ambrogi Lobato aborda questões brasileiras, questões argentinas, literárias, políticas, entre outros assuntos que também aparecem em cartas direcionadas a seus outros correspondentes. No âmbito político, escreve sobre a ascensão de Vargas e a queda de Eurico Gaspar Dutra, eleito

presidente do Brasil em 1945, chamado por ele como “estado novíssimo”, referindo-se assim à percepção de que, do seu ponto de vista, as coisas não mudariam muito em relação ao Estado Novo, do governo de Getúlio Vargas, no período de democratização pretensamente promovida por Dutra.

Imerso no contexto político brasileiro, Lobato manifesta e compartilha suas impressões em sua correspondência. Tanto ele quanto Cesídio não são meros espectadores; participam ativamente da política nacional e local e se expõem seus posicionamentos.

Como “militante do progresso”, como definem Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997), Monteiro Lobato foi preso duas vezes pelo governo de Getúlio Vargas, em 1941, devido ao seu posicionamento sobre o petróleo - “[...] sofre mais uma vez as consequências por dizer exatamente o que pensava” (AVEZEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 305), nesse caso, ao fazer duras críticas à política brasileira de minérios.

O contexto político brasileiro da década de 1940 é tratado nas cartas e mobiliza as atenções dos interlocutores que estão, nesse período, envolvidos com questões políticas nacionais e locais.

Ao considerar o contexto pessoal, na década de 1940, Lobato já é um escritor consagrado, um homem que passou por muitos reveses profissionais e um pai marcado pela morte precoce de dois de seus quatro filhos, Guilherme e Edgard.

Em 1943, cede finalmente às sugestões de Godofredo Rangel para que publicasse a correspondência trocada entre eles - “[...] a publicação reveste-se de um caráter memorialístico, de rememoração do percurso de sua vida, da construção de uma obra, o que se reafirma no subtítulo dado ao epistolário: ‘quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel’” (TIN, 2014, p. 304). Nesse momento, como afirma Emerson Tin (2014, p. 304-305), “É o Lobato envelhecido, próximo da morte, que, como ‘o velho de Gleyre’ com suas ilusões perdidas, lança o olhar ao ‘Lobatinho daquele tempo tão suficiente e pernóstico”

Lobato perde o filho em fevereiro de 1943 e, em setembro do mesmo ano, decide publicar a correspondência trocada com Godofredo Rangel, como afirma Emerson Tin (2014), ao escrever sobre “A barca de Gleyre”. Para o ano de 1943 convergem muitos acontecimentos, na vida de Lobato. Coincidentemente, em 1943 é lançada a obra “Éramos seis”, de Maria José Dupré. A obra recebeu atenção do escritor pelo menos em menos quatro cartas, em 1943 e 1944, escritas para Cesídio Ambrogi. Nessas cartas, Lobato aborda a dimensão da produção literária em geral e, em particular, no que se refere à revisão que fez de sua obra após a leitura de “Éramos Seis”. Em carta sem data (de um lote de cartas de 8 de janeiro de 1943 a 18 de outubro de 1943) Lobato desenvolve essa reflexão e afirma:

Estou preparando o meu livro Fábulas para nova edição, e sabe que consiste o preparo? Em tirar todas as “coisas lindas” que inconscientemente lá botei, isso é, a “literatura”. Estou raspando a literatura que há nessas fábulas. E como é doloroso! O mesmo que uma raspagem de osso! A gente faz aquilo com tanto amor, achou tão bonito, gostou tanto – e ainda acha tão bonito... E tem de botar fora, tem de raspar. por que? Por causa da tal senhora Leandro Dupré. Esquisito, não? passei a vida a lidar com a literatura, li todos os mestres – e afinal fui aprender com uma senhora que nem tem nome – assina o do marido.

Ainda em 1943, ocorreu o lançamento de “Urupês, outros contos e coisas”. Houve também o lançamento da edição comemorativa do jubileu de “Urupês”, lançado originalmente em 1918. O volume de 1943 foi ilustrado por Paim. Um ano após ser lançado, em 1919, “Urupês” ganhou projeção por ser citado pelo então proeminente político brasileiro Rui Barbosa, em uma conferência sobre a “Questão social e política no Brasil”, proferida em 20 de março. As comemorações do jubileu da obra também marcam o que se pode chamar de retomada das conversas de Lobato com os intelectuais taubateanos e com a própria sociedade taubateana, pois, em 1919, Lobato foi recebido em Taubaté como herói, por causa da projeção que a obra alcançou e por

ter sido citado por Rui Barbosa. Jeronymo Souza (1963) afirma que foi a “Revista do Brasil”, fundada em 1916 e de propriedade de Lobato a partir de 1918, e que “[...] tornara-se o mais lido, o mais importante veículo cultural do país”, e “Urupês” que “[...] proporcionariam aos intelectuais taubateanos a redescoberta de Monteiro Lobato como escritor. Foi assim que o grupo literário entrou em contato com ele” (SOUZA, 1963, p. 34).

De acordo com Lygia Ambrogi, esposa de Cesídio, nessa época, “[...] quando o filho dele [de Monteiro Lobato] morreu, tuberculoso, em Tremembé, e os inimigos daquela época já estavam mortos, ele voltou, começou a vir em Taubaté”, relata dona Lygia, emendando que ele ia muitas vezes à sua casa para encontrar Cesídio” (Almanaque Urupês. Disponível em: <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/correspondencias-de-lobato-e-cesidio/>)

Nesse retorno a Taubaté, Lobato encontra companheiros mentais que não teve no período anterior, quando esteve em Taubaté no início do século. Na década de 1940, Cesídio Ambrogi tem como projeto criar o que chamou de Biblioteca Sítio, e publica sua intenção nos jornais. Lobato toma conhecimento dessa intenção e apresenta sugestões; no entanto, a despeito do otimismo do amigo, não acredita que a política local apoiaria essa iniciativa, pois, em 1922, após o sucesso de “Urupês”, é duramente criticado em discurso proferido por Luiz da Câmara Leal, na Câmara Municipal de Taubaté:

A tendência literária dos “néos” é para o descrédito dos lugares donde partiram. “Urupês, “Idéias de Jeca”, “Cidades mortas”, do nosso conterrâneo [...] trazem atestado mudo de uma grandeza morta, afastam as forças da evolução, matam desejos de cérebros que idealizam. Os arroubos de elouquência levam muitas vezes à crítica acerba um povo – que pode ser grande (ATAS DO CONSELHO DA INTENDÊNCIA ATAS DA CÂMARA TAUBATÉ, 2002, p. 412)

Cidades mortas, publicado em 1919, parece ter sido o estopim da reação contrária ao escritor manifestada nesse discurso proferido em 1922.

Como jornalista, Cesídio Ambrogi teve a oportunidade de manifestar seus pensamentos nos artigos que escrevia, como neste publicado no jornal *A Voz do Vale*, em que, inclusive, mencionou a amizade com Lobato e a forma como o amigo o levou a refletir sobre a cidade:

Lobato, meu amigo, sempre teve razão. Cada dia mais me capacito de suas verdades tremendas. Este Vale, por exemplo, de tradições soberbas e sedicemente decantadas, ainda continua a ser aquele mesmo vale das cidades-mortas. Trombeteia-se o seu ressurgimento. Exalta-se a sua indústria. Louva-se a sua pecuária. Glorifica-se a sua lavoura. Bobagem. Tudo bobagem. Onde o seu ressurgimento? A sua indústria ainda é a mesma de sempre, fictícia, deficiente e desmantelada, produzindo mal e caro. E quanto a sua lavoura, praticamente ela nem existe mais. [...] Todo o Vale hoje não passa de uma grande fábrica de carvão dentro de pastagem imensa. E Lobato já dizia: “Carvão e boi, símbolos da miséria... (A Voz do Vale, 28/07/1948)

A confluência entre literatura e política aparece explicitada na carta sem data (de um lote de cartas entre 8 de janeiro de 1943 e 18 de outubro de 1943), na qual Lobato pondera:

E agora lendo analiticamente o teu capítulo do romance Taubaté vi que você também está caminhando – você também, como eu, como todos, está sobrepondo a literatura à vida. Não senti Taubaté em teu capítulo, porque entre o Taubaté coitadinho que eu conheço a fundo está interposta uma cama de literatura – e fiquei a imaginar o que seria o teu romance se o processo usado fosse o do Éramos Seis: pintura direta da vida, num estilo que seja caldo da vida, expremidura da vida.

Nessa carta, ao mencionar um romance que Cesídio Ambrogi estaria escrevendo sobre a cidade de Taubaté, Lobato aproxima a literatura da vida, sugerindo ao amigo que, para se fazer literatura, é preciso olhar para a realidade sem preocupar-se com técnicas ou estilos, e sim com a própria vida que se pretende narrar.

As manifestações e os fluxos e refluxos que Monteiro Lobato tem em relação à cidade articula-se com o cenário político local. Como neto do Visconde de Tremembé, figura eminente do Império, o escritor vê-se naturalmente inserido no debate político, e essa inserção se intensifica de acordo com seus posicionamentos políticos, principalmente nas décadas de 1930 e 40, quando ele se posiciona frontalmente, em âmbito nacional, contra as políticas implementadas pelo Presidente Getúlio Vargas.

Em Taubaté, Lobato desenvolve o que pode ser definido como uma identificação histórica com a família Oliveira Costa, com a qual também tem relação de aproximação e afastamento, num movimento de fluxos e refluxos. Lobato escreve, em 1946, na revisão da obra *Ideias do Jeca*, um texto no qual afirma que Taubaté poderia ser uma Manchester brasileira.

CONCLUSÕES

As correspondências entre intelectuais representam a possibilidade de compartilhar percepções de mundo. No caso das cartas escritas por Monteiro Lobato e endereçadas ao amigo Cesídio Ambrogi percebem-se o desalento e o desânimo de uma alma cansada no fim da vida. Muito já se disse sobre Monteiro Lobato, muito já se estudou sobre sua vasta produção e sobre seus intensos debates e posicionamentos políticos; no entanto, há ainda uma lacuna a ser sanada, qual seja, o olhar mais apurado e atento para as relações entre ele e a cidade de Taubaté. Para além das leituras precipitadas, superficiais e enviesadas, há que se deter sobre os documentos com o olhar que Marc Bloch (2001) chamou de questionador.

A relação de Monteiro Lobato com Taubaté, que se manifesta em seus escritos ainda precisa ser melhor estudada, e, sem dúvida, as cartas que ele escreveu ao amigo Cesídio Ambrogi, de quem se aproximou mais em seus últimos anos de vida, a partir de uma circunstância pessoal, oferecem elementos que permitem aprofundar essa análise que engloba a intrincada e complexa cena política da cidade.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Antônio Carlos de Argôllo. (2022). Recordando Monteiro Lobato. Taubaté-SP: edição do autor.
- Atas do Conselho da Intendência Atas da Câmara Taubaté. Ortiz, José Bernardo (org.) (2002). Taubaté-SP: prefeitura Municipal de Taubaté.
- Azevedo, Carmen Lucia de; Camargos, Marcia e Sacchetta, Vladimir. (1997). Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. São Paulo, Editora Senac.
- Barbosa, Rui. (1956), *Obras Completas, XLVI, MEC*.
- Bloch, Marc. (2001) Apologia da História, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cartas de Lobato e Cesídio. Almanaque Urupês. Disponível em: <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/correspondencias-de-lobato-e-cesidio/> Acessado em: 23/04/2022.
- Cavalheiro, Edgard. (1959) Prefácio in: Lobato, M. Cartas escolhidas. São Paulo: Brasiliense.
- Éramos seis, e Lobato, Rangel e Cesídio. Almanaque Urupês. Disponível em: <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/eramos-seis-lobato-e-cesidio/> Acessado em: 23/04/2022.
- Malatian, Teresa. (2012) Cartas: narrador, registro e arquivo. In: Pinsky, Carla B. e Luca, Tânia Regina de (orgs.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto.
- Mello Junior. Antonio. (1983) Imprensa taubateana: contribuição à sua história (1861-1981). Taubaté-SP: Egetal.

Passarelli, Umberto (1996). Contribuição à História: denominação de ruas e logradouros públicos de Taubaté. Taubaté-SP, JAC Gráfica e Editora.

Passiani, Enio. Na Trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: EDUSC/ANPOCS, 2003.

Souza, Jeronymo. (1963) Mestre Cesídio. Taubaté-SP: Edições Taubaté.

Sevcenko, Nicolau. (1999) Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense.

Tin, Emerson (2014). A barca de Gleyre: uma raríssima "curiosidade". Lajolo, Marisa (org.) Monteiro Lobato, livro a livro. São Paulo: Editora Unesp.

Obras de Monteiro Lobato:

Lobato, Monteiro. (1972) A Barca de Gleyre. São Paulo: Brasiliense.

_____, (1972) Cartas Escolhidas. São Paulo: Brasiliense.

_____, (1964) Prefácios e Entrevistas. São Paulo: Brasiliense.

UM BAILE DE MÁSCARAS: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato¹

Patrícia Aparecida Beraldo Romano² 

RESUMO

Procurando conhecer um pouco mais sobre cartas de crianças e jovens enviadas às personagens Emília e Dona Benta, este texto pretende discutir, a partir de uma dessas missivas, enviada à personagem Emília, o artifício da criação de “máscaras” do emissor e de “imagem” do interlocutor no processo composicional de cartas a Monteiro Lobato. Os resultados deste trabalho fazem parte de pesquisa maior de pós-doutorado e há nela o estudo de sete cartas de crianças e jovens enviadas às mesmas personagens, duas para a primeira e cinco para a segunda. Todo trabalho pressupõe pesquisa de fontes primárias no Arquivo Raul de Andrada e Silva, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo, além de buscas por outros espaços que congregam obras e material de pesquisa de/sobre Monteiro Lobato. Vários teóricos sustentam esta discussão, dentre eles, Debus (2004), Lajolo (2006, 2014), Lobato (1956, 1969), Raffaini (2008), Silva (2009), Tin (2014).

Palavras-chave: Cartas, Monteiro Lobato, Emília, Máscaras, Imagem.

A MASQUERADE BALL: letters sent to Monteiro Lobato's characters

ABSTRACT

Seeking to know a little more about letters from children and young people sent to the characters Emília and Dona Benta, this text intends to discuss, based on one of these letters, sent to the character Emília, the artifice of the creation of “masks” of the sender and of the “image” of the interlocutor in the compositional process of letters to Monteiro Lobato. The results of this work are part of a larger post-doctoral research and there is in it the study of seven letters from children and young people sent to the same characters, two to the first and five to the second. All work presupposes research of primary sources in the Raul de Andrada e Silva Archive, in the Institute of Brazilian Studies (IEB), at the University of São Paulo, in addition to searches for other spaces that congregate works and research material by/about Monteiro Lobato. Several theorists support this discussion, among them, Debus (2004), Lajolo (2006, 2014), Lobato (1956, 1969), Raffaini (2008), Silva (2009), Tin (2014).

Keywords: Letters, Monteiro Lobato, Emília, Masks, Image.

¹ Este texto é fruto dos estudos de pós-doutorado que a autora realiza, no presente momento, no Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo/USP.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará / Universidade de São Paulo

Autor Correspondente: Patrícia Aparecida Beraldo Romano
E-mail: paromano@unifesspa.edu.br

Recebido em 31 de Maio de 2022 | Aceito em 04 de Julho de 2022.

1 A TÍTULO DE INTRODUÇÃO: A PESQUISA E O MUNDO DAS CARTAS A/DE MONTEIRO LOBATO

O gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura... Porque literatura é uma atitude —é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito.

(LOBATO, Monteiro, 1956, p. 17)

“Mentir com elegância” parece ter sido uma atividade muito exercida por vários escritores mundo afora e Brasil adentro. Se num rápido rol de nomes seria possível lembrar Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, não se pode deixar de incluir nesse conjunto Monteiro Lobato. Missivista contumaz, Lobato teve a chance, quase única (se não única, no Brasil) de editar sua correspondência de mais de quarenta anos com o amigo mineiro Godofredo Rangel, em 1944. Além de publicar a obra, nesse ano, em volume único, ele pôde, para isso, rever as cartas, fazer algumas “podas” e suprimir outras cartas por completo: “[...] e se [elas] saírem com a minha revisão de semivivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniências que um semimorto já não subscreve” (LOBATO, 1956, p. 18).

Ao apresentar um estudo sobre esse texto, Émerson Tin, no capítulo *A Barca de Gleyre: uma raríssima “curiosidade”*, no livro *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*, organizado por Marisa Lajolo (2014), comenta:

A primeira edição da obra, em volume único, foi a última publicada por Lobato pela Companhia Editora Nacional, a que esteve ligado por quase vinte anos. Passaria, então, à recém-criada Editora Brasiliense, pela qual, dois anos mais tarde, começariam a vir a público as suas *Obras Completas*, nas quais *A Barca de Gleyre* apareceria em dois volumes -e acrescida de cartas posteriores à primeira edição-, formato em que é mais conhecida atualmente. (TIN, 2014, p. 300).

E nesse trabalho de Lobato, logo na Dedicatória, o leitor muito acostumado, de modo geral, a dedicatórias relativamente sérias e pomposas, se depara com o seguinte texto:

TRÊS NOMES...

Nesta casca de árvore quero escrever três nomes: o de Purezinha, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de Marjori, a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e me escrevem; e qual seria o terceiro, se não o de Ricardo, o Inesquecível? (LOBATO, 1956, 15).

Os estudiosos de Lobato sabem que Purezinha foi sua esposa e Ricardo, o amigo poeta, que muito cedo morreu ao cometer suicídio. Teria sido ele, para o escritor, uma de suas maiores perdas, porque era considerado o melhor, o mais sensível e inteligente de todos os amigos com quem interagira enquanto estudava Direito na Universidade de São Paulo. Mas, quem seria Marjori? É a partir da descoberta sobre esse nome, a ser recuperado ao final desta discussão, que este texto se constrói, na tentativa de apresentar ao leitor alguns missivistas crianças e jovens.

Ao longo de uma correspondência de mais de vinte anos (1932-1946), muitos leitores mirins se corresponderam com Monteiro Lobato. Durante todo esse tempo, o escritor se manteve fiel às respostas que emitiu para todos os leitores de suas obras dispostos sempre a discuti-las com ele. No montante de mais de duzentas cartas que restaram guardadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), será escolhida uma delas, enviada à boneca Emília e, sobre essa missiva, serão feitas algumas elucubrações.

Essas reflexões partem dos estudos sobre a elaboração da “máscara” construída pela missivista e da imagem que ela faz do interlocutor, no caso, a boneca de pano Emília, e como isso se relaciona ao mundo de

fantasia e imaginação criado nas obras infantis pelo próprio Lobato. Para discutir teoricamente o assunto, textos de Haroche-Bouzinac (2016), Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997), Debus (2004), Raffaini (2008), Moraes (2005), Angelides (2001) dentre outros serão utilizados.

2 CARTAS DE CRIANÇAS E JOVENS ENVIADAS A MONTEIRO LOBATO: O ACERVO RAUL DE ANDRADA E SILVA E O GÊNERO EM QUESTÃO

Carta é um gênero que parece dialogar bastante com a literatura, já que é possível encontrar no interior de muitos romances, cartas enviadas de uma personagem a outra, como é o caso de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Ou ainda um romance nascer a partir da troca de cartas e telegramas, como é o caso de *A caixa preta*, de Amós Oz. Se motivações políticas podem gerar essas trocas no texto Oz, no século XX, o amor pode ser o motivo de outros textos como as famosas *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, redigidas, no século XVII, ou mesmo o texto de Goethe, no século XVIII, cujo desfecho no romance epistolar conduz a um final trágico.

Embora nesses casos, a carta faça parte da criação literária e seja, por isso, também ficção, há de se perguntar como esse gênero funciona quando se fala, por exemplo, de cartas de leitores a escritores, caso aqui a ser estudado. A continuação da epígrafe desse texto, atribuída a Monteiro Lobato, na abertura de *A Barca de Gleyre*, é a seguinte: “[...] Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana” (LOBATO, 1956, p. 17). Será mesmo? Haverá apenas um mínimo de mentira humana nas cartas? O que Lobato estaria entendendo por mentira?

Em *Memórias da Emília* (1936), ao ser questionada por Dona Benta sobre o que era a verdade, a boneca responde: “Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia” (LOBATO, 1959, p. 8). Seria para Lobato, então, o mínimo de mentira nas cartas apenas um pouco da verdade da vida? Se nas correspondências a mentira reina apenas “um pouquinho” é porque nem tudo que escreve é, de fato, a verdade, ou talvez seja aquela “verdade” de que quase ninguém desconfia!

E se o leitor aqui deste texto levar em consideração a veia missivista de Lobato, somada à elaboração de sua personagem Emília, pode começar a imaginar que, em muitas de suas cartas, há mais do que a “pura” verdade. Monteiro Lobato trocou, em vida, cartas sobre os mais diversos assuntos com as mais diversas pessoas com quem se relacionou. Trocou cartas de amizade com Rangel e inúmeros outros colegas, como Anísio Teixeira¹ e Fernando Azevedo; cartas com escritores famosos (tanto quanto ele) como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Lima Barreto²; cartas comerciais, com Charles Frankie³; políticas, com Getúlio Vargas; domésticas, com as irmãs, Judith e Teca; de amor, com Purezinha⁴ e mais de 200 com crianças e jovens que, segundo Cavalheiro, no prefácio a *Cartas Escolhidas*, diria: “Mesmo as ingênuas cartas infantis mereciam-lhe carinhosa atenção” (LOBATO, 1969, p. 8). Sobre todas elas, Cavalheiro continua: “E em todas as suas respostas, das mais importantes às meramente protocolares, deixava a ‘marca’ inconfundível da sua personalidade, a graça de um estilo vivo, pitoresco, saboroso” (LOBATO, 1969, p. 8).

As missivas infantis que restaram preservadas, a quem Lobato carinhosamente sempre dedicou seu tempo com respostas, encontram-se, hoje, no arquivo Raul de Andrada e Silva, no acervo do Instituto de Es-

1 Vianna, Aurélio; Frainz, Priscila (org.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV, 1986.

2 Cavalheiro, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017.

3 Chiaradia, Kátia Nelsina Pereira. *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie (1934-1937): Edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*. Tese de doutorado. Departamento de Teoria Literária, Unicamp, 2016.

4 Lobato, Monteiro. *Cartas de amor* (Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta). São Paulo: Brasiliense, 1969. Há também o texto organizado e apresentado por Marisa Lajolo, *Quando o carteiro chegou.....: cartões postais a Purezinha*, publicado pela editora Moderna, em 2006.

tudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP). As mais de 200 cartas que lá se encontram foram entregues a uma senhora chamada Marina de Andrada Procópio de Carvalho⁵, amiga de Lobato, com quem ele também se correspondeu. Há ainda neste arquivo uma carta de Marina ao escritor, datada de 1945, e seis cartas de Monteiro Lobato a Marina, todas datadas de 1946, ano em que ele partiu de mudança para a Argentina e já teria deixado com ela a correspondência infantil⁶. As missivas do escritor para a senhora amiga são de uma beleza ímpar, ricas em graça e que teriam arrancado, muito possivelmente, respostas de Marina. Infelizmente, se existiram, não chegaram a ser entregues por ela a Raul de Andrada e Silva, que as deixou, em testamento, para serem encaminhadas, junto com as infantis, ao IEB. Sendo assim, infelizmente, hoje, é possível que nunca se saiba como essa amiga recebeu a delicadeza das cartas de Lobato.

Mas o que se sabe é que as missivas dos leitores infantis, cerca de 246 cartas catalogadas, que se estendem de 1932 a 1946⁷, estão disponíveis no IEB para serem consultadas e estudadas. Ainda hoje sem uma edição delas publicada, o pesquisador vai encontrá-las reunidas em pastas e catalogadas por data apenas. Estão todas preservadas e lê-las é embarcar em uma viagem pela imaginação das crianças leitoras da obra de Lobato e que moravam nos seus textos, realizando o desejo dele ao escrever, em 07/05/1926, a Rangel: “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” (LOBATO, 1956, p. 293).

As cartas são sempre escritas por crianças ou jovens, leitores das aventuras da turma do Sítio. Escrevem para comentar com Lobato sobre suas experiências de leitura e até mesmo tecer críticas positivas ou negativas, em alguns casos, como a de leitores que gostam mais de um ilustrador que de outro e chegam mesmo a fazer uma análise, à moda deles, do traço desses ilustradores. Eis o que menino Ângelo aponta sobre os desenhos feitos da boneca Emília por Jurandir Ubirajara Campos:

E por falar nisso, por onde anda o Belmonte? Os desenhos de J. U. Campos são os melhores. A Emília do Campos é graciosa! A Emília é muito bem desenhada! O Pedrinho é ótimo! Dona Benta idem! O J. U. Campos é um bom desenhista, mas o Belmonte não fica atrás não!

O Belmonte é uma espécie de caricaturista, como na “Aritmética da Emília” e “Emília no País da Gramática”, que são bons desenhos. Eis minha impressão dos desenhistas. Eu quando for escritor, e tradutor, meu desenhista vai ser o Campos!⁸

É possível compreender o quanto as crianças se envolviam nesse mundo das imagens dos ilustradores de Lobato e o quanto queriam apresentar a ele a opinião delas até para dizer que, por isso, gostariam de ver outros livros com tais ilustrações.

Outros missivistas pedem retratos de Lobato para colocarem nos Grêmios escolares ou Clubes de Leitura que levam seu nome ou mesmo para os terem em suas casas. A seguir, dois exemplos, respectivamente: “Queremos o seu retrato para pormos num quadro e colocá-lo em frente a nossa biblioteca. o srn foi eleito nosso patrono”⁹ e “Eu o admiro tanto que quero um retrato seu para ter em meu quarto ao lado do retrato de meu pai”¹⁰.

5 No trabalho de pós-doutorado, desenvolvido pela autora deste artigo, haverá um breve estudo sobre Marina de Andrada Procópio de Carvalho, a fim de esclarecer um pouco mais sobre a história dessa senhora que recebeu as cartas infantis enviadas a Monteiro Lobato.

6 No arquivo de Monteiro Lobato, existente na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato, de São Paulo, há uma sétima carta de Lobato a Marina, datada de 1947, na qual ele a autoriza, por três anos, a fazer a radiofonação de sua obra infantil. Ao final da carta, há uma nota informando que a original dela se encontra no setor de obras raras da Biblioteca Mário de Andrade.

7 Informações obtidas na tese *Pequenos poemas em Prosa* (2008), de Patrícia Tavares Raffaini

8 Carta de Ângelo Castro. Rio de Janeiro, 07/03/1944. IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P 03, doc 10.

9 Carta de Lincoln Geraldo de Féo. Cidade do Prata/MG, 15/05/1936. IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P 02, doc. 12. Foi mantida a grafia conforme encontra-se na carta.

10 Carta de Severino. Rio de Janeiro, 13/05/1945. IEB/ Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P 03, doc 22.

Há os que desejam, a todo custo, fazer parte de alguma aventura da turma do Sítio e arriscam o pedido que, em alguns casos, foi atendido pelo escritor, como ocorreu na edição de 1929 do livrinho *Circo de Escavatinhos*, com ilustrações de Belmonte. Anos mais tarde, em 1931, ao publicar *Reinações de Narizinho*, que reunia todas as histórias dadas ao público de forma “avulsa”, na década de 20, Lobato retiraria a presença das crianças missivistas que tinham sido inseridas anteriormente. Motivo? Talvez por não poder satisfazer a todos os missivistas que lhe escreviam com o mesmo desejo, o escritor tenha evitado que apenas alguns ficassem imortalizados no texto¹¹.

Algumas missivas são curtas com impressões gerais sobre uma ou outra obra; outras são longas e com observações muito espontâneas e até relativamente críticas sobre alguns textos. Há missivista que escreveu apenas uma carta; há outros que escreveram várias¹². É importante pensar que esse material disponível no IEB já foi tema de pesquisa de vários trabalhos acadêmicos. Alguns tomam o arquivo de forma integral, como os de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, de 2001, e Patrícia Tavares Raffaini, *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*, em 2008; outros, parcialmente, como os de Émerson Tin, *Em busca do Lobato das cartas: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*, 2007, e Raquel Afonso da Silva, *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*, 2009. Há ainda, anteriores a essas pesquisas, a própria biografia de Edgard Cavaleiro, *Monteiro Lobato, vida e obra*, de 1955, e a biografia elaborada por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, de 1997, *Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia*. Esses dois últimos foram publicados em forma de livros e apresentam, cada um, capítulo destinado a estudar algumas dessas cartas.

Todos esses trabalhos de pesquisa se fundam numa tentativa de entendimento sobre como as missivas de crianças e jovens enviadas a Lobato poderiam contribuir para melhor compreender o universo de produção das histórias infantis do autor a partir da opinião de seu público leitor, e/ou como isso poderia ter contribuído para uma proposta de projeto de leitura que, como alguns estudos apontam, havia nos textos infantis lobatianos, ou ainda que máscara de si e imagem do outro esses missivistas costumavam construir, objeto de estudo deste texto que aqui se apresenta.

A tudo isso também se soma o trabalho de estudo da materialidade dessas missivas que, em muito, enriquece a possibilidade de compreender o universo de práticas de escrita e de leitura das crianças e jovens entre os anos 20 e 40 do século passado, processo bastante diferente do público leitor atual que tem mostrado maior necessidade de mediação por parte de pais ou de professores, tendo em vista a distância histórica da produção dos textos e também a linguagem utilizada por Lobato, com suas gírias e brincadeiras que, em grande parte, precisam de contextualização para serem bem compreendidas e internalizadas. Sobre a importância dessas cartas como fonte de pesquisa, cita-se trecho de trabalho de Raffaini (2015):

[...] as cartas de leitores são uma importante fonte documental possibilitando no campo da história da leitura elucidar como a leitura era feita, qual era a recepção de determinados autores e suas obras, além de aspectos sobre a distribuição e o comércio de livros. Além dessas informações, mais diretamente ligadas à recepção literária, ao trabalhar com as cartas temos também condições de perceber aspectos ligados ao cotidiano dos leitores, suas visões de mundo entre outros (RAFFAINI, 2015, p. 131).

11 Trechos desse parágrafo e dos dois seguintes foram publicados no capítulo “Máscaras e disfarces: cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta, de minha autoria, no livro *Monteiro Lobato: Novos Estudos*, organizado por Vanete Santana-Desmann, John Milton e D’Onofrio, Silvio Tamasso, pela editora Oxalá, em 2022, por ocasião da III Jornada Monteiro Lobato. Sofreram, para este trabalho, algumas alterações.

12 As cartas estão agrupadas também de acordo com a autoria do missivista. Dessa forma, é possível encontrar, em alguns casos, as várias cartas de um mesmo missivista em datas subsequentes. Um exemplo são as cartas de um jovem chamado Modesto Marques, que envia 6 cartas a Lobato, sendo uma delas à Emília, outra a Dona Benta e quatro destinadas diretamente ao escritor. As cartas desse missivista também se constituem objeto de estudo de nosso trabalho de pós-doutorado.

A partir dessa preocupação com as cartas infantis e escolhendo-se uma missiva enviada à personagem Emília, o item a seguir convida o leitor a participar de um certo “baile de máscaras”, quase uma diversão ou tentativa prazerosa de convencer o interlocutor a conhecer as máscaras do missivista e a imagem por ele criada do interlocutor no processo de convencimento elaborado no texto epistolar.

3 MÁSCARAS E IMAGENS: UM BAILE DE MASCARADOS NAS MISSIVAS INFANTIS A MONTEIRO LOBATO

O pesquisador que chega ao IEB em busca das cartas de crianças e jovens a Monteiro Lobato talvez não tenha real ideia do que encontrará no Arquivo Raul de Andrada e Silva. São cerca de três grandes caixas com várias pastas que contêm a correspondência passiva de Lobato escrita pelas crianças (246 cartas). Além disso, há também pastas com cartas de adultos a Monteiro Lobato, envelopes de algumas cartas, inclusive desenhados pelas crianças; uma pasta de trabalhos de crianças sobre as obras infantis com desenhos sobre o contexto delas e das personagens; algumas cartas manuscritas de Lobato a Rangel e a outros missivistas; documentação pessoal do autor, como um passaporte; uma série de matérias extraídas de periódicos e alguns retratos de missivistas que, hoje, encontram-se separados das cartas.

Depois de se dedicar a consultar e ler todas as missivas infantis, o pesquisador começa a ter alguma ideia do universo em que Lobato vivia ao receber essas cartas e passa a imaginar como seria a espera dos missivistas crianças e jovens pelas respostas do escritor. Receber uma carta-resposta significava que sua cartinha tinha passado pelas mãos do Lobato que, com atenção, se detivera no texto da criança e dedicara parte de seu dia de trabalho a responder a alguém que, em princípio, pouca importância poderia ele imaginar ter para Lobato. A carta-resposta justamente poderia funcionar como a chancela de que Lobato se importava com seu jovem leitor, o que também poderia lhe garantir mais leitores para seus próximos textos. Seria mesmo um interesse e respeito pelo jovem público leitor dele? Seria uma “sacada” editorial para aquela época (e hoje ainda?)? Seria uma estratégia daquilo que apenas anos à frente se chamaria de *marketing*? Talvez tudo isso junto possa ser a resposta a essas perguntas, afinal, depois de declarar, em algumas entrevistas, o quanto esse público era importante para ele, em entrevista publicada na *A Gazeta de São Paulo*, de 22/04/1943, intitulada “Monteiro Lobato fala de seus livros infantis”¹³, afirmaria que, além das cartas de pura admiração, havia outras, as mais interessantes, talvez.

Em geral são meninas que estão abrindo os olhos para o mundo de lá de fora. Ou garotos que soletram as primeiras aventuras do Pedrinho. Uma quer que a Emília compareça à sua festinha de aniversário. Outra suplica ao escritor que o leve ao sítio, deseja conhecer dona Benta, brincar com o Rabicó, falar com o Burro Falante, ouvir uma “asneirinha” da Emília, comer, sobretudo comer os bolinhos de Tia Anastácia [sic]. Outra ainda manda pamonha e pipoca para distribuir entre o “pessoalzinho” como lembrança. As cartas amontoam-se. Lobato confessa que responde a todas, uma por uma. Jamais deixou uma criança sem resposta.

–Escrever para crianças! Exclama ele. Ah, meu amigo, é admirável... Elas não têm malícia. Aceitam tudo, tudo compreendem.

Ao ler essas cartas, o pesquisador já se depara com certo encantamento. Além de ser um mundo de muita imaginação, há o encontro com algumas que se destinam não exatamente a Lobato, mas a duas de suas personagens: Emília e Dona Benta. São sete cartas no conjunto das 246, duas a Emília e cinco a Dona Benta, sendo, dessas cinco, uma destinada a Lobato, mas que pede a ele que a encaminhe a Dona Benta. É como se o pesquisador adentrasse num mundo de máscaras e mascarados, tendo em vista que, como se não bastassem as missivas a Lobato, é necessário mais uma camada de imaginação e dissimulação! Como lembra Haroche-Bouzinac:

13 Pasta de recortes diversos IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva.

Com o epistológrafo, penetra na mensagem uma parcela de imaginário proveniente da representação que ele se forja da relação mantida com o destinatário, da imagem que oferece de si mesmo. Além disso, como em toda comunicação, age em segredo o que Freud chama de “guardiã da antecâmara”, censura pessoal que atua à revelia dos epistológrafos. A carta dissimula tanto quanto revela (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 25).

Para a pesquisadora francesa, “A carta [...] é sempre, e em diversos graus, uma encenação de si. A sinceridade do epistológrafo não passa de um mito no qual alguns têm acreditado” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p, 24). Essa afirmação talvez possa ir ao encontro da “quase verdade” a que se fez referência no início desse texto a partir de comentário de Lobato em *A Barca de Gleyre*. E assim, ao responder a seus missivistas infantis e até mesmo por atender a quase todos os seus desejos – desde fotografias, envio de livros e, até mesmo à inserção de alguns em seus textos literários– é que Lobato parece selar laços de familiaridade com esse leitor que se permite experimentar algumas proximidades maiores, vestindo máscaras até certo ponto “arriscadas”, já que, ao fazer isso, precisa também criar e investir na imagem de seu interlocutor: Lobato/personagem da obra (Emília ou dona Benta).

Com isso, de documento carregado de informações, a carta pode caminhar para próxima de algum gênero literário, transformando-se numa quase-ficção, ao exercer a função poética da linguagem, com seu emissor vestindo uma máscara e construindo uma imagem quase estética de seu interlocutor, uma personagem. De acordo com Sophia Angelides, em *Carta e Literatura*:

Embora numa carta a descrição de uma paisagem, o relato de um acontecimento, de uma vivência, a expressão de um sentimento tenham o cunho da veracidade, da não-ficção, porque seu sujeito-de-enunciação é histórico, o material linguístico é submetido ao crivo altamente seletivo do escritor [emissor infantil, no caso], que recria a sua experiência pessoal. A este propósito, Jakobson lembra, oportunamente, que o ator, ao retirar a máscara, mostra sua maquiagem (ANGELIDES, 2001, p. 23).

E, com isso:

O próprio caráter espontâneo e fragmentário, a alternância da linguagem poética e não-poética, os clichês, tudo isto é inerente ao gênero epistolar. A passagem da simples comunicação não literária para a linguagem literária, e vice-versa, confere à carta um aspecto particular, misto de documento informativo e texto literário (ANGELIDES, 2001, pp. 23-24).

Na “Carta ao leitor”, abertura da obra *Me escreva tão logo possa*, antologia da carta no Brasil, organizado por Marcos Antonio de Moraes, o estudioso traz a seguinte discussão sobre “máscaras” no gênero:

Também em nossas cartas elegemos particularidades de nossa psicologia e acabamos definindo espécies de “máscaras”. Quando nos dirigimos àquela pessoa amada nos tornamos melosos, chamamos a pessoa de benzinho, paixão etc. Se escrevemos a um colega, deixamos de lado toda essa “pieguice”. A nossos professores, redigimos um bilhetinho bem-arrumado, com todas as crases e pronomes no lugar certo. E, assim, a cada um deles somos diferentes, mostrando faces diversas da nossa personalidade, sempre adaptando a linguagem às nossas intenções. Até a maneira de contar um fato se modifica em face dos nossos destinatários, conforme as nossas conveniências (MORAES, 2005, p. 12).

A partir dessas questões, parece importante buscar uma possível definição para “máscara”. Ao consultar o Dicionário de Símbolos, de Chevalier e Gheerbrant (2020), é possível, dentre vários recortes teóricos, escolher o seguinte:

O ator que se cobre com uma máscara se identifica, na aparência, ou por uma apropriação mágica, com o personagem representado. É um símbolo de identificação. O símbolo da máscara se presta a cenas dramáticas em contos, peças, filmes, em que a pessoa se identifica a tal ponto com o seu personagem, com a sua máscara

ra, que não consegue mais se desfazer dela, que não é mais capaz de retirá-la; ela se transforma na imagem representada [...]. Pode-se imaginar todos os efeitos que é possível tirar dessa força de assimilação da máscara (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 669).

É nesse processo de se “mascarar” a todo momento, procurando convencer o interlocutor de que ele, emissor, também pertence ao mundo dele, de que sua interlocução está à altura, no caso das personagens, que se faz o convite ao leitor de adentrar no universo de uma dessas sete cartinhas, a da missivista que assina Pituchinha e cuja carta ela envia a Emília.

No arquivo Raul de Andrada e Silva há duas cartinhas dessa missivista. A primeira, datada de 29/11/1945, e vinda de Belo Horizonte, traz como interlocutor o próprio Lobato. A segunda, sem data, mas que parece, por conta de certa dependência de conteúdo da primeira, ser mesmo posterior a ela. O papel usado foi o pautado e dobrado ao meio, as duas missivas foram escritas à mão, com tinta preta. Abaixo, segue a carta datada:

Belo Horizonte, 29/11/45

Meu amigo,

Vamos tratar hoje de um assunto muito sério: no Congresso, no último dia, discutindo com um colega eu lhe disse que os mineiros não aceitavam as “ideais” de Monteiro Lobato, que como me disse Vicente Guimarães, é um “ateu”.

Isso porque no seu “O Picapau Amarelo”, nas primeiras páginas, falou o senhor não me lembro mais, num negócio de que se as fadas têm o poder, são iguais a Deus.

Não tenho certeza se foi isso mesmo que disse Vicente Guimarães, mas vá lá, leia assim mesmo e confira.

Eu li a sua carta, mas não concordo com que disse o senhor: se não existe um “osso” de Adão, existem os livros católicos, ou a Bíblia que podem provar que o homem descende de Adão.

Eu gosto de franqueza e peço ao senhor que não fale assim dos padres e que nem a Emília, o Quindim podem ser tão descentes quanto os padres, quando vir a Belo Horizonte, procure-me que talvez consiga “convertê-lo”...

Aqui, por carta, é-me impossível discutir, mas com a sua presença acho que facilitará. Não se zangue com a minha sinceridade, que sei não o perturbará (sic).

Venha logo pois estou a esperá-lo. Lembranças aos decentíssimos personagens do sítio. Saudades a todos os da biblioteca e à Dona Lenyra. Uma beijoca e um monte de saudade.

Pituchinha que o espera saudosa.

Ela se inicia com um vocativo bastante próximo: “Meu amigo” e a despedida também se apresenta como a de alguém que desfruta de certa intimidade: “Venha logo pois estou a esperá-lo. Lembranças aos decentíssimos personagens do sítio. Saudades a todos os da biblioteca e à Dona Lenyra. Uma beijoca e um monte de saudade. Pituchinha que o espera saudosa”¹⁴.

A impressão inicial que se tem lendo a carta datada é a de que existiram outras anteriores, que foram trazendo a intimidade para que a missivista chame Lobato de “meu amigo”. Além disso, em “vamos tratar hoje de um assunto...”, o advérbio de tempo sugere que, em outro momento, em outra carta, a missivista já tratou de diversos outros temas com o escritor. Sendo assim, a frequência pode ter trazido a proximidade. Ela também informa que, “no Congresso”, conversou com um colega que não admirava Lobato que, como lhe

14 Carta de Pituchinha (Rosa Alice Godoy). Belo Horizonte, 29/11/45, IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P03, doc. 39.

informa Vicente Guimarães¹⁵, era um ateu. O que há aqui é uma série de informações sugeridas, embora não confirmadas: a missivista tem livre acesso a um espaço público por onde circulam pessoas públicas e com quem ela se relaciona; além disso, ela conhece Vicente Guimarães, que foi jornalista e escritor de literatura infantil, o criador da personagem vovô Felício, que ele também usou como pseudônimo em alguns de seus textos. Além disso, quem seria essa “criança” que tem acesso a esse espaço público e amigos como Vicente Guimarães? Não há referência alguma à idade da missivista na carta e o documento se encontra junto à outra carta destinada à Emília.

Nos três parágrafos seguintes, a missivista adentra numa breve discussão sobre religião e fé que termina com ela dizendo que a Bíblia poderia comprovar que o homem descende de Adão e ela concorda com isso, mas discorda de Lobato, que é ateu, e ainda dá uma “dura” no escritor, dizendo não gostar de as personagens de sua obra desdizerem das coisas de Deus. Informa ainda que, quando ele for a Belo Horizonte, espera ter a chance de fazê-lo mudar de ideia, talvez até convertê-lo!, mas isso numa conversa pessoal, não por carta. Pede a ele que não se zangue, embora saiba que isso provavelmente não acontecerá. Seria mais um índice de proximidade dela com o escritor?

Ao finalizar a carta, insiste que ele vá logo a Belo Horizonte e manda lembranças a todas as personagens do Sítio que considera muito decentes. Curiosamente, informa das “Saudades a todos os da biblioteca e à Dona Lenyra”, o que também sugere que a jovem já esteve em São Paulo e conhecia não apenas a biblioteca infantil e juvenil como também Dona Lenyra Fraccaroli, que era muito próxima de Lobato.

Finaliza enviando uma “beijoca” e informando que sente um “monte de saudade”, fechamento esse de uma epístola, cuja proximidade com o destinatário parece ser grande. Reclama atenção ainda o “tom” da missiva. Embora a carta esteja catalogada como pertencente a cartas infantis¹⁶, não seria uma carta de uma jovem ou ainda talvez de uma senhorita que teria sido leitora na infância das obras infantis de Lobato ou mesmo, além de leitora, parente de conhecidos do escritor? Algumas pesquisas no arquivo do IEB, como a tese de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido* (2001), já demonstraram? Esse “tom” a que se fez referência muda um pouco na carta abaixo, destinada a Emília.

Minha cara Emília,

Bons ares!

Por intermédio do seu criador, o célebre Monteiro Lobato, recebi uma pitada do pó do Pirlimpimpim, e cheguei como “bomba atômica”.

Emília, você me poderia prestar um favor?

Quando em São Paulo, esqueci de “Pedir” um pedaço da sua costeleta e peço-lhe mandar sem falta, para ficar no museu como preciosidade.

Já estou preparando a sua chegada aqui em Belo Horizonte.

O pasto do Quindim tem sete alqueires e uma porteira como a do Picapau Amarelo, para lembrar-se do sítio.

Narizinho, você e Pedrinho dormirão comigo.

15 Vicente de Guimarães foi tio de Guimarães Rosa e escritor de literatura infantil e juvenil. Era mineiro de Cordisburgo, como Rosa.

16 Existe uma catalogação que foi feita pelo IEB e que consta toda ela no Anexo 1 da tese de doutorado de Raquel Afonso da Silva, intitulado: *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*, 2009, pp. 173-186. Nela, as duas missivas aparecem como pertencentes a cartas a Monteiro Lobato, sem real especificidade sobre se aqueles missivistas foram todos crianças.

Quanto a Tia Nastácia e Dona Benta, que se arrumem...

O livro da História do Mundo ainda será lido, e hei de “discordar de algumas partes, com minha inteligência tão penetrante”...

Não precisarei da pílula falante pois já falo pelos cotovelos.

Peça ao Dr. Cara de Coruja uma pílula para o meu cachorrinho.

Espero pelas costeletas de porco e a resposta.

A menina prodígio

Pituchinha

Exma snha [srta???] Rosa Alice Godoy

Rua São Paulo, 2189

Belo Horizonte

capital

“As ordens”

Bairro de Lourdes¹⁷

A carta chama a atenção logo no início por se tratar de texto enviado a Emília. O vocativo, “Minha cara Emília”, não deixa dúvidas e ainda vem acompanhado de uma saudação: “Bons ares”. Em se tratando de uma criança, o que a levaria a criar essa máscara sob a qual ela se disfarçaria inicialmente? A paixão pela personagem? O desejo por conhecê-la e dela tornar-se amiga? Poderia funcionar para solicitar algo a Monteiro Lobato? Possivelmente as hipóteses parecem possíveis. Mas sabendo que a missivista pode ser uma jovem já adulta, tendo em vista a discussão sobre a carta anterior, por que motivos manter a máscara e, por isso, a “mentira”, a encenação? Por que fazer uso de um discurso até relativamente infantilizado para com Emília/Lobato, se se tratar mesmo de uma jovem-moça? Afinal, no início e ao cabo, tratar-se-ia de uma pessoa “adulta”. Ou seria um recurso para mostrar a Lobato que a infância ainda mora na jovem?

No primeiro parágrafo, a missivista informa que ela teria recebido de Lobato, criador de Emília, uma pitada do pó do Pirlimpimpim e chegaria como “bomba atômica”. A ideia poderia ser a de quem anuncia à boneca que ela é tão avassaladora em seu texto quanto Emília nas obras? Queria ela concorrer nisso com a boneca equiparando-se a ela? Bem possível que alguns leitores se identificassem com a irreverência de Emília e, assim, quisessem impressionar, de fato, o real interlocutor, Lobato. Pituchinha pede a Emília se ela poderia pegar um pedaço da costeleta dela, com a relíquia, para que também ficasse no museu da menina/jovem (?) ou em algum museu que se criava na cidade de Belo Horizonte.

Essa informação, somada à da carta anterior, quando Pituchinha envia lembranças a Dona Lenyra, comprovam que a missivista conhecia inclusive a história da costela de Lobato que ele teria doado à biblioteca infantil e juvenil Monteiro Lobato de São Paulo e que lá se encontra até hoje. Ela também lembra Emília/Lobato de que já estava se preparando para a vinda deles, que também é cobrada, com insistência, na carta anterior.

17 Carta de Pituchinha (Rosa Alice Godoy). Belo Horizonte, 29/11/45, IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P03, doc. 40.

Na sequência, o texto apresenta uma série de parágrafos com ideias lacônicas em cada um: o pasto para Quindim já preparado e esperando por ele; Pedrinho, Narizinho e Emília dormirão com ela, a interlocutora. Já com tia Nastácia e Dona Benta ela está pouco preocupada: “que se arrumem”! Esperava alojar Lobato na sua casa? Também recorda à Emília (ou Lobato?) que *História do Mundo para as crianças* será lido ainda para que ela possa discordar de algumas partes. Mais uma vez o assunto parece estabelecer relação com o descontentamento em relação à posição religiosa de Lobato. Embora Pituchinha afirme que ainda não lera o livro, devia conhecer a polêmica sobre ele.

Por fim, informa que não é necessário trazer uma pílula falante para ela, pois já “fala pelos cotovelos”, mas que peça uma ao Dr. Caramujo para o cachorrinho dela. O último parágrafo “Espero pelas costeletas de porco e a resposta” sugere que as tais costeletas tinham sido prometidas e a resposta de confirmação da ida a Belo Horizonte também. Na despedida, aparece: “A menina prodígio. Pituchinha”.

A carta apresenta quatro páginas de escrita. A última traz o nome de Pituchinha, Rosa Alice Godoy, quase como uma finalização do processo de dramatização da missivista, deixando a “máscara” finalmente cair! Vale lembrar que Pituchinha é um apelido de criança que, não se sabe, teria Rosa Alice criado para ela ou seria mesmo apelido dela que ela utiliza para dar mais fidedignidade à “máscara” que ela veste. Finalmente, Pituchinha anuncia o endereço dela, Rosa Alice, seguido de “As ordens”, sublinhado. Estaria, de fato, Rosa Alice Godoy informando a Lobato disponibilidade de sua residência para receber o escritor e sua família em Belo Horizonte?

São várias possíveis elucubrações que se tecem a partir do que Pituchinha escreve na carta para Emília. Não se tem dados sobre essa missivista em trabalhos acadêmicos aqui já citados e em outros consultados, mas, na tese de Patrícia Raffaini, a pesquisadora lembra que, ao fazer pesquisa em algumas cadernetas de anotações de Monteiro Lobato, hoje depositadas na seção de documentação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato de São Paulo, ela teria encontrado:

[...] na caderneta de número 7, relativa ao ano de 44, [...] o maior número de anotações sobre os leitores. Nessa caderneta temos a anotação de endereço de: Ary Soares, Celso Bentim, Cordelia F. Seta, Myralda Coragem, Carlos Alceu Junqueira, Rosa Alice Godoy, Geo B. David, Hilda Vilela e do pai de Lindenberg, José de Faria Ribeiro. Todos eles leitores que trocaram correspondência com Lobato. Sendo que muitos destes leitores tiveram contato pessoal com o autor (RAFFAINI, 2008, p. 90).

A anotação do nome de Rosa Alice Godoy, numa caderneta de 1944, e a carta datada dela a Lobato, de 1945, sugerem que deve ter havido cartas anteriores trocadas entre eles. A carta a Emília, como faz referência a algumas informações existentes na carta anterior, datada de 1945, muito provavelmente deve ter sido escrita em data posterior a esta. Infelizmente as informações da caderneta não esclarecem mais nada sobre a história de Godoy como missivista. Pelos dados presentes na primeira carta a Lobato, inclusive pelos assuntos nela apresentados, parece mesmo não se tratar de uma criança. Já na missiva destinada a Emília, embora a linguagem pareça menos séria (podendo-se até arriscar até mesmo a nomenclatura um pouco mais “infantilizada”, se se tiver em vista uma moça como missivista), é bem provável que a “máscara” nela construída fosse uma necessidade para se sentir ainda próxima de Lobato, com quem possivelmente ela tenha se correspondido quando mais jovem.

Enfim, a missiva de Pituchinha/ Rosa Alice Godoy a Emília não se trata de uma carta como a maioria enviada a Lobato pelas crianças e jovens, mas justamente por sua diferença em relação ao conjunto é que vale a pena ser estudada. Além disso, pode revelar o quanto era importante para alguns missivistas adentrarem na fantasia criada pelo mundo das obras infantis e usarem esse recurso como uma espécie de força argumentativa com o próprio escritor que, a partir de algumas cartas-respostas dele para alguns missivistas, construíam, nas próprias missivas, uma extensão do universo de imaginação existente no Sítio do Picapau Amarelo.

A título de exemplificação disso e de finalização deste texto, abaixo segue trecho de texto intitulado “O amigo das crianças”, publicado por Maria Eugênia Celso, no *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro. O recorte de jornal encontra-se arquivado na Pasta 33A da documentação também pertencente à seção de documentação da Biblioteca Monteiro Lobato, entretanto, sem a data de publicação. Sabe-se apenas que foi posterior à morte do autor, porque há essa informação no texto do jornal. Segue o trecho em que Maria Eugênia Celso informa sobre uma conversa de Lobato com sua filha, na época, com idade entre sete e oito anos, e que motivou a garota a escrever uma cartinha ao escritor dias depois. Na sequência, Lobato responde à menina. Eis trecho do texto de Celso:

Tão deliciosa foi esta cartinha, pois nela está todo Monteiro Lobato, e do melhor Monteiro Lobato, que não resisto ao comovido impulso de lhe transcrever uns trechos característicos: “Maria Victoria, recebi sua cartinha azul [...]. Quando contei para Emília que a mamãe da Vitorinha era dona Maria Eugênia, a burrinha fez cara de que não conhecia essa senhora, mas Dona Benta gritou de lá: –Pois é a autora daqueles lindos versos, cheios de “vocês”, que Narizinho recitou outro dia, – e então a Emília lembrou e deu uma risadinha. Peça licença a sua mãe para vir passar uma semana aqui no sítio de Dona Benta, que é o único lugar bonito mesmo que há no mundo. Temos aqui sabe quem? Aquele anjinho que na Viagem ao céu, a Emília encontrou com a asinha quebrada, lá na Via Láctea”.

Tão arrebatada ficou a garota com a perspectiva de uma semana no Sítio de Dona Benta e o encontro com o Anjinho, que foi um custo convencê-la que não podia ir, pois o sítio não existia. Chegou a chorar de obstinado desespero.

Fica, com isso, bastante marcada a importância que Lobato dava a seu jovem público leitor e o quanto a dedicatória que ele fez à jovem Marjori¹⁸, representativa de todos os seus jovens missivistas e comentada no início desse texto, na obra *A Barca de Gleyre*, representa o respeito a esse público e a atenção dada a ele nas missivas. Isto também pode ter dado a liberdade, a alguns desses jovens, de vestirem as mesmas máscaras para tentarem seduzir o escritor nos mesmos (ou quase) moldes dele: com a imaginação! Haja máscaras e mascarados no mundo do Sítio do Picapau Amarelo.

REFERÊNCIAS

- Cavalheiro, E. (2017). *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora.
- Chealier, J.; GHEERBRANT, A. (2020). *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Edição Revista. 34 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Chiaradia, K. N. P. (2016). *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie (1934-1937): Edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*. Tese de doutorado. Departamento de Teoria Literária, Unicamp.
- Debus, E. (2004). *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí: Unival; Florianópolis: Editora da UFSC.
- Lajolo, M. (2006). *Quando o carteiro chegou.....: cartões postais a Purezinha*. São Paulo: Moderna.

18 Marjori Sundart foi uma jovem missivista de 12 anos que, ao saber que Lobato publicaria um livro de cartas, *A Barca de Gleyre*, arrisca-lhe pedir que ela seja incluída nesse livro comunicando a Lobato que sabia do projeto dele de publicar a correspondência com o amigo Rangel. Segundo Marjori, depois de receber algum tipo de esclarecimento sobre esse projeto de Lobato via, provavelmente, um amigo de ambos, que ela chama na sua cartinha de “Seu Moacyr”, informa a Lobato que “essas cartas vão nos ensinar, a todos nós, pirralhos, a escrever quando crescermos e aparecermos” (Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 02, P01, doc. 29). E Lobato atende ao pedido da jovem como, talvez, uma homenagem a todos seus jovens leitores que lhe escreveram e com ele dialogaram sobre sua obra infantil (essas informações pertencem, com alguma modificação na reprodução aqui, ao texto de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, 2004, pp. 169-170).

- Lobato, M. (1969). *Cartas de amor* (Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta). São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, M. (1956). *A Barca de Gleyre*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2 vols.
- Lobato, M. (1959). *Memórias da Emília*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, M. (1969). *Cartas Escolhidas*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, vol. 1.
- Raffaini P. T. (2008). *Pequenos Poemas em Prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*. 191f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, SP.
- Raffaini, P. T. (2015). Cartas das crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940 In *Revista Angelus Novus-USP* - Ano VI, n. 10, pp. 129-158.
- Santana-Dezmann, V.; Milton, J; D’Onofrio, S. T. (Orgs.) (2022). *Monteiro Lobato: Novos Estudos- III Jornada Monteiro Lobato*. Lúnen-Alemanha: Oxalá.
- Silva, R. A. da (2009). *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária/IEL/UNICAMP, Campinas.
- Tin, É. (2014). *A Barca de Gleyre: uma raríssima “curiosidade”* in LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (org.). São Paulo: UNESP.
- Vianna, A.; Frainz, P. (org.) (1986). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV.

A FAMÍLIA MONTEIRO LOBATO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: os filhos Edgar e Guilherme

Denise Bertolucci¹ 

RESUMO

Este artigo traz dados sobre Edgar e Guilherme, filhos do escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), quando se encontravam nos Estados Unidos da América, para onde se transferiram em 1927 com os demais membros da família. O escritor havia sido nomeado adido comercial nesse país pelo presidente Washington Luís (1869-1957) e lá os Lobato permaneceriam até 1931. O propósito é apresentar elementos que possibilitam pensar na existência de um plano traçado pelo autor, vislumbrado a partir das aptidões dos filhos e da formação escolar escolhida para eles em solo americano. A doença de Edgar, o filho mais velho, entretanto, modifica o projeto. O material ora apresentado é parte de profunda pesquisa sobre o período referido acima, vinculada ao Observatório Lobato, grupo de pesquisa, trabalho e estudo criado pelos pesquisadores Vanete Santana-Dezmann, John Milton, Silvio Tamasso D'Onofrio e Taís Diniz Martins. Envolve consulta virtual a acervos de jornais do país e do exterior, a registros de diferentes setores e apresentação de cartas, depoimentos e fotos. O método é o documental, pois a investigação recorre prioritariamente a fontes primárias, de modo a compor a biografia do escritor taubateano nos anos considerados, colaborando com pesquisas vindouras.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Família Monteiro Lobato, Estados Unidos da América, Allentown, Biografia.

THE MONTEIRO LOBATO FAMILY IN THE UNITED STATES OF AMERICA: the children Edgar and Guilherme

ABSTRACT

This article brings data about Edgard and Guilherme, sons of the Brazilian writer José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), when they were in the United States of America, where they moved in 1927 with the other family members. The writer had been appointed commercial attaché in that country by President Washington Luís (1869-1957) and the Lobato would remain there until 1931. The purpose is to present elements that make it possible to think about the existence of a plan drawn by the author up, glimpsed from the aptitudes of the children and the schooling chosen for them on American soil. The illness of Edgard, the eldest son, however, changes the project. The material presented here is part of in-depth research on the aforementioned period, linked to the Lobato Observatory, a research, work and study group created by researchers Vanete Santana-Dezmann, John Milton, Silvio Tamasso D'Onofrio and Taís Diniz Martins. It involves virtual consultation of newspaper collections in the country and abroad, records from different sectors and presentation of letters, testimonials and photos. The method is documentary, as the investigation uses primarily primary sources, in order to compose the biography of the Taubatean writer in the years considered, collaborating with future research.

Keywords: Brazilian Literature, Monteiro Lobato Family, United States of America, Allentown, Biography.

¹ Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Autor Correspondente: Denise Bertolucci
E-mail: denise.bertolucci@uol.com.br

Recebido em 20 de Janeiro de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.



INTRODUÇÃO

A família Monteiro Lobato embarca no Rio de Janeiro, rumo aos Estados Unidos da América, em maio de 1927. O escritor havia sido nomeado adido comercial nesse país pelo presidente Washington Luís (1869-1957).

Em março de 1931, a família retorna ao Brasil, depois de Lobato sofrer um grande prejuízo com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929) e perder a posição de adido, quando Washington Luís é deposto e Getúlio Vargas assume o poder (1930). Apesar de curto – três anos e nove meses – o período em que os Lobato vivem nos Estados Unidos é intenso, com acontecimentos marcantes relacionados não apenas ao trabalho e aos empreendimentos do chefe da família, mas também aos estudos dos irmãos Edgar e Guilherme, ao casamento da filha mais velha do escritor, Martha, e ao nascimento da neta, Joyce.

Todos esses eventos estão inscritos em cartas, grafadas e recebidas por Lobato, em jornais daquele país, em registros de diferentes setores e em fotos. Tais documentos estão sendo cuidadosamente buscados, organizados e comentados numa pesquisa profunda em andamento, vinculada ao Observatório Lobato, grupo de pesquisa, trabalho e estudo criado pelos pesquisadores Vanete Santana-Dezmann, John Milton, Silvio Tamasso D’Onofrio e Taís Diniz Martins. O empenho é no sentido de se apresentar a verdade dos fatos e preencher lacunas de informação. A fixação dos fatos biográficos da família Monteiro Lobato é necessária, porque esses dados são basilares em qualquer ramo de pesquisa que se empreenda sobre o escritor. (Bertolucci, 2022, p. 43).

Este artigo traz dados sobre Edgar e Guilherme e tenciona mostrar a possibilidade de existir um plano traçado por Lobato, que pode ser vislumbrado a partir das aptidões dos filhos e da formação escolar escolhida para eles em solo americano. A doença de Edgar, o filho mais velho, porém, modifica o projeto. O método de pesquisa adotado é o documental, uma vez que a investigação recorre prioritariamente a fontes primárias para a coleta de dados: artigos de jornais, registros de diferentes órgãos, livros do ano, cartas, depoimentos e fotos. Espera-se, assim, colaborar com pesquisas venturas.

EXPERIÊNCIAS DOS FILHOS SEGUINDO O PROVÁVEL PLANO TRAÇADO POR LOBATO

1 INFORMAÇÕES OFERECIDAS PELA FAMÍLIA NO EMBARQUE NO AMERICAN LEGION

Lobato e familiares iniciam sua viagem aos Estados Unidos no navio *S.S. American Legion* (Steamship American Legion) no dia 25 de maio de 1927. O embarque acontece no Rio de Janeiro e todos os dados traduzidos subsequentes constam da lista de passageiros estrangeiros do navio a vapor de procedência norte-americana obtida na pesquisa (Ancestry.com. New York, U.S., Arriving Passenger and Crew Lists - including Castle Garden and Ellis Island -, 1820-1957). As informações foram fornecidas pelos viajantes no dia 17 de maio de 1927.

José B. Monteiro Lobato conta 45 anos no momento do embarque, Pureza Monteiro Lobato, 36, Edgar Monteiro Lobato, 17, Guillermo [sic] Monteiro Lobato, 15, Martha Monteiro Lobato, 18, Ruth Monteiro Lobato, 10, e Eugenia Cuba, a governanta dos Lobato, 44. A propósito de Eugenia, sua cidade de origem declarada é o Rio de Janeiro, sua ocupação, *servant* (empregada), sua raça, *African*, seu país de origem, *Brazil*. Logo abaixo do país, aparece uma abreviatura, *STO.*, que significa “Service To Others” (Serviço a Terceiros). No caso dos demais membros da família, a raça informada é *Portuguese*.

A ocupação manifesta de Lobato na lista é *Lawyer* (advogado) e ele também é o único da família que afirma ser capaz de ler em inglês. Em relação à Pureza, a ocupação indicada é *Housewife* (dona de casa) e, em se tratando dos filhos, registra-se *None* (nenhuma). A cidade de nascimento informada da maior parte dos integrantes é Taubaté: além do casal, também é a do filho Guilherme. Edgar e Martha são declarados da cidade de São Paulo, e Ruth, de Caçapava.

Os Lobato viajam na primeira classe (*First Cabin*). O endereço fornecido no Brasil é Rua [Prof.] Gabizo, 97, Rio de Janeiro, e a cidade de destino informada curiosamente não é Nova Iorque, mas *Washington, D.C.* O pagamento das passagens de Lobato e Pureza é assinalado como de responsabilidade do governo brasileiro (*Govt.*); no caso das passagens dos filhos e de Eugenia, a responsabilidade é do escritor (*Father/ Employer*). Ao questionamento sobre a possibilidade de alguma vez antes terem estado nos Estados Unidos a resposta é *não*. O endereço declarado nos Estados Unidos é *Brazilian Embassy, Wash.* Ao questionamento “Se o estrangeiro pretende retornar ao país de onde veio depois de se envolver temporariamente em atividades trabalhistas nos Estados Unidos” a resposta fornecida é *não*, porém é igualmente negativa a resposta à indagação sobre a intenção de se tornarem cidadãos americanos. Quanto ao período pretendido de permanência no país, declaram-se quatro anos.

Na sequência, são apresentadas as perguntas de caráter sociológico feitas de 1924 a 1948 aos passageiros estrangeiros dos navios com destino aos Estados Unidos da América, a cujas indagações as respostas todas da família Lobato são negativas:

- Já estive na prisão ou em uma casa de esmolas, ou em uma instituição para cuidar e tratar de loucos, ou apoiada por caridade? Se sim, qual?;
- Se um polígamo;
- Se um anarquista;
- Se uma pessoa que acredita ou defende a derrubada pela força ou violência do Governo dos Estados Unidos ou todas as formas de lei etc.;
- Se está indo em razão de qualquer oferta, solicitação, promessa ou acordo, expresso ou implícito, para trabalhar nos Estados Unidos;
- Se o estrangeiro havia sido deportado anteriormente dentro de um ano.

É importante mencionar ainda as perguntas sobre as características físicas dos viajantes. Afora os questionamentos sobre as condições de saúde física e mental, altura, cor dos cabelos e olhos, constam perturbadoras indagações sobre se “deformado ou aleijado”, “natureza, duração e causa” disso e “marcas de identificação”. Há um código para o apontamento da “tez” dos passageiros, ou seja, da aparência natural da pele do rosto da pessoa, especialmente sua cor ou qualidade. A mais comum é indicada com a abreviatura *DK*, que significa “Dark” (tez morena). Todos da família Lobato recebem esse código, com exceção de Eugenia, cuja compleição é identificada com a abreviatura *BLK* (Black).

A família chega a Nova Iorque no dia 7 de junho de 1927 – depois de treze dias de viagem, portanto. A datação do juramento escrito do comandante do navio, Charles E. Hilton, confirmado pelo oficial da imigração, atesta o dia da chegada. Após alguns dias, Lobato também se refere ao dia exato do desembarque, na carta de 26 de junho desse ano, endereçada ao cunhado Heitor:

Só agora, apesar de chegado no dia 7, tenho paz e ocasião de começar a escrever aos amigos. Já instalamos num ótimo apartamento em Long Island, que muito nos lembra o Jardim América e neste momento a casa está em silêncio porque a criançada foi com o Murilo a Coney Island, a célebre ilha das diversões maravilhosas. Ficamos os velhos, eu e Purezinha. (Lobato, 1961, p. 203)

O acompanhante das crianças citado pelo escritor é Murillo M. Lavrador, funcionário do escritório comercial do Brasil que igualmente viaja com a família. Nesse momento o advogado – como identifica sua ocupação na lista de passageiros estrangeiros do navio – está com 26 anos e também afirma ser capaz de ler em inglês. É interessante que declara ser ele o responsável pelo pagamento de sua passagem, não o governo brasileiro, e de já ter estado no país por um ano, em 1925, em Nova Iorque. Tal como Lobato, cita a Embaixada Brasileira em Washington como endereço nos Estados Unidos e declara a intenção de permanecer dessa vez por quatro anos.

Na sequência, apresentam-se as informações sobre a atuação de Edgar e Guilherme na escola.

2 MATRÍCULA DOS FILHOS NA THE ALLENTOWN PREPARATORY SCHOOL E DESEMPENHO DELES NA ESCOLA

Se há casos, na pesquisa, em que o acesso ao documento confirma as palavras do escritor em carta, existem aqueles em que conta algo diferente. É o que acontece com a matrícula dos irmãos Edgar e Guilherme – quem nos EUA sempre é identificado como William – na escola. Numa carta de 19 de setembro de 1927, a Alarico Silveira, Lobato diz: “Pus meus meninos numa escola pública do bairro [Jackson Heights] e noto que estão aproveitando muito. A Rute volta todos os dias com as provas estreladas.” (Lobato, 1961, p. 211). A consulta ao *site ancestry.com*, entretanto, possibilitou o acesso aos *Yearbooks* dos irmãos na The Allentown Preparatory School, uma escola privada do estado da Pensilvânia.

O curioso é que para a grande amiga Iainha Pereira Gomes, em carta de 2 de outubro de 1928, o escritor fornece informações mais condizentes com os fatos apurados: “Os meninos internos num colégio em Allentown, a menina mais velha num curso da Columbia University e a mais nova na Public School vizinha” (Nunes, 1986, p. 109). Julgava mais apropriado omitir gastos familiares do secretário da Presidência da República? Terá feito uma troca de um ano para outro de modo a delinear a carreira dos filhos nos EUA? Com base nos dados colhidos na pesquisa, pode-se afirmar que a segunda possibilidade é a mais próxima da verdade.

Por ser o mais velho, no registro obtido de Edgar na The Allentown Preparatory School, ele se encontra, no livro do ano de 1929, na *Sophomore Class*, isto é, no segundo ano do ensino médio; sua escola preparava, portanto, para o ingresso no ensino superior. Vê-se, na foto, Edgar junto de seus colegas. Ele é o primeiro, à esquerda, na segunda fila de baixo para cima.

Figura 1: Edgar na The Allentown Preparatory School



Fonte: <https://www.ancestry.com/>

Edgar era o filho com maiores possibilidades de seguir a carreira do pai como escritor. Quem diz isso é a irmã dele, Martha. Na entrevista gravada em 20 de setembro de 1982, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, dentro do projeto Memória de Monteiro Lobato, ela assim se manifesta no momento em que a entrevistadora Lúcia Pimentel de Sampaio Góes lhe pergunta se teria tido vontade de escrever também: “Lá em casa quem tinha jeito para escrever era meu irmão Edgar. Edgar tinha muito jeito.” (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, Entrevista de Martha Lobato Campos, 1982)

Ele também tinha habilidade como tradutor e isso quem diz é Gulnara Lobato de Moraes Pereira, prima e esposa de Edgar. Em sua entrevista para o projeto já referido, concedida em 4 de outubro de 1982, quando Marisa Lajolo indaga sobre outras pessoas que Lobato teria influenciado para o ofício da tradução, ela afirma:

Meu marido, primeiro marido, Edgar, também traduziu alguma coisa, mas não fez disso uma coisa, não fez disso profissão. Ele traduzia muito bem, com muita facilidade, mas não recebeu a mesma atenção que eu recebi, que ele [Lobato] me deu, que foi realmente uma coisa fora de série, não é? (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, Entrevista de Gulnara Lobato de Moraes Pereira, 1982)

Quanto ao filho mais velho, portanto, talvez o escritor Monteiro Lobato pensasse em prepará-lo para uma futura formação superior ligada às artes, às humanidades. Provavelmente seja essa a razão de Edgar ter sido colocado num curso regular da escola, conforme se comprova com um trecho da carta do diretor, Irvin M. Shalter, escrita a Lobato em 25 de setembro de 1928:

“The one boy [Guilherme] is taking the commercial course and the other boy [Edgar] is taking a regular course and is in our second year class.” (UNICAMP IEL/CEDAE, referência - MLb-3.2.00360).

Na carta, é importante dizer, o diretor Shalter também fala de instruções recebidas do escritor sobre a mesada dos meninos e pode ser que este tenha também disponibilizado instruções quanto às inclinações dos filhos e suas intenções como pai com a formação adequada a cada um.

Em relação a Guilherme e como se mostra claramente na missiva do diretor Irvin Shalter, o que se percebe são possibilidades ligadas aos negócios. Na The Allentown Preparatory School, encontra-se seu nome, no livro do ano de 1930, entre os formandos-membros do departamento do curso de comércio que conseguiram manter uma classificação, permitindo a permanência no Quadro de Honra da escola ao longo do ano letivo.

Figura 2: Guilherme no curso de comércio da The Allentown Preparatory School

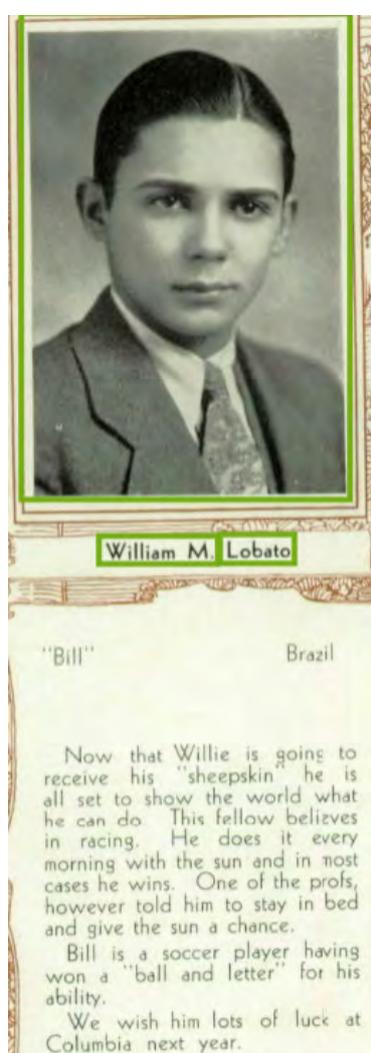
<p>SENIOR CLASS</p> <p>Allen, H. L. Jr. Baker, George Chappell, S. W. 3rd. Hirtle, J. E. Jr. Hunsicker, R. F. Koster, Rudolf Moatz, C. A. J. Millan, Philip Nelson, W. A. Peters, Glen S. Raker, Conrad W. Sacks, Geo. H. Schaffer, Chas. F. Schneller, John J. Schwalb, Edward Shafer, Francis T. Shaffer, Fred Uhle, John D. William, R. P.</p>	<p>SOPHOMORE CLASS</p> <p>Bascom, James M. Fox, Geo. E. Miller, Henry L. Reque, Styrk G. Jr. Scheirer, Frank B. Stankins, Jas. A. Turrell, James H.</p> <p>FRESHMAN CLASS</p> <p>Larrison, Rolf B.</p> <p>JUNIOR DEPT.</p> <p>Bieret, William Schmoyer, William Viehendorfer, Richard</p>
<p>JUNIOR CLASS</p> <p>Backinger, A. F. Behringer, Wm. H. Jr. Herman, Chas. T. Reidy, Hamil Wonderly, Chas. G.</p>	<p>COMMERCIAL DEPT.</p> <p>Agusti, Fernando Epstein, Thomas Gonzalez, Ruben Hauke, Charles W. Lobato, William</p>

Fonte: <https://www.ancestry.com/>

É importante reforçar que nos EUA o nome “Guilherme” corresponde à escrita “William”. O projeto era a continuação dos estudos em Nova Iorque e ele tinha credenciais para tanto. A excelente *performance* no departamento do curso de comércio é um indício forte de sua propensão para a área de negócios. Isso com certeza não passou despercebido ao atento pai, admirador de Henry Ford, sabe-se, e de seu filho Edsel Ford, com quem teve a oportunidade de almoçar na ocasião da visita feita à fábrica Ford em Detroit, em abril de 1928. É possível que Lobato vislumbrasse e planejasse um futuro promissor como empresário para si e para o filho mais novo nos EUA em vista dos fatos expostos.

O texto que acompanha sua foto entre os Seniors de 1930 antecipa a instituição para a qual parece estar pronto a ingressar em nível superior no ano seguinte, com grande probabilidade de ser da área de negócios e empreendimentos e, por isso, já contar com a aprovação de Lobato. O plano para os rebentos aparenta realmente existir e ser vislumbrado a partir das aptidões dos filhos e da formação escolar escolhida para eles em solo americano.

Figura 3: Guilherme na foto de formatura na The Allentown Preparatory School¹



Fonte: <https://www.ancestry.com/>

1 () Agora que Willie vai receber sua “pele de carneiro” [diploma], ele está pronto para mostrar ao mundo o que pode fazer. Este companheiro acredita em corridas. Ele faz isso todas as manhãs com o sol e na maioria dos casos ele ganha. Um dos professores, no entanto, disse-lhe para ficar na cama e dar uma chance ao sol.

Bill é um jogador de futebol que ganhou uma “bola e carta” por sua habilidade.

Desejamos a ele muita sorte na Columbia no próximo ano.

Mediante o conteúdo do livro do ano, descobre-se que Guilherme era bastante atuante na escola. Além do ótimo desempenho nos estudos do curso de comércio, jogava futebol, como o texto informa, e ainda participava de uma organização estudantil: o Latin-American Club. Na próxima foto, Guilherme Monteiro Lobato é o segundo na primeira fila de baixo, da direita para a esquerda.

Figura 4: Guilherme integrante de organização na The Allentown Preparatory School



Fonte: <https://www.ancestry.com/>

Percebe-se, no texto que relaciona o nome dos integrantes do clube e descreve seus objetivos, a informação equivocada sobre a língua materna dos membros, o que se acredita seja unicamente o espanhol.

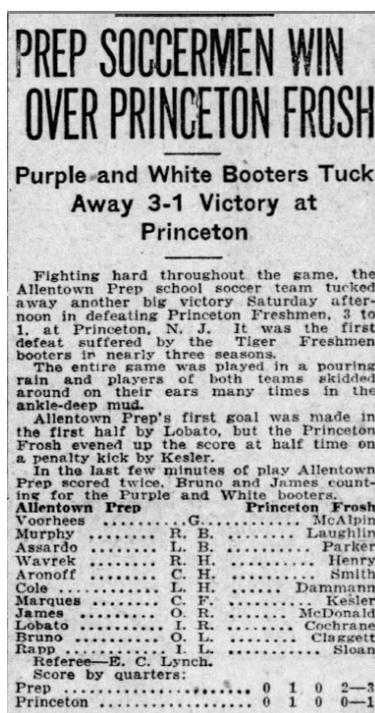
Of all the common interests which serve to bind together the members of the various clubs at Allentown Prep, there is perhaps, no stronger tie than the one which binds the Latin-American students together. Being hundreds of miles from their homelands, it is perfectly natural that these boys, who speak the Spanish language should combine for their mutual welfare. The club is purely social in nature, affording the members opportunities of gathering together and conversing in their native tongue². (Ancestry.com. U.S., School Year-books, 1900-1999)

É notória, enfim, a desenvoltura de Guilherme na escola. Na prática dos esportes inclusive. Pode-se con-

2 () De todos os interesses comuns que servem para unir os membros dos vários clubes da Allentown Prep, talvez não haja nenhum vínculo mais forte do que aquele que une os estudantes latino-americanos. Estando a centenas de quilômetros de sua terra natal, é perfeitamente natural que esses meninos, que falam a língua espanhola, se unam para o bem-estar mútuo. O clube é de natureza puramente social, oferecendo aos membros oportunidades de se reunir e conversar em sua língua nativa.

firmar essa informação nas notícias divulgadas no jornal de Allentown, *Allentown Morning Call*, sobre as partidas de futebol disputadas pelo time da escola, mais frequentes na menção ao nome de Guilherme. No material seguinte, de 5 de novembro de 1928, noticia-se uma partida em que o filho caçula de Lobato marca um gol.

Figura 5: Guilherme no jornal *Allentown Morning Call*³



Fonte: <https://www.newspapers.com/>

Em parte, a diferença apontada entre os irmãos explica-se pela doença de Edgar, que pode tê-lo debilitado já a partir do fim de 1928. Esse é o assunto do próximo tópico.

3 EDGAR: AFASTAMENTO DA ESCOLA E RETORNO AO BRASIL

Numa carta a Alarico Silveira, de 15 de março de 1929, Lobato menciona o afastamento de Edgar da escola e as razões para isso:

Aqui andamos de doença em casa. O Edgard teve gripe e ficou com perturbações cardíacas conseqüentes. Teve de deixar o colégio e está conosco, em dieta de repouso e outras. Isso é o diabo, porque nada mais caro nesta terra do que adoecer. É luxo de rico. (Lobato, 1961, p. 281)

3 () Jogadores da Escola Preparatória vencem Princeton Frosh

Booters roxos e brancos vencem por 3 a 1 em Princeton

Lutando duro ao longo do jogo, o time de futebol da escola preparatória Allentown conseguiu outra grande vitória no sábado à tarde ao derrotar os calouros de Princeton, por 3 a 1, em Princeton, N. J. Foi a primeira derrota sofrida pelos booters Tiger Freshmen em quase três temporadas.

O jogo inteiro foi jogado sob uma chuva torrencial e os jogadores de ambas as equipes derraparam muitas vezes na lama até os tornozelos.

O primeiro gol da Allentown Prep foi marcado no primeiro tempo por Lobato, mas o Princeton Frosh empatou o placar no segundo tempo em um pênalti de Kesler.

Nos últimos minutos de jogo Allentown Prep marcou duas vezes, Bruno e James contando para os booters Roxos e Brancos.

[...]

Árbitro - E. C. Lynch

Pontuação por trimestres

[...]

É espantoso perceber como os custos elevados dos tratamentos de saúde naquele país remontam aos anos da década de 1920. Motivado por essa realidade, em 18 de abril do mesmo ano, Lobato volta a escrever a Alarico. Nessa mensagem, fornece mais detalhes da doença do filho e chega a cogitar a possibilidade de ter ele também de afastar-se do trabalho, obtendo uma licença remunerada “de três ou seis meses”. Como tencionava levar Edgar para tratar-se na Ilha da Madeira, põe-se à disposição para efetuar “qualquer coisa de estudo que [...] possa fazer ali pelos Açores”. Na sequência, expõe-se o quadro preocupante da doença do filho, na descrição feita pelo pai na carta aludida:

Ontem fêz exame radioscópico dos pulmões e verificamos que está com vários pontos congestos, que se tuberculizarão se não acudirmos a tempo com o único remédio adequado: clima. E clima, aqui perto e ao alcance das minhas posses, só há um: a Ilha da Madeira para onde segue na próxima semana. (Lobato, 1961, p. 284-285)

O diretor da Allentown Preparatory School, Irvin M. Shalter, ao saber pelo pai que Edgar não retornaria à escola, por causa de sua enfermidade, lamenta o fato em carta de 23 de abril de 1929. Pede ao escritor que o recomende ao filho e elogia seu desempenho: “He was a good boy here at school and stood at the head of his class.” (UNICAMP IEL/CEDAE, referência - MLb-3.2.00363).

Descobre-se, assim, que Edgar estava à frente de sua turma no curso regular que frequentava. O diretor fala ainda de sua esperança na volta do rapaz à instituição, o que, infelizmente, não acontecerá. Na carta de Lobato a Alarico, de 9 de maio de 1929, revela que o plano da viagem à Ilha da Madeira fracassa, levando-o a pensar em outras possibilidades de tratamento em localidades de Portugal. Diz que Edgar aparenta estar melhorando e, em meio a informações sobre o filho, prossegue com o relato de seus sucessos na função de adido comercial.

Na correspondência do dia 28 do mesmo mês e ano, Lobato reforça a informação sobre a lenta recuperação do filho, o que o conduz a dispensar a ajuda oferecida por Alarico. Desta forma descreve a moléstia de Edgar naquele momento: “Doença terrível a gripe, não em si, durante o período agudo, mas depois, pelos misteriosos resíduos que deixa no organismo, verdadeiros *puzzles* para os médicos.” (Lobato, 1961, p. 287-288)

Justamente por causa do enigma da doença é que decide mandar Edgar de volta ao Brasil. O embarque acontece em 18 de julho de 1929, e Lobato diz ao amigo Anísio Teixeira, em carta de 25 de julho desse ano: “O Edgard seguiu para o matadouro no dia 18, pelo Alegrette, do Lloyd. Como tivesse gripe e emperrasse em sarar completamente, mandei-o a ares pátrios. (Nunes, 1986, p.114)

A consulta ao acervo do jornal *The New York Times* provou estar realmente atracado na data mencionada o navio a vapor Alegrette. Na seção destinada às informações sobre a movimentação nos portos, sob o título “Outgoing Passenger and Mail Steamships” (Navios de embarque de passageiros e correio), localiza-se a seguinte informação sobre o navio: “(Lloyd Brasileiro). Santos (mails close 9 A.M.). sails from 43d. St., Brooklyn, South Brazil. Specially adressed only. (correios fecham às 9h). navega a partir de 43d. St., Brooklyn, Sul do Brasil. Especialmente endereçado apenas) (*The New York Times*, Shipping and Mails, 1928).

Com a consulta ao acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*, foi possível encontrar na seção “Portos – Movimento Marítimo”, do dia 15 de agosto de 1929, a entrada do navio Allegrette no porto de Santos. Foi precisamente em 14 de agosto desse ano que o navio chegou, trazendo, portanto, Edgar Monteiro Lobato. Foram vinte e sete dias a bordo, bem mais do que os treze passados pela família na viagem de ida para os Estados Unidos. O American Legion, porém, era um navio mais moderno e mais rápido. Talvez movido pela experiência dessa viagem de ida aos EUA, imaginando possivelmente o mesmo período na jornada de volta ao Brasil, é que Lobato escreve a Alarico em 8 de agosto de 1929 e pergunta: “O Edgard com certeza já visitou V. e deu notícias das cousas daqui, não? (Lobato, 1961, p. 290)

Seis dias ainda seriam enfrentados a bordo pelo filho do escritor, todavia, antes de poder pisar o solo brasileiro e fazer o contato esperado pelo pai. Diz-se “enfrentados”, porque não é difícil supor quão terríveis podem ter sido os vinte e sete dias passados a bordo de um navio para uma pessoa seriamente debilitada pela gripe como era o caso de Edgar. Mesmo com os cuidados que passou a receber em casa dos tios Heitor e Esther e dos esforços de Lobato para angariar dinheiro do tratamento da doença no Brasil, a verdade é que esse fato alterou todo o plano pensado por ele para os filhos e pode ser considerado o primeiro elemento da derrocada nos EUA.

Guilherme, sabe-se, continuou seus estudos na The Allentown Preparatory School e chegou a formar-se em 1930. Não ingressou, contudo, na Universidade de Columbia de Nova Iorque, como era o plano traçado para ele. A seriedade da doença de Edgar seguiu modificando os planos do chefe da família e ele admite, em carta de 16 de abril de 1930 à irmã Esther, chamada carinhosamente por ele de Teca, que já não mais tinha esperança do retorno do filho aos EUA.

Vejo que a doença de Edgard foi muito séria e vai tomar tempo para completa *recovery*. Como Purezinha talvez já mandasse dizer, tínhamos muita vontade que êle voltasse e voltasse em maio com o [Fortunato] Bulcão. Parece certo que êste meu grande amigo vem em companhia do Júlio Prestes [eleito presidente da República, não toma posse, em função da revolução de outubro de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder], talvez pelo “S. Paulo” e dêsse modo o nosso doente teria a melhor companhia possível. Já escrevi a Bulcão prevenindo a hipótese e creio que tudo agora depende que êle esteja em situação de viajar no mês próximo. Mas tuas últimas me tiraram a esperança disso. (Lobato, 1961, p. 301-302)

Não demorará muito para que escreva uma nova carta à irmã e nela divulgue o prejuízo que tivera com a quebra da Bolsa de Nova Iorque. Nessa carta, escrita em 1930, sem que se possa precisar o mês, também revela o corte de seu ordenado pelo governo brasileiro. Pede que nada seja dito ao filho Edgar e nem à Purezinha, porque ainda acreditava em “excelentes negócios” com os quais fazia muito dinheiro. O sonho de Lobato não tem fim, mesmo diante de tantos percalços. O retorno ao Brasil com a família inevitavelmente acontece, porém. O embarque no navio Cubano, em Nova Iorque, data de 19 de março de 1931. A chegada ao Brasil dá-se em 10 de abril desse ano, depois de 21 dias de viagem. O plano para os filhos em solo americano estava definitivamente encerrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste escrito sobre as ações dos filhos do escritor Monteiro Lobato nos Estados Unidos da América, cabe reforçar a provável existência de um plano concebido pelo autor para os rebentos, em que se percebe a consideração das aptidões de Edgar e Guilherme decidindo a escola e o curso escolhido para cada um.

Apesar de o projeto não se concretizar conforme os desejos do pai, confirmou-se a disposição dos filhos para darem de si o melhor, inscrevendo o nome deles naquele país e elevando o nome do Brasil. Eles provaram ter os requisitos necessários para seguirem adiante com os planos traçados: capacidade de adaptação, determinação, disciplina, sociabilidade. Não fossem a doença de Edgar e as adversidades provenientes da economia dos EUA e da política no Brasil, eles teriam com certeza alcançado o sucesso naquele país.

Há que se ressaltar ainda as habilidades de Guilherme no campo do comércio, o que indicava a possibilidade de apoiar os empreendimentos imaginados por Lobato em solo americano, assunto de um próximo artigo. Edgar, por seu turno, encaminhado para um curso regular, talvez pudesse formar-se na área de humanidades e unir-se ao pai na escrita criativa, porquanto era o filho que mais dotes possuía no ofício que consagrou seu genitor, como se sabe.

Sem terem tido a oportunidade de realizarem plenamente suas aptidões, em razão do fim do sonho americano e da morte prematura de ambos no Brasil – Guilherme em 1939 e Edgar em 1942 – cumpriram com êxito ainda assim, conforme os fatos apresentados neste material, a missão de serem filhos de um dos maiores escritores desta terra.

REFERÊNCIAS

- E. M. Lobato. U. S. School Yearbooks, 1900-1999. 1929. Recuperado de: https://www.ancestry.com/search/collections/1265/?name=Edgar+Monteiro_Lobato&residence=1929
- Góes, L. P. S. Entrevista de Martha Lobato Campos. Museu da Imagem e do Som – São Paulo – Brasil. Memória de Monteiro Lobato. 20 set. 1982. Recuperado de: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-marta-lobato-campos>
- Góes, L. P. S. Entrevista de Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Museu da Imagem e do Som – São Paulo – Brasil. Memória de Monteiro Lobato. 4 de outubro de 1982. Recuperado de: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-gunara-moraes-lobato-pereira-e-antonio-olavo-pereira-parte-12>
- Jose B Monteiro Lobato. New York, U.S., Arriving Passenger and Crew Lists (including Castle Garden and Ellis Island) 1820-1957. 1927. Recuperado de: https://www.ancestry.com/search/categories/40/?name=Jose+B+Monteiro_Lobato&location=2&priority=usa
- Lobato, M. (1957). *A Barca de Gleyre* (2º Tomo). 8.ed. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, M. (1961). *Cartas escolhidas* (1º Tomo). 2.ed. São Paulo: Brasiliense.
- Nunes, C. (1986). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record.
- Outgoing Passenger and Mail Steamships. (1929, Julho, 18). *The New York Times*, p. 22. Recuperado de: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1929/07/18/issue.html>
- Portos – Movimento Marítimo. (1929, Agosto, 15). *O Estado de S. Paulo*, p. 13. Recuperado de: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19290815-18315-nac-0013-999-13-not>
- Prep soccermen win over Princeton Frosh. (1928, Novembro, 5). *Allentown Morning Call*, p. 18. Recuperado de: <https://mcall.newspapers.com/image/279513779>
- Santana-Dezmann, V.; Milton, J.; D’Onofrio, S. T.; Martins, T. D. *Observatório Lobato*, 2022. Recuperado de: <https://www.observatoriolobato.org/>
- Santana-Dezmann, V.; Milton, J.; D’Onofrio, S. T. (Orgs.) (2022). *Monteiro Lobato: Novos Estudos – III Jornada Monteiro Lobato*. Lünen-Alemanha: Oxalá. Recuperado de: https://www.observatoriolobato.org/_files/ugd/a82072_08248ca0be204ecaa3e4ce-2010071db1.pdf.
- UNICAMP IEL/CEDAE, referências - MLb-3.2.00360. Recuperado de: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/corre_passiva/MLb-3.2.00360.htm
- UNICAMP IEL/CEDAE, referências - MLb-3.2.00363. Recuperado de: https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/corre_passiva/MLb-3.2.00363.htm
- William M. Lobato. U. S. School Yearbooks, 1900-1999. 1929. Recuperado de: https://www.ancestry.com/search/collections/1265/?name=William+Monteiro_Lobato&residence=1930

RECADO À DONA CLEO (MONTEIRO LOBATO)

José Carlos Sebe Bom Meihy¹ 

RESUMO

Texto em forma de “recado” promovendo avaliação sobre a recepção atual da obra de Lobato. Com ênfase aos problemas sobre racismo e “politicamente correto”, pretende-se discutir o revisionismo lobatiano.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Racismo, preconceito, literatura, história.

Dona Cleo.

Com aspirada intimidade, permita-me simplesmente chamá-la de Cléo. Posso? Apoio esta minha audácia no fato de termos algo em comum, uma causa que nos aproxima bastante: a devoção a Monteiro Lobato. Por certo, sua condição familiar lhe empresta prestígio natural, pois bisneta tem poderes garantidos até pela estrutura jurídica que, aliás, a legitima na ordem sucessória direta. E cumprimento-a pelo empenho em assumir a defesa pública de bisavô tão querido por tantos, ainda que agora, infelizmente, ele volte a ser atacado por uma turba curtida na cultura do cancelamento eletivo... E Lobato foi o escolhido para ser o apedrejado da vez, apontado por ser racista, preconceituoso, ou sei lá o que mais.

Vítima de uma estratégia rasteira - tecnicamente chamada de *anacronismo* -, alguns de seus escritos têm sido recortados em frações que cuidam de descontextualizar passagens e assim favorecer leituras oportunistas. Deslocados, esses fragmentos se multiplicam desenhando um mosaico estranho ao pretendido, algo distinto do que seria se vistos em suas composições originais e historicidades autênticas. Sim é lamentável notar a rasa “presentificação” que muitos fazem de Lobato, como se ele estivesse escrevendo agora, com os valores de hoje e para um público de nossos dias. Acho incrível quando o fiam nas malhas da eugenia esquecendo-se, entre outras coisas, que à época, figuras de proa na vanguarda progressista eram eugenistas. E o olhe Cleo (posso, né?) que estou falando de Dom Helder Câmara, João Cândido (o nosso valoroso “Almirante Negro”) e até do querido Vinicius de Moraes que, integrando lista longa de nomes, flertou com a eugenia. Pois é, quase todos mudaram, inclusive Lobato.

¹ Univerdade de São Paulo (USP)

Autor Correspondente: José Carlos Sebe Bom Meihy
E-mail: jcarlosbm@hotmail.com

Recebido em 18 de Fevereiro de 2022 | Aceito em 05 de Julho de 2022.

É verdade que nosso herói nunca deixou de ser polêmico, combatido, provocador de poderosos inimigos pessoais e institucionais - não foi, aliás, por pouco que ele tenha amargado meses na cadeia. Intriga muito assinalar que há uma espécie de tática iconoclasta voltada ao mais famoso escritor taubateano. Destacado em passagens de suas valentes experiências, o nosso Juca experimentou as principais correntes de seu tempo. Sabe, admiro demais a coragem de seu bisavô que nunca renunciou às novidades, cuidando de adaptar seus pressupostos de classe social. E como foi intenso em cada uma dessas aventuras: comunista, socialista, monarquista, georgista, entreguista frente os Estados Unidos, racista, materialista, espírita, parapsicólogo, nossa, tantas e continuadas referências. Todas transitórias e voláteis. E, curioso, não faltam passagens que confirmam cada uma delas. Incrível isso, não? E por que será que o estacionaram na questão eugênica? Por que será que não assinalam as mudanças de opinião?

Aprendi que é difícil falar de Lobato sem datar as referências. Sim, a cada citação faz-se necessário remeter ao seu momento vivencial, à frenética dinâmica de seus dias e à correspondente lista de textos publicados. Pois é, a obra de Lobato é complexa e merece ser lida na inscrição de sua intrincada biografia. Sem profundidade, são categóricos seus adversários que tudo emendam sem nuançar detalhes de espaço e tempo. Simplistas demais, seus detratores ignoram que se pode dizer que há um Monteiro Lobato para cada momento e, perpetuando enquadramentos pontuais, tantos tratam de explicar a floresta pelo destaque de uma única árvore. O que é impossível negar, felizmente, é sua presença na dilatação do moderno imaginário brasileiro. Aí ele é gigante e absoluto, soube-se firmar como instigador e assim rasgou o céu fechado de visões passadistas.

Tenho me surpreendido com certos movimentos favoráveis aos que acham ser natural o processo de retomada da obra de Lobato. Neste sentido, aliás, respeito e louvo admirado sua postura em propor alguma “atualização” de suas ideias. Do fundo do meu coração, reconheço valor legítimo nisso, mas me vejo também autorizado a dar alguns pitacos (como diria Emília). Antes, deixe-me apresentar. Sou modesto acadêmico, historiador, professor aposentado do Departamento de História da USP. Muito mais que isso, sou leitor crônico de Lobato e, nos limites de minha abrangência, tenho assumido o papel de crítico da respeitável obra de nosso escritor amado. Dizendo de outra maneira, me perfilo na linhagem daqueles inumeráveis “filhos de Lobato”, segundo adjetivação proposta por José Roberto Whitaker. Há, porém, um diferencial que pode distinguir minha atitude: cresci em Taubaté convivendo com alguns personagens capitais para o entendimento da memória do criador do Sítio do pica pau amarelo.

Admirador da produção de Osni Lourenço Cruz, busco ser cultor de explicações que querem entender as raízes e o comprometimento de Lobato com sua base familiar, pessoas ligadas às tramas históricas de uma sociedade escravocrata. Há algo aclarador nisso, pois exatamente aí reside o segredo da produção de alguém que sendo da elite preocupou-se em modernizar. Parto desta forma para identificar o suposto que garante a existência de duas tabulações da crítica lobateana, uma muito potente e reconhecida “de fora” e, outra, agora vigorada por devotos como Osni Cruz, “de dentro”. A diferença é que os “de fora” promovem um Lobato feito de leituras analíticas, decorrentes de publicações impessoalizadas, e os demais – nós vale-paraibanos – mantemos respeito às suas tradições familiares, claramente voltadas a um conservadorismo que o perturbava, mas do qual queria sair sem ter modelos. Talvez esse dilema explique o nosso Monteiro Lobato como eterno mutante. Mutante inclusive das posições eugênicas. Interessante como isto pode provocar releituras de suas obras, principalmente das dirigidas às crianças.

O primeiro livro que puxou a carreira de minha vida de leitor foi “Reinações de Narizinho”, isso quando ainda a menina Lúcia era considerada em sua “cor de jambo”, moreninha como moreninho foi seu bisavô, neto da escrava Anacleto Augusto do Amor Divino. Estranho como pouca gente

deixa transparecer essa característica do nosso Lobato. Será que sabem? E desde então navego ao longo do vasto mar de especialistas e biógrafos, sempre admirado das ausências de menções a essas singularidades e carentes de instrução histórica. Sabe como é, né: paixão da meninice a gente nunca esquece, arrasta vida a fora e assim fico intrigado pela falta de compreensão de dados que são essenciais para julgamentos.

Do chão de minhas memórias pessoais sobre Lobato, declaro que sempre fui alinhavando argumentos que, de comentários soltos viraram artigos, temas de palestras, cursos. Como persona amiga, o bom Lobato nunca se descolou de mim. Assim, tal paga obrigatória – algo tipo dízimo intelectual afetivo – vou e volto ao seu bisavô. Estou ciente que na fortuna crítica do debate lobateano, funciono mais como aquele bichinho acarrapatado do que como crítico esperto em literatura, mas não deixo de me posicionar. Nem consigo...

Sou historiador de ofício e isto garante viés específico justificador do meu apego lobateano, que, contudo, se faz também por outra razão pessoal: mais que conhecer, convivi com pessoas que partilharam a vivência de Lobato, tipos do Vale do Paraíba. E então, morador que fui de Taubaté, tenho assumido o ajuste da busca de um “Lobato doméstico”, homem vinculado às inefáveis origens que o explicam como herdeiro de uma oligarquia posta em questão, alguém que, mesmo sendo afamado intelectual, nunca deixou de ser meio acaboclado – tal “caboclinho de Taubaté” –, personagem indeciso no mundo dos negócios capitalistas. Sabe Cleo, ainda sofro a cada vez que retomo as falências de negócio e o identifico como capitalista mal resolvido, mas nunca deixei de compreender essas suas limitações, mas, como se fora vingança, me distraio com as procuras incessantes de algum triunfo quimérico nos negócios: fabricar doces, ter restaurante em Nova York, publicar livros comestíveis. Sonhador ele, não?

Troco com constância o “grande Lobato”, o exibido empreendedor, capitão da indústria, pela vivência de amigo devotado, saudosista do tempo dos “três jacarés” (Gentil de Camargo, Cesídio Ambrogi e ele). Ele nunca deixou Taubaté e a crítica nas vezes amargas que fez provam seu apego. Foi em Taubaté que ele nasceu e onde está sepultado – círculo perfeito este. Gosto disso. Gosto porque humaniza Lobato além da santificação ou maldição irrestritas, como se fora herói ou anti-herói nacional forjado em jargões. Saído da tradição cafeicultora, o mundo dos negócios lhe era enigma desafiador que, aliás, o jogou no mais fatal dos paradoxos: chegar a adido comercial em Nova York. Ironia, não?! Como é difícil entender Lobato!...

Já que me permiti tangência crítica, devo dizer que concordo com a senhora em relação à retomada da obra de Lobato em novas chaves. Defendo, porém que sejam mantidas suas propostas como foram firmadas depois do estabelecimento definitivo de seus textos nas “Obras Completas” publicadas de início pela Editora Brasiliense na raiz dos anos de 1960. Discordo de “atualizações”, em particular daquelas feitas em nome do mercado, como se ele precisasse. E também desdenho “correções” politicamente corretas. E como me entristeço quando tiraram o cachimbo do saci, embranqueceram Narizinho, desdenharam Tia Anastácia tão amada por Pedrinho que a via detentora da sabedoria popular.

Sinceramente, refuto cirurgias editoriais, sempre feitas por operadores mais capazes de deformar obras do que exercitar leituras instigantes. Há, imagine, quem defenda “edições”, “correções”, “modernizações”, tudo em nome de um suposto oportunismo. Em vez de proporcionarem análises na base do “como era” versus “como é, ou como deveria ser”, querem elidir passagens, redizê-las “de outro jeito”, algo moderninho no pior sentido da palavra. Para mim, o mais danado de tudo é que o propõe em nome de causas, de direitos humanos, de reparações, e de favorecimento ao movimento negro. Pode?

Cleo, saiba que não me conformo com segmentos que tanto criticaram Rui Barbosa por queimar documentos e que agora reivindicam a mesma prática de cancelamento do nosso Lobato. Triste, né? Sabe, às vezes me veem à cabeça a lembrança dos talibãs que em março de 2009 destruíram, no Afeganistão, as maiores estátuas de Buda existentes no mundo.

Creio que poderíamos juntar forças em uma direção mais justa e afinada com o que seu bisavô pretendia: discutir a cultura de maneira inteligente e crítica. Vamos fazer uma campanha para discutir as estratégias de leituras da obra de Lobato? Que tal pensar mediações de leituras, multiplicar comentários sobre o passado, o presente e transições? Propor análises comparativas de obras da época e de agora, que acha? Isso não seria melhor do que deformar aquela produção tão criativa, cheia de inventividade, instigadora de problemas? Sabe, imagino alguém lendo as passagens sobre o Jéca Tatu de 1914, depois retomando-as em 1931 e agora. Não seria magnífico? Em vez de autoritariamente, sob qualquer pretexto, mudar o texto estabelecido, discuti-lo promovendo entendimento sobre o andamento histórico. Ah, devo dizer também que sou daqueles que não acreditam que mudando a linguagem não se altera a mensagem. Mexeu, mexeu, do verbo alterar...

Enfim, sou grato ao nosso tempo por duas razões lobateanas: uma por notar que sua obra está viva e continua incomodando; outra, por saber que a força da expressão proposta por nosso autor insiste em provar que sim, o Brasil é racista – sempre foi – e que, como Lobato, é capaz de mudar. Sejam vibrantes contra o cancelamento e que Lobato continue nos abençoando.

Respeitosos abraços

José Carlos Sebe Bom Meihy